

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**THIAGO AUGUSTO DA SILVA**

**O CONCEITO DE DEUS EM EDITH STEIN**

**CAMPINAS**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
THIAGO AUGUSTO DA SILVA**

**O CONCEITO DE DEUS EM EDITH STEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Trasferetti.

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

231  
S586c

Silva, Thiago Augusto

O conceito de Deus em Edith Stein / Thiago Augusto Silva. - Campinas: PUCCampinas, 2022.

95 f.

Orientador: José Antônio Trasferetti.

TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Deus. 2. Homem (Teologia). 3. Razão. I. Trasferetti, José Antônio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Filosofia. III. Título.

CDD - 22. ed. 231

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
THIAGO AUGUSTO DA SILVA**

**O CONCEITO DE DEUS EM EDITH STEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e aprovado  
em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_ pelo professor orientador:

---

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Trasferetti  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**CAMPINAS**

**2022**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso primeiramente à Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte e autor de todo saber; à Santíssima Virgem Maria, mãe e mestra nos caminhos do Senhor; aos meus avós que me criaram Maria Augusta da Silva (*in memoriam*) e Francisco Domingues (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

À Deus,

Por ser Àquele que me impulsiona nos caminhos da interioridade e do conhecimento d'Ele.

À Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo,

Que por seu sim, trouxe o *Logos* de Deus à nossa terra.

Aos meus familiares,

Por acreditarem em mim e me apoiarem em todas as minhas escolhas.

À Congregação dos Agostinianos da Assunção,

Por possibilitar-me avançar no conhecimento acadêmico, no crescimento humano e espiritual.

Ao Pe. João Gomes, a.a.,

Pelo modelo de sacerdote, assuncionista, mestre e amigo, em quem eu sempre pude confiar.

Ao Pe. Célio Firmo, a.a.,

Por me haver apresentado a Congregação e sempre acreditado em minha vocação.

Ao Pe. Luiz Carlos de Oliveira, a.a.,

Que prontamente me ajudou na correção ortográfica deste trabalho.

De modo especial agradeço ao Pe. Mauro Osório de Carvalho, a.a. (*in memoriam*),  
Por haver me acolhido nesta família religiosa e ensinado valores que levarei por toda a vida.

Aos meus queridos irmãos de Comunidade,  
Que tanto contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

Destaco o apoio, os apontamentos e a leitura atenta do Ir. Yan Pires da Silva, a.a.,  
Meu colega de Noviciado, dos Primeiros Votos e amigo para toda a vida.

Aos colegas de faculdade,  
Os quais sempre me animaram, encorajaram e auxiliaram nos momentos de dificuldade.

Aos colegas, João Gabriel de Paula Silva (Diocese de Bragança), Higor de Souza Mendes (leigo) e Frei Christiam de Faria Rosas (Frade Carmelita),

Os quais, também, dedicaram-se a estudar a obra de Edith Stein e, juntos, partilhamos conhecimentos, bibliografias, encoramos uns aos outros na árdua tarefa do saber filosófico.

De modo especial ao querido amigo Natan Augusto Pimentel Santos, pré-noviço redentorista,

Pela ajuda na diagramação e formatação deste trabalho.

Ao Me. Pe. João Batista Cesário, da Arquidiocese de Campinas,

Por ser o meu diretor espiritual, responsável por ser o guia nos caminhos da vida interior.

Ao Prof. Dr. Renato Kirchner, Diretor da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

Por ensinar-me a amar a Filosofia, por apresentar-me Edith Stein, pela ajuda no momento de delimitar o plano de leitura e pelos materiais disponibilizados de sua própria autoria.

À Profa. Dra. Virgínia Ascuy, da Pontifícia Universidad Católica Argentina,

Por reacender em meu coração o desejo de estudar sobre a vida e a obra de Edith Stein.

Ao Prof. Dr. Jairo Ferrandin,

Por auxiliar-me na compreensão de alguns temas importantes da Metafísica, os quais foram de capital importância na hora de escrever este Trabalho.

Finalmente, agradeço ao Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti,

Por acompanhar-me neste processo de escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Com suas correções assertivas e com suas dicas preciosas para que eu conseguisse levar a cabo este trabalho.

“Aquele que derramou suor e sangue  
numa angustiante luta no Monte das Oliveiras  
rogando intensamente ao Pai:  
Foi Ele quem obteve a vitória;  
Foi aí que o acontecimento mundial foi decidido.  
Caíam por terra e rezem  
e não mais pergunteis:  
Que? Como? Onde? Quando?”

Edith Stein  
(1891-1942)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar qual o conceito de Deus no pensamento filosófico de Edith Stein. Por meio de um estudo aprofundado de seus escritos, buscamos compreender como Edith Stein concebe a relação da razão natural com a razão sobrenatural, entender qual o papel da fé no sistema filosófico steiniano, analisar o que a autora entende por verdade. Ao estudar a obra filosófica de Edith Stein, nos deparamos com um vasto material que compreende mais de duas décadas da produção literária da filósofa. Partindo do ser finito chegar a compreensão dos ser eterno, auxiliados pela razão natural e pela razão sobrenatural. Por isso delimitamos nossa pesquisa na leitura de suas obras principais a um período de sua produção literária após sua conversão ao cristianismo, ou seja, a partir de 1921. As principais obras utilizadas na elaboração deste trabalho foram: Ser finito e ser eterno (1936) e A Ciência da Cruz (1941), outras obras importantes de apoio foram as cartas escritas a partir de 1921. Por meio da leitura destes e outros textos que fazem parte de nossa referência bibliográfica, buscamos apresentar da maneira mais clara possível, o que Edith Stein compreendeu por Deus, e, como ela traduz isso em suas obras filosóficas da segunda fase de sua produção literária. A partir dos quais podemos concluir que o conceito Deus é compreendido na obra de Stein deste a experiência familiar como o Eterno, Deus que se apresenta ao povo judeu, que o elege dentre todos os povos para fazer com ele uma aliança. Posteriormente, auxiliada pela reflexão aristotélico-tomista, a filósofa compreende a Divindade como: ato puro, primeiro ente, o ser, aquele que pode dar o ser a outrem. Por fim, entramos nas elucubrações filosóficas sobre a Trindade, o Pai Criador, o Filho, da mesma substância que o Pai, o Espírito Vivificador. Até concluir seu pensamento contemplando a figura do Crucificado, sendo introduzidos em uma ciência da Cruz.

**Palavras-chave:** Deus. Ser eterno. Ser. Cruz. Fé. Razão natural. Razão sobrenatural.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze the concept of God in Edith Stein's philosophical thought. Through an in-depth study of her writings, we seek to understand how Edith Stein conceives the relationship between natural reason and supernatural reason, understand the role of faith in Stein's philosophical system and analyze what the author understands by truth. When studying Edith Stein's philosophical work, we are faced with a vast material that comprises more than two decades of the philosopher's literary production. Starting from the finite being, arriving at the understanding of the eternal being, aided by natural reason and supernatural reason. That is why we delimited our research in the reading of her main works to a period of literary production after her conversion to Christianity, that is, from 1921 onwards. The main works used in the elaboration of this thesis were: *Finite and Eternal Being* (1936) and *Science of the Cross* (1941), other important supporting works were the letters written from 1921 onwards. Through the reading of these and other texts that are part of our bibliographical reference, we seek to present in the clearest possible way, what Edith Stein understood by God, and how she translates this into her philosophical works of the second phase of her literary production. From which we can conclude that the concept of God is understood in Stein's work from this familiar experience as the Eternal. God who presents himself to the Jewish people, who chooses him from among all peoples to make an alliance. Subsequently, aided by the Aristotelian-Thomist reflection, the philosopher understands the Divinity as: pure act, first entity, the being, the one who can give being to another. Finally, we enter the philosophical lucubrations about the Trinity, the Creator Father, the Son, of the same substance as the Father, the Life-giving Spirit. Until the conclusion of Stein's thought contemplating the figure of the Crucified One, being introduced into a science of the Cross.

**Keywords:** God. To be eternal. To be. Cross. Faith. Natural reason. Supernatural reason.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – UMA FILÓSOFA NOS CAMINHOS DO ETERNO .....	13
1. “O ETERNO ESTEJA CONTIGO” .....	13
2. STEIN E A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL .....	19
3. EDITH STEIN, VOLUNTÁRIA DA CRUZ VERMELHA.....	21
4. O CAMINHO DE CONVERSÃO DE UMA FILÓSOFA AGNÓSTICA.....	23
5. O CARMELO E A CRUZ: UM HOLOCAUSTO DE AMOR.....	31
CAPÍTULO 2 - A CONVERGÊNCIA ENTRE RAZÃO E FÉ.....	36
1. UMA NOVA FILOSOFIA CRISTÃ .....	36
1. A VERDADE .....	40
3. A MÍSTICA DA CRUZ.....	54
CAPÍTULO 3 – O CONCEITO DE DEUS EM EDITH STEIN .....	60
1. NO PRINCÍPIO CRIOU DEUS: DO ETERNO AO DEUS CRIADOR.....	62
2. O AMOR, O AMADO E O AMANTE: A TRINDADE SANTA.....	69
3. DO LOGOS ETERNO AO CRUCIFICADO .....	80
CONCLUSÃO .....	87
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	91
1. BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA: .....	91
2. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:.....	91
3. BIBLIOGRAFIA TERCÍARIA: .....	92

## INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, buscaremos responder algumas questões que nos chamaram a atenção durante a leitura sobre a vida e obra da filósofa alemã, Edith Stein (1891-1942).

Seguiremos a busca da própria autora, delineada em “Ser finito e ser eterno”, uma ascensão ao sentido do ser, ou seja, partindo da vida da própria autora até chegar em sua concepção da Divindade, fruto de sua experiência religiosa e de seus estudos filosóficos.

A primeira indagação fora, de que maneira Deus surge como objeto de estudo filosófico na obra de Edith Stein? Onde buscamos compreender o caminho que levou a filósofa fenomenóloga, que provinha de uma família judia, e era agnóstica a acreditar em um Deus pessoal e, a partir desta experiência de fé, dedicar-se a estudar sobre este Deus.

Outra questão importante será: como a autora, vivendo em uma época em que a experiência religiosa era considerada incompatível com o pensamento filosófico autêntico, conseguiu construir uma filosofia tão bem fundamentada de acordo com o rigor científico de então, e ao mesmo tempo abrir-se aos dados da Revelação e tradição filosófica cristã?

Partindo da Fenomenologia husserliana, observaremos como Edith Stein construiu uma Filosofia Cristã, por meio de seus escritos, capaz de dialogar com as correntes de pensamento de seu tempo.

Outro aspecto que buscaremos elucidar será, como Stein, por meio de seu labor filosófico que buscava sempre a verdade primeira do ser, compreende esta verdade primeira. E, na busca desta verdade primeira, qual o papel da razão natural e da razão sobrenatural, segundo a filósofa.

Por fim, buscaremos descobrir: qual o conceito de Deus para Edith Stein, segundo suas principais obras do período posterior à sua conversão, “Ser finito e ser eterno” e “A Ciência da Cruz”. Deste modo vislumbraremos um pouco da produção intelectual dos últimos anos de sua vida, os quais, serão para nós objeto de estudo filosófico e contato com o universo místico da filósofa e monja carmelita.

## CAPÍTULO 1 – UMA FILÓSOFA NOS CAMINHOS DO ETERNO

No primeiro capítulo, trataremos do percurso de Edith Stein, filósofa e monja carmelita, desde sua formação, humana e intelectual, no seio de sua casa, até o encontro com o Crucificado e, como isso influenciou nas suas escolhas de vida e em sua obra filosófica.

Observaremos como a Filosofia foi o caminho percorrido pela autora até chegar às portas do Eterno e, a partir de então, a experiência de fé contribuiu para que a filósofa construísse sua obra sobre as bases sólidas da Revelação, dos escritos dos Padres da Igreja e dos Escolásticos, especialmente Santo Tomás de Aquino.

Destacaremos, também, a importância do contato de Stein com a obra dos místicos espanhóis, Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz. Como fenomenóloga que era, da escola de Edmund Husserl, Stein saberá unir os saberes filosóficos com aquilo que os místicos lhe ofereciam.

### 1. “O ETERNO ESTEJA CONTIGO”

“*O Eterno esteja contigo!*”, foram as últimas palavras que Edith Stein ouviu de sua sobrinha Erika, antes de partir rumo ao convento das Carmelitas Descalças de Colônia-Lindenthal, na Alemanha. Uma benção judaica tão simples, mas, tão cheia de significado. De fato, o Eterno, será o anseio de sua alma, como canta o salmista: “minha alma tem sede de ti, minha carne deseja com ardor, como terra seca, esgotada, sem água” (Sl 63,2).

Com uma personalidade marcante e uma inteligência ímpar, Edith Stein destaca-se como uma das grandes pensadoras do século XX. Seu trabalho intelectual não esteve cerrado apenas ao âmbito filosófico, mas, a autora teve suas incursões na psicologia, na pedagogia, na política, no campo da mística e na literatura. Nas palavras de Carvalho Silva “a vida de Edith Stein é polissêmica: feminista, educadora, escritora, filósofa, tradutora, amante da vida espiritual, judia e católica romana” (2019, 20).

MacIntyre, em sua obra “Edith Stein: um prólogo filosófico, 1913-1922” que retrata a formação filosófica e o período fenomenológico da filósofa alemã, deixa claro que vida e filosofia tornam-se um só em Stein. De acordo com o pensador escocês, “a direção da vida de Stein além de certo ponto se torna inteligível apenas à luz de

sua filosofia, e mesmo antes disso, suas posições filosóficas são informadas, de modo significativo, por suas experiências de vida” (MACINTYRE, 2022, p. 19).

Stein deixou uma vasta obra escrita, onde pesquisadores de diversas disciplinas, podem encontrar um grande tesouro para compreender o tempo em que ela viveu, mas, sobretudo, para responder algumas das questões tão latentes para a humanidade hodierna. Para Ales Bello,

a especulação filosófica não é o único campo para o qual ela deu uma importante contribuição. Sua personalidade multiforme nos permite inseri-la na história das Ciências Humanas e da Pedagogia, assim como nos convida a ler com proveito suas reflexões sobre a relação homem-mulher e aquelas que nos introduzem no âmbito da espiritualidade e da mística. O seu pensamento pode ser utilmente explorado também para um esclarecimento da dimensão religiosa. Deste ponto de vista, ela se encontra envolvida em uma questão crucial para a cultura e a religião da civilização ocidental, isto é, na atormentada relação entre o judaísmo e o cristianismo, que, para alguns, se coloca como pedra de escândalo, para outros, como lugar de reconciliação. (2018, p. 19)

Ao ler suas obras, podemos nos perguntar sobre como Edith Stein, partiu do conceito familiar judaico de Deus, como o “Eterno”, passando pelo conceito filosófico de Deus, o Ente como tal, para chegar na experiência de Jesus Cristo, Crucificado-Ressuscitado, Redentor de todo o gênero humano?

Este é o caminho por onde vamos transitar, por meio de suas cartas, suas obras filosóficas, textos de conferências, seus escritos místicos e espirituais e, com a ajuda de alguns autores que vêm estudando a vida e a obra da mulher, judia, filósofa, monja carmelita descalça e mística, chegar ao cerne do pensamento filosófico de Edith Stein.

Como ponto de partida de nossa reflexão, buscamos compreender o sentido do conceito de Eterno, tão comum no seio familiar judaico de Edith Stein, como ele é compreendido pelos judeus. No capítulo 2, versículo 4 do livro de Gênesis (*Bereshit*), o Deus hebreu é identificado pelo nome Eterno. “Eterno-Deus – aqui aparece pela primeira vez o nome *Ado-nai* (*Eterno*), ou seja, o Tetragrama, composto pelas letras יהוה (*YHWH*)” (Torá, 2001, Nota 4, p. 5).

Os judeus, tendo respeitando sempre o mandamento: “Não jurarás em nome do Eterno teu Deus, em vão; porque não livrará o Eterno ao que jurar Seu nome em vão” (Ex 20,7). Utilizarão este e outros nomes quando forem falar com o Divino ou sobre Ele. Em uma nota explicativa da Torá, referente à Gn 2,4, acerca do nome de Deus, que é chamado de Eterno (*Adonai* ou *Hashem*) está escrito assim:

Qual seu nome? Deus tem vários nomes e cada um deles representa a forma como Ele se manifesta aos seres humanos. Quando é benevolente, Deus é chamado de “Eterno” [יְהוָה-יְהוָה], o Nome que representa Sua misericórdia e

eternidade, sendo formado pelas letras que compõem as palavras *foi* [ִיְיָ - ׀ - ׀ - ׀], *é* [׀ - ׀ - ׀ - ׀], e *será* [׀ - ׀ - ׀ - ׀]. Em respeito à sua santidade, o Tetragrama não é pronunciado nas rezas ou durante a leitura da Torá conforme está escrito, sendo substituído por *Ado-nai* ou *Hashem*. (Torá, 2001, p. 159)

Podemos ver a Deus, sendo invocado com o nome o Eterno (*Adonai*), em muitos textos de oração da sinagoga, como por exemplo, o Salmo 29, onde ao longo de todo o texto, o nome Eterno é repetido, nada menos do que 15 vezes:

“Dai ao *Eterno*, ó filho dos fortes, dai ao *Eterno* glória e força. Dai ao *eterno* a glória devida a Seu Nome; prostrai-vos ao *Eterno* desde o lugar do esplendor da santidade. A voz do *Eterno* está sobre as águas; o Deus de Glória que troveja. O *Eterno* está sobre a vastidão dos mares...” (MACHZON DE ROSH HASHANÁ, 1991, p.19)

Observamos, a famosa oração “*Shemá Yisrael*”: “Ouve Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é Um! E amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses.” (Dt 6, 4-6; MACHZON DE ROSH HASHANÁ, 1991, p. 24). Exemplos com este, nos mostram a familiaridade desta forma de se referir a Deus no culto judaico e, conseqüentemente, na vida cotidiana dos judeus.

Os pais de Edith Stein eram Siegfried Stein e August Courant Stein. Além de Edith, que era a filha mais nova, o casal teve: Else, Paulo, Arno, Frieda, Rosa e Erna (cf. MIRIBEL, 2001, p. 34-36). Neste lar judaico, cresce Edith e seus irmãos, onde pode desenvolver sua inteligência e sua personalidade.

Na família de Edith Stein não era diferente a maneira de referir a Deus. Alguns hábitos e costumes judaicos eram seguidos por todos os membros, por influência da matriarca August Stein. A própria Edith Stein, relata em seus escritos autobiográficos, como a família vivia a religiosidade nas principais festas judaicas. Eram momentos festivos onde toda a família se reunia, onde os mais novos aprendiam sobre a história e as tradições do povo judeu.

Segundo Stein “os dias das grandes festas solenes judaicas figuravam entre os acontecimentos mais importantes da vida domiciliar e das festas familiares” (2018, p. 78). Ao narrar estas ocasiões, Stein demonstra um profundo conhecimento dos ritos e das orações, das quais tomava parte desde a mais tenra idade. Um exemplo disso é o relato da festa de Ano Novo Judaico (*Rosh Hashaná*), onde Edith Stein relata que:

No Ano Novo, porém, como é prescrito, dá-se ao pão uma forma arredondada. Esse pão deve ser comido com carne. No início da refeição, ele é cortado, e cada convidado recebe um pedaço. A distribuição do pão segue a ordem de idade dos comensais. Antes de comê-lo, reza-se a oração:

“Bendito sejas Tu, Senhor, mestre do Universo, Tu que fazes surgir da terra o alimento”. (2018, p. 80)

De acordo com os livros de oração judaicos, quando refere-se a Deus pelo nome *Adonai*, que pode ser traduzido também por “Senhor”, cuja tradução mais fiel, como fora apresentado anteriormente é: o “Eterno”. Deste modo, o trecho relatado pela filósofa encontra-se traduzido desta maneira: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, que fazes sair o pão da terra” (*MACHZOR DE ROSH HASHANÁ*, 1991, p. 45).

Poder-se-ia objetar que, o nome com o qual a filósofa se dirigia a Deus não faz diferença em sua reflexão posterior, quando cristã. No entanto, a própria Edith Stein, reconhecerá a importância dos conhecimentos sobre a religião judaica para melhor compreender os principais pontos da Revelação Cristã e da Liturgia, os quais, também serão úteis na sua reflexão filosófica. Por exemplo, quando Stein escreve que o “ser eterno, o qual é imutável e por essa razão é o ser pleno em cada instante” (2019, p. 65).

Portanto, ao intitular sua principal obra filosófica com o nome de “Ser finito e ser eterno”, Edith Stein traz, em sua reflexão filosófica, a marca indelével do Deus de seus pais, do Deus de seu povo.

Compreendendo a obra libertadora de Deus como um percurso que é iniciado com a criação e, alcança o seu ápice na Cruz Redentora de Cristo, do Eterno (*Adonai*) ao Crucificado, Stein aprofunda-se no conceito de Deus no âmbito filosófico, servindo-se de termos aristotélico-tomistas e termos da Revelação, isto é, da Palavra de Deus.

Edith Stein nasce na cidade de Breslávia, Alemanha, em 12 de outubro de 1891, o dia do Perdão para os judeus, *Yom kippur*. Possuidora de uma grande sede de conhecimento, começa seus estudos primários e secundários em sua terra natal. Seus estudos universitários também têm início em Breslávia, onde estuda Letras germânicas, psicologia e história.

---

<sup>1</sup> Sobre a festa judaica “Yom Kippur” ou “Dia do Grande Perdão”, John Drane, em seu livro *Enciclopédia da Bíblia*, escreve que: “no dia do Grande Perdão (Yom Kippur), toda a nação de Israel confessava seus pecados e pedia a Deus perdão e purificação. O sumo sacerdote, vestido de linho branco, primeiro oferecia um sacrifício por seus próprios pecados e pelos dos sacerdotes e, em seguida, oferecia outro sacrifício pelos pecados do povo. Era o único dia do ano em que o sumo sacerdote entra no ‘Santo dos Santos’, a parte mais recôndita e mais sagrada do templo. Ali ele borrifava o sangue do sacrifício. Em seguida pegava um bode, chamado ‘bode expiatório’, e após ter imposto a mão sobre a cabeça do animal soltava-o no deserto como um sinal de que os pecados do povo tinham sido mandados para longe.” (2009, p. 157).

Oriunda de uma família judia, cujo alicerce era a matriarca August Courant Stein, que, zelava pelo sustento e pela formação intelectual e religiosa dos filhos. De acordo com Miribel,

a senhora Stein, judia convicta e orgulhosa de suas origens, dava a seus filhos uma educação calcada nos exemplos do Antigo Testamento. No entanto, sabia temperar, com sua ternura maternal, aquela austeridade. Ensinou-os a observar o cerimonial rabínico. Todas as refeições eram acompanhadas da recitação de louvores em hebraico e com o ritual. Sem prejudicar a espontaneidade e os dons naturais de seus filhos, ela soube desenvolver suas qualidades mais profundas numa atmosfera impregnada de gravidade, na crença reverente do Deus de Israel e sob o seu olhar. (2001, p. 35)

É importante salientar o ambiente familiar, para bem compreender as escolhas futuras de Edith Stein. Uma carta de sua irmã, Erna Biberstein, relata mais detalhes da formação das crianças da família. Erna escreve:

Nossa casa era um lar de judeus ortodoxos. Observávamos cuidadosamente os dias de jejum e festas. Minha mãe acreditava em Deus sinceramente, mas era bastante larga de espírito, para não exercer a menor pressão religiosa sobre nós. As crianças de nossas famílias aprenderam hebraico numa escola israelita, exceto as duas últimas, Edith e eu. Morávamos, então, nos arredores da cidade e mamãe não queria que percorrêssemos sozinhas a grande distância que nos separava daquela instituição. (MIRIBEL, 2001, p. 35)

Vemos aqui largueza de espírito, liberdade para pensar, para acreditar ou não no Deus de sua família, valorização da educação dos meninos e meninas. Isto, em uma época que o estudo das mulheres ainda era muito restrito. Foi neste ambiente que Stein se formou e foi forjada como mulher, filósofa, buscadora incansável da verdade. Carvalho Silva, destaca que:

Como filha mais nova, cabia a Stein fazer, no *seder* da Páscoa, a série de perguntas rituais sobre o sentido da ceia. No entanto, era estranha para Edith Stein a constatação de que a piedade religiosa de seus pais não fora acompanhada pelos irmãos mais velhos. Para esses, tudo não passava de um cumprimento de obrigações, sem uma fé viva correspondente. É bem provável que a falta de sentido religioso dos irmãos, juntamente com as amizades que fez na adolescência com famílias judias não praticantes, somado ao seu espírito altamente crítico tenha sido, em parte, responsáveis pela crise de fé que a acometeu na juventude. (2019, p. 21)

A comunidade judaica de Breslávia tinha uma vida cultural muito intensa. Havia na cidade o Seminário Teológico Judaico, alguns pensadores judeus refletiam sobre os movimentos anti-semitas na sociedade alemã. No entanto:

Bem certo que é importante que os membros da família de Edith Stein tivessem pouco ou nenhum contato com a cultura judaica alemã mais ampla para além do lar e da sinagoga local, cultura aquela expressa em numerosos livros e jornais judaicos, tanto sionistas quanto anti-sionistas, e de uma

variedade de instituições e sociedade judaicas, desde teatros até associações de ginástica. Assim, eles nunca foram introduzidos e, de fato, parecem nunca ter ficado conscientes dos debates sobre a relação entre ser judeu e ser alemão que eram característicos daquela cultura mais ampla, debates informados por graus variáveis de consciência dos perigos do anti-semitismo. (MACINTYRE, 2022, p. 24)

Por esses fatores, e pela capacidade crítica de olhar a realidade circundante, Edith Stein, quando entra na adolescência, torna-se agnóstica<sup>2</sup>. Seu único interesse é o conhecimento. Seus estudos primários foram realizados com excelência, pois, a jovem Edith era, desde então, “inteligentíssima e muito estudiosa” (BELLO, 2014, p. 28). Realmente, a inteligência da jovem Edith era um prodígio e, de acordo com Miribel, “suas matérias preferidas eram: alemão, história e línguas. Aprendeu a falar corretamente o francês, o inglês e o espanhol, e a ler o latim, o grego e o hebraico. No fim de sua vida iria aprender, com facilidade, o holandês” (2001, p. 38).

Nos anos de estudo em Breslávia, Stein tem contato com os Evangelhos, mas seu interesse pelos textos dos cristãos era meramente intelectual, relacionado ao estudo do alemão. Não havia chegado o momento de sua experiência com a Cruz, a qual, marcará para sempre seu destino. Juntamente com sua amiga protestante Kaethe Scholz, Stein avança no estudo do Alemão Antigo e relata esta experiência em sua autobiografia. Escreve Stein que,

por meio da tradução da concordância dos Evangelhos feita por Taciano e a tradução da Bíblia feita por Úfilas, tomei contato pela primeira vez com o Evangelho, (exceto, é claro, pelos trechos que ouvira durante as preces na escola). Em nosso livro de leitura, o texto original em grego figurava abaixo do texto gótico. Mas, na época isso não despertou sentimento religioso em mim. Tampouco notei que a Escritura pudesse ter para Kaethe Scholz uma dimensão sagrada. A diferença de religião e de origem não perturbava nossa amizade e teríamos trocado ideias sobre questões religiosas com tanta franqueza se nos tivéssemos sentido estimuladas para isso. (2018, p. 231-232).

É impressionante, observar a firmeza e a honestidade intelectual da filósofa. Enquanto a religião não se torna algo realmente importante dentro de sua vida interior, Stein não desviará o foco de sua busca filosófica pela verdade. Mesmo chegando tão perto, por meio da razão natural, a luz da fé ainda não havia dissipado as densas nuvens de seu intelecto, para então, deixar que se revelasse a Trindade Santa, em seu castelo interior.

---

<sup>2</sup> Agnóstico: diz-se do indivíduo que não acredita no sobrenatural, em Deus ou no divino. Em outras palavras, agnóstico é alguém que declara ser incognoscível tudo o que se encontra para além da experiência sensível. (JAPIASSPU; MARCONDES, 2006, p.4)

## 2. STEIN E A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Edith Stein, aluna brilhante, enquanto ainda estudava Psicologia, Língua Germânica Antiga e História em Breslávia, é apresentada à obra de Edmund Husserl (1859-1938), filósofo, criador da escola fenomenológica. Gotinga começa a aparecer em sua vida como uma possibilidade cada vez mais próxima. Segundo Stein,

as poesias das canções estudantis já não desempenhavam nenhum papel na escolha da minha universidade. Um motivo bem diferente, sem nenhuma dúvida, determinou isso: durante o verão de 1912 e o inverno de 1912-1913, no seminário de Stern, foram estudados problemas de Psicologia do Pensamento, relacionados principalmente com os trabalhos da escola de Warbürg (Külpe, Bühler, Messer, entre outros). Eu me encarreguei de apresentar um seminário em cada um dos semestres. Nos tratados que estudei para isso, sempre eram mencionadas as *Investigações lógicas* de Edmund Husserl. Certo dia Moskiewicz surpreendeu-me enquanto estava ocupada com os textos do seminário de Psicologia. “Largue essa parafernália”, disse ele, “e leia isto, pois é daqui que partem esses autores todos”. Ele me estendeu um livro volumoso: era o segundo volume das *Investigações lógicas*, de Husserl. (2018, p. 271)

Ao entrar em contato com a fenomenologia de Husserl, Edith Stein, decide não mais seguir seus estudos na área da Psicologia. Optando por estudar com o fenomenólogo, com quem defenderá sua tese de Doutorado sobre a Empatia e, em seguida, será sua assistente entre 1916 e 1918.

Stein, sempre conservará grande respeito e admiração por seu mestre, mesmo após a sua conversão ao cristianismo. Juntamente com a mudança de rumo de sua pesquisa filosófica para as questões religiosas, a filósofa, buscará uma ponte entre a fenomenologia husserliana e a filosofia tomista.

O método fenomenológico consistia em “‘por entre parênteses’ tudo o que é subjetivo a fim de colher o dado objetivo, de descrever, portanto, não de explicar, em suma, de retornar ‘à coisa mesma’” (ZUCAL, 2006, p. 530). Segundo Alfieri “um dos pontos centrais da fenomenologia husserliana é a concepção da consciência não como uma coisa, mas como relação que cada sujeito estabelece com o mundo” (2016, p. XV).

No ano de 1913, Stein muda-se para Gotinga, afim de estudar Fenomenologia com o filósofo Edmund Husserl. “Eis que depois desses numerosos desvios”, escreve Stein, “chego ao principal motivo que me conduziu a Gotinga: a Fenomenologia e os fenomenólogos” (2018, p. 312).

Para a filósofa, este será um momento determinante em sua trajetória intelectual. A fenomenologia representava uma novidade no ambiente da filosofia

alemã, fazendo frente à filosofia kantiana (cf. KUSANO, 2014, p.26). A filósofa, descreve o seu contato com a obra de Edmund Husserl, com estas palavras:

As *Investigações lógicas* haviam produzido seu impacto, sobretudo porque apareciam como um distanciamento radical do idealismo crítico de inspiração kantiana e neokantiana. Viu-se nelas uma “nova Escolástica”, porque a atenção desviava-se do sujeito para concentrar-se nas coisas: o *processo de conhecimento* aparecia de novo como um *ato receptivo* que recebia sua norma das coisas mesmas, e não – como no criticismo – uma *escolha determinada* que comunicava sua norma às coisas. Todos os jovens fenomenólogos eram realistas convictos. (STEIN, 2018, p. 316)

De acordo com Stein, “o nome fenomenologia foi escolhido por Husserl para o método filosófico que ele consagrou após muitos anos de árduo trabalho do pensamento e, que veio a público pela primeira vez, e, de forma ampla e efetiva em suas *Investigações lógicas*” (2019, p. 73). Ales Bello explica a origem da palavra fenomenologia e seu sentido primeiro. Segundo a autora, a palavra fenomenologia

é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas, como sabemos. “Fenômeno” significa *aquilo que se mostra*; não somente aquilo que *aparece* ou *parece*. Na linguagem religiosa, utilizamos também o termo epifania para falar de algo que se manifesta, que se mostra. “Logia” deriva da palavra *logos*, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. Vamos tomar *logos* como pensamento, como capacidade de refletir. Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. O nosso problema é: o que é que se mostra e como se mostra. (BELLO, 2006, p. 17-18)

Edith Stein, poderá aprofundar-se no estudo da fenomenologia de Husserl, desde o momento em que se torna sua aluna, mas, principalmente, quando, depois de sua defesa da tese de Doutorado, torna-se assistente de Husserl. Neste momento, organizando os textos do filósofo para publicações, Stein pode absorver da grande sabedoria de Husserl, buscando compreender o complexo pensamento do autor.

Em um texto seu do ano de 1930, intitulado “A fenomenologia e seu significado de visão de mundo”, Stein, nos fala da universalidade do método fenomenológico, que pode ser utilizado pelas outras ciências para chegar a uma reflexão científica rigorosa “onde não há lugar para o arbítrio e o subjetivo” (2019, p. 74). Edith Stein esclarece que:

As coisas mesmas às quais se busca designar pelo sentido das palavras não são, porém, coisas singulares da experiência, mas algo universal, assim como o próprio sentido das palavras: trata-se da ideia ou a essência das coisas. Correlativamente, a visão que traz essas coisas à objetividade não é percepção e experiência sensível, mas um ato espiritual singular que Husserl designou como visão de essência ou intuição. Fica explícito, assim, que um procedimento análogo àquele aplicado aí num problema lógico pode ser empregado na investigação dos conceitos fundamentais de todas as ciências e também da vida diária. (2019, p. 75)

Um pouco adiante no mesmo texto, a filósofa escreve que:

A fenomenologia se distingue das correntes do neokantismo ou do criticismo porque se orienta não pelo método das ciências particulares, mas pelas coisas mesmas (medindo por elas o método): por isso, à mudança que ela trouxe deu-se o nome de virada objetiva; e, frente ao empirismo, pretensamente apoiado na mera experiência sensível, ela se levantou como ciência de essências; por essas duas razões, a fenomenologia aparece como um retorno às mais antigas tradições: Platão – Aristóteles – Escolástica. (STEIN, 2019, p. 75)

A fenomenologia, na busca por descobrir a verdade das coisas mesmas, usa como método a redução fenomenológica,

o movimento exigido pela redução, para assim alcançar uma atitude crítica frente à passividade da orientação natural, consiste no ato de suspender a tese do mundo, ou seja, colocar os fatos e a concretude da existência entre parênteses para acolher a essencialidade. (KUSANO, 2014, p. 40)

O nome que Husserl dá a esta suspensão da realidade circundante será *epoché*. Ele não nega a existência deste mundo/realidade, também não estamos falando aqui da dúvida cartesiana. Trata-se de uma mudança na “visão de mundo”, na forma de apreender esta realidade, tal qual, ela se mostra (fenômeno/*phainomenon*) (cf. KUSANO, 2014, p. 40). Para Carvalho Silva:

A originalidade de Husserl consiste em “colocar entre parênteses” todos os sistemas vigentes, possibilitando-se assim a “volta para as coisas mesmas” (*die Sache selbst*) a serem interrogadas sem preconceitos ou pressupostos. Isso ele faz por meio da noção central de redução ou *epoché*, que é o processo intelectual que consiste em colocar fora de consideração ou suspender certos juízos ou certos conhecimentos. (2019, p. 57-58)

### 3. EDITH STEIN, VOLUNTÁRIA DA CRUZ VERMELHA

Edith Stein, não era somente uma mulher da teoria, não ficava apenas no plano das reflexões filosóficas, como que alienada da realidade que a circundava. Observadora atenta que era do mundo ao seu redor, Stein preocupava-se e comprometia-se com os rumos que seu país tomava no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e com o papel das mulheres na sociedade.

Dedicando seu tempo e suas forças para servir a sua pátria, com um senso de extrema responsabilidade social e sentimento de solidariedade. Stein, escreve assim:

Ao lado das preocupações puramente teóricas, eu tinha como motivo pessoal uma gratidão profunda para com o Estado que me tinha outorgado o direito de ingressar na universidade e, por conseguinte, o livre acesso aos tesouros espirituais da Humanidade. [...] Em razão desse forte sentimento de responsabilidade social, eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito do voto das mulheres. Isso não era óbvio na época, mesmo no seio do movimento cívico das mulheres. A associação prussiana pelo direito ao voto

das mulheres, à qual aderi com minhas amigas visando à igualdade política plena e inteira para as mulheres, era formada majoritariamente por socialistas. (2018, 234).

Diante da situação de guerra, Stein decide ser voluntária na Cruz Vermelha<sup>3</sup>, para ajudar como enfermeira. Por isso, ela interrompe seus estudos filosóficos, sua tese de doutorado sobre a Empatia e, começa a preparar-se, tal como um soldado, para a missão humanitária que lhe aguardava. Assim relata em sua autobiografia:

“Agora minha vida já não me pertence” – disse a mim mesma. “Tenho de investir todas as minhas forças nisso que está acontecendo. Quando a guerra terminar, se eu ainda estiver viva, poderei voltar a pensar nos meus assuntos pessoais”. (STEIN, 2018, p. 384).

A jovem universitária, Edith, não mede esforços para preparar-se. Começa a estudar para ser enfermeira, faz o curso junto a outras moças e, ainda estuda em casa com os livros de sua irmã, Erna (1890 -1978), que, a esta altura, era estudante de medicina. Assim, Stein relata sua preparação para ser Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha:

O nosso manual de socorros de guerra não me bastava. Levei-o para casa e complementei sua leitura com a Enciclopédia de Anatomia de Erna, além de toda a sua coleção de esboços de Medicina. Frequentemente a visitava na clínica ginecológica, onde estava também Lilli para me exercitar nos partos. Elas se alegravam em ver-me tão interessada na especialidade delas. Durante o curso, tivemos de indicar se aceitaríamos ficar disponíveis para Cruz Vermelha e especificar se o faríamos unicamente dentro da zona de defesa de Breslávia, no interior das fronteiras de nossa pátria, ou sem condição nenhuma. Eu, naturalmente, disponibilizei-me sem colocar nenhuma restrição. Não desejava outra coisa senão partir o mais rápido possível, o mais longe possível, de preferência no *front*, numa enfermaria de campanha. (2018, p. 384-385)

Edith Stein foi voluntária da Cruz Vermelha de 07 de abril a 01 de setembro de 1915, na cidade de Weisskirchen, na Morávia, pertencente ao antigo império Austro-Húngaro (cf. STEIN, 2018, p. 413-474). Neste período, Stein tem contato com a dor do próximo e, consegue enxergar os resultados da violência entre as nações, na vida de cidadãos normais, com esposa, filhos e sonhos. Carvalho Silva narra que:

---

<sup>3</sup> A Cruz Vermelha: atualmente uma organização que atua em todo o mundo e com reconhecimento internacional, nasceu graças ao médico suíço Henri Dunant (08/05/1828, Genebra – 30/10/19, Heinden). A terrível batalha de Solferino, em 24/06/1859, quando os franceses atacaram os austríacos, com pesadas perdas para ambos os lados, levou Dunant a montar um comitê internacional no dia 28/08/1863, aprovado pela “Convenção de Genebra” (Genfer konvention). Muitas vezes o comitê precisou adaptar-se rapidamente às mudanças das condições dos instrumentos bélicos e das táticas militares. (Nota de rodapé de STEIN, Edith. Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos. Tradução Maria do Carmo Ventura Wolly; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 385).

Nos meses em que serviu, a enfermeira lidou com o exército poliglota Austro-Húngaro, falava com os médicos húngaros em latim, e, com os polacos, o polonês. Ali aprendeu a prática da “empatia”, através da comunicação, dos gestos, da solidariedade com os feridos, física e psicologicamente afetados pela guerra. Deu assistência a muitos moribundos infectados pela tifoide até que no transcorrer da guerra houve uma ofensiva do exército alemão, que despachou os russos de volta para Varsóvia e levou o hospital a ser fechado. Por seu trabalho e dedicação, Edith Stein recebeu uma medalha de Honra ao Mérito. (2019, p. 24)

Após esta experiência nos hospitais de campanha da guerra, Stein retorna para a seu trabalho filosófico, trazendo em si todas as experiências acerca da dor do outro, dos efeitos destruidores da guerra na vida de pessoas reais, não somente países, regiões, mas, homens e mulheres que perderam muito. Em 1916, ela defende sua tese de doutorado, orientada por Husserl, com o tema “Sobre o problema da empatia”, no qual alcança a nota máxima, *summa cum laude*.

#### 4. O CAMINHO DE CONVERSÃO DE UMA FILÓSOFA AGNÓSTICA

O mundo em que Stein vivia, passava por um período de rápidas mudanças, causadas pela guerra, por mudanças políticas e sociais que a impactavam profundamente. Ao mesmo tempo em que trabalhava em sua tese filosófica, via seus amigos irem para o front de batalha e, a própria filósofa se colocara a serviço dos feridos. Alasdair MacIntyre escreve que:

Qualquer biógrafo de Edith Stein encara um problema sobre como narrar os eventos de sua vida entre 1916, quando ela defendeu com sucesso sua dissertação e se tornou assistente de Husserl, e 1922, quando ela se incorporou à Igreja Católica e se preparou para uma vida fora das universidades. Foi um período de transformação admirável e isso não apenas quanto a afiliação religiosa. E ela tem como plano de fundo as privações e sofrimentos dos últimos dois anos da Primeira Guerra Mundial, a experiência da derrota catastrófica da Alemanha e o fim da Alemanha imperial, as lutas políticas para estabelecer a República de Weimar, e as desordens econômicas da inflação massiva, das agruras para a classe trabalhadora e do empobrecimento de muitos da classe média. (2022, p. 123)

Em um relato interessante sobre como Edith Stein se relacionava com o ambiente religioso à sua volta, ela descreve um pouco de sua amizade com Eduard Metis, judeu religioso e praticante, mas que, nunca tentou influenciá-la em nada. Pelo contrário, segundo Stein, a resposta de Metis mais lhe afastara da questão de Deus, do que fora capaz de produzir um interesse pela religião de sua família. De acordo com Edith Stein:

Quando em Gotinga comecei a me preocupar com questões religiosas, eu o interroguéi uma vez, por carta, sobre a ideia que ele tinha de Deus, isto é, se ele acreditava num Deus pessoal. Ele me respondeu laconicamente: “Deus é

espírito. Nada mais se pode dizer”. Era como se me tivessem dado uma pedra em lugar de um pedaço de pão. (2018, p. 264)

Em outra passagem de seu escrito “Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos”, Stein relata sua abertura para o ambiente religioso cristão protestante. No entanto, ela ainda não havia feito a sua experiência pessoal de conversão, para realmente, acreditar naquilo que muitos de seus amigos, alguns de origem judaica como ela, acreditavam. Stein escreve que:

A carta da minha mãe continha a passagem da qual falei anteriormente: ela ficaria ainda mais feliz se eu me lembrasse d’Aquele a quem devia esse sucesso. Mas eu ainda não estava nesse ponto. Em Gotinga, tinha aprendido a respeitar as questões da fé e as pessoas crentes. Por vezes ia com minhas amigas a um templo protestante (a mistura de política e religião, que dominava geralmente os sermões, não podia levar-me ao conhecimento da pura fé e frequentemente chegava a me afastar). Entretanto, ainda não havia encontrado o caminho para Deus. (2018, p. 410)

Edith Stein teve outras influências, internas e externas, que marcaram o caminho de sua ida para a Igreja Católica e, também, do direcionamento de sua especulação filosófica para o conceito de Deus.

É importante destacar que alguns de seus amigos próximos, do círculo fenomenólogo eram cristãos, como por exemplo, os casais, Teodor Conrad e Hedwige Conrad-Martius, Malvine e Edmund Husserl, os Reinach, dos quais falaremos com mais detalhes, um pouco adiante.

Mas, uma presença no meio acadêmico que lhe chamou a atenção neste período, antes de sua conversão, foi o do fenomenólogo Max Scheler (1874-1928). A própria autora relata a influência de Scheler em seu percurso. Assim escreve:

Para mim, como para muitos outros, sua influência naqueles anos foi de grande importância, indo bem além do domínio da Filosofia. Não sei em que ano Scheler voltou à Igreja Católica, mas provavelmente não fazia muito tempo. Era de todo modo a época em que estava cheio de ideias católicas e sabia se fazer de defensor delas com toda a maestria de sua mente e de sua eloquência. Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com esse universo que me era até então totalmente desconhecido. Esse contato ainda não me conduziu à fé, mas abriu-me um domínio de “fenômenos” perante os quais eu não mais podia ficar às cegas. Não era em vão que sem parar nos inculcavam que olhássemos todas as coisas face a face, livres de toda preconceção e sem “viseiras”. Caíram assim as barreiras das preconceções racionalistas dentro das quais eu havia crescido, e o universo da fé surgiu de repente diante de mim. Várias pessoas com quem eu convivía cotidianamente e por quem tinha admiração pertenciam a esse universo. Elas mereciam, sem dúvida nenhuma, que eu refletisse seriamente sobre ele. Naquele momento, eu ainda não tinha chegado ao ponto de estudar sistematicamente questões de fé. Ainda estava por demais absorta por outros temas para fazê-lo. Contentava-me em acolher em mim sem resistência os estímulos que vinham das pessoas à minha volta e fui por elas progressivamente transformada – quase sem perceber. (STEIN, 2018, p. 332-333)

Interessante notar que muitos fenomenólogos interessavam-se ou eram abertos à questões religiosas. Segundo MacIntyre,

“fenomenologia” não é o nome de uma série de métodos que qualquer pessoa com acuidade intelectual suficiente pode aplicar. Ela quer que os seus praticantes tenham uma abertura disciplinada e difícil a uma ampla gama de diferentes tipos de experiências, que eles se recusem a estabelecer limites *a priori* às possibilidades da experiência e que possuam quaisquer atitudes e hábitos intelectuais e morais que sejam necessários para obter tal abertura. Então, o que pode ser dito sobre as possibilidades de experiências especificamente religiosas? E quanto às afirmações de se ter experienciado a presença de Deus?

Stein também não fugirá à regra de seus pares. Um primeiro aceno a possibilidade de Deus, segundo Ales Bello, pode ser observado em sua dissertação sobre “O Problema da Empatia” (1917), com a qual, Stein obteve o seu doutorado em Filosofia. Nesta obra de grande importância para a compreensão da busca filosófica de Edith Stein pela verdade, vemos um primeiro ponto de convergência de sua linha fenomenológica de estudo com o objeto, Deus.

O ser eterno, passa a fazer parte de seu horizonte de fenômenos a serem estudados, ainda que, sua abordagem do tema, esteja mais interessada na “possibilidade do ser humano de pôr-se em contato com Deus à modalidade do vínculo que os une” (BELLO, 2018, 30), isto é, algo que parte do mundo das vivências do ser humano.

Até aqui, Deus ainda não é o centro de sua pesquisa. O ser humano tem a primazia e, é o ponto de partida para a sua especulação filosófica. Segundo Stein:

Así aprehende el hombre la vida anímica de su prójimo, pero así aprehende también, como creyente, el amor, la cólera, el mandamiento de su Dios; y no de modo diferente puede Dios aprehender la vida del hombre. Dios, en cuanto poseedor de un conocimiento perfecto, no se engañará sobre las vivencias de los hombres como los hombres se engañan entre sí sobre sus vivencias. Pero tampoco para Él llegan a ser propias las vivencias de los hombres ni adoptan el mismo modo de darse. (2005, p. 88)

Ainda em seu período filosófico fenomenológico (período que os estudiosos colocam entre 1915 a 1920), antes de sua conversão, vez ou outra, aparece o conceito Deus, em seus escritos, mas, sempre a partir da ótica antropológica. Como vemos neste trecho de uma obra sua, escrita entre o primeiro semestre de 1918 e setembro de 1919, “Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu”:

O consideremos el caso de un ateo convencido que, en una vivencia religiosa, siente íntimamente la existencia de Dios. No es capaz de sustraerse a la fe, pero no se sitúa en el terreno de la misma. No deja que esa fe llegue a ser eficaz en él; permanece inmutable en su "concepción científica del mundo y

de la vida", una concepción que caería por tierra, si él aceptara abiertamente la fe. (STEIN, 2005, p. 262)

Mesmo diante de uma abertura para o transcendente, com inúmeros exemplos de filósofos que haviam abraçado a fé cristã ou pertenciam desde sempre a esta fé, Stein, ainda precisava viver, na própria carne, a experiência religiosa. Segundo Carvalho Silva:

O padre Jan Nota, jesuíta e fenomenólogo que conheceu a filósofa na Holanda, informa que de Husserl ela aprende a acolher a verdade sem preconceitos, e com Scheler aprendeu a ver a possibilidade de ser católica e cientista ao mesmo tempo. (2019, p. 23)

A mudança interior de Edith Stein, ocorreu na ocasião da morte de um dos seus grandes amigos, o professor Adolf Reinach (1883-1917), que morreria no campo de batalha em 16 de novembro de 1917. Reinach era professor assistente de Filosofia, acolhia e acompanhava aos alunos que vinham estudar com Husserl. Junto a sua esposa, Anne Stettenheimer Reinach (1883-1953), convertera-se ao luteranismo, recebendo o batismo no ano de 1916 (cf. STEIN, 2018, p. 312). Esta conversão interpela profundamente Edith Stein. A filósofa já não levanta resistência ao fenômeno da fé, todavia falta o seu encontro com a Cruz de Cristo, para que ela, de maneira profunda, mude toda sua vida em razão desta fé.

A morte de Reinach, foi um fato de extrema importância para a conversão de Edith Stein. Todas as decisões na vida de Edith Stein, exigiam uma análise pormenorizada. Por isso, o seu caminhar em direção ao cristianismo já vinha acontecendo de forma gradual, intelectual.

A experiência da Cruz, que ela teve no funeral de Adolf Reinach, será este divisor de águas, o qual marcará uma mudança completa em sua vida. Segundo o testemunho do padre Hirschmann, SJ<sup>4</sup>, Edith Stein contou-lhe esta experiência pouco antes de morrer, da seguinte maneira:

Este foi o meu primeiro encontro com a Cruz, com esta força divina que ela emana aos que a carregam. Pela primeira vez, a Igreja nascida da Paixão de Cristo, e vitoriosa sobre a morte, me apareceu visivelmente. No mesmo instante minha incredulidade cedeu, o judaísmo empalideceu aos meus olhos e a luz de Cristo refulgiu em meu coração. (MIRIBEL, 2001 p. 60)

No ano de 1918, em carta a Roman Ingarden, Stein revela os efeitos que a experiência da morte e velório de Reinach lhe causaram. Assim relata Stein:

---

<sup>4</sup> Cf. STEIN, Edith. Na força da cruz. Tradução Hermann Baaken. São Paulo: Cidade Nova, 1984, p. 93-94.

No sé si de mis comunicaciones anteriores ha deducido ya que tras larga reflexión más y más me he decidido por un cristianismo positivo. Esto me ha librado de la vida, que me había tirado por tierra, y, al mismo tiempo, me ha dado fuerza para retomar otra vez, agradecida, la vida. Por tanto, puedo hablar, em el sentido más profundo, de un 'renacimiento'. Pero, para mí la nueva vida está tan íntimamente ligada con los acontecimientos del último año, que ya em cierto sentido nunca me desligaré de ellos; para mí será siempre presencia muy viva. (2002, p. 654)

A experiência da morte cristã, sua consciência filosófica sobre a finitude e sua intuição fenomenológica orientada para Deus, tudo isso, era fruto de um longo período de amadurecimento humano, filosófico e espiritual.

Com certeza, o contato com a obra de “Filosofia da Religião” de Adolf Reinach, que Edith Stein será responsável por organizar para a publicação depois da morte deste, contribuiu para a sua conversão. Mulher do conhecimento e da razão, Stein se vê diante do campo que ultrapassa tudo isso, pois, o novo mundo da fé apresenta-se diante dela com toda sua força. Sobre este processo de conversão MacIntyre escreve que:

A narrativa da conversão de Stein, assim como a narrativa de seu desenvolvimento filosófico, acaba por ser contínua com a de Reinach. Ela começa no início de 1918, por volta da época em que ela havia desistido do cargo de assistente de Husserl. Ela havia recebido uma transcrição das notas sobre filosofia da religião que Reinach havia escrito enquanto estava no *front* e, sobre elas, fala numa carta a Fritz Kaufmann que são “coisas muito belas. Algumas páginas da exposição são tão belas que poderiam ser publicadas como fragmento [...]”. (2022, p. 217)

A leitura do Novo Testamento, que outrora era apenas um estudo da língua alemã, agora, começa a ganhar novo sentido. A filósofa vai sendo conduzida, pela misteriosa mão da Providência, até a obra de outra mulher, Santa Teresa de Jesus (1515-1582), o que definitivamente marcará o limiar entre a judia, agnóstica, fenomenóloga e a filósofa cristã, monja carmelita e mística da Cruz.

De acordo com Mariana Bar Kusano “durante os anos em Göttingen, Edith estabeleceu uma profunda amizade com Hedwige Conrad-Martius e seu marido Conrad” (2014, p. 47), um casal de amigos filósofos e protestantes, cuja casa, era um dos lugares onde ela costumava passar suas férias.

Foi justamente na casa dos Conrad-Martius, onde Stein teve a experiência decisiva para sua conversão ao catolicismo. “Então, no verão de 1921, Edith leu *O livro da vida*, de Santa Teresa D’Ávila e ao terminá-lo afirmou ter encontrado a verdade. Imediatamente providenciou sua instrução de catecismo e, em 1922, recebeu o Batismo” (KUSANO, 2014, p. 47). A partir deste fato, podemos compreender:

O que decidiu imediatamente ao responder à autobiografia de Teresa foi seguir o caminho que ela havia descrito; isto é, a vida carmelita. E, já que a vida carmelita só é possível dentro da Igreja Católica, a sua decisão desde logo foi tornar-se católica e tornar-se carmelita. Ela ficou surpresa, alguns meses depois, ao descobrir que não poderia desde já, logo após o seu batismo, ser admitida numa ordem religiosa. E ela tinha que reconhecer que, graças ao impacto que sua conversão teve em sua família, ela tinha que ir mais devagar. A consequência imediata de ter lido Teresa foi comprar um catecismo e um missal para estudá-los, ir regularmente à missa e pedir que o padre de Bergzabern a batizasse. Ela precisou de um período mais curto para ser instruída do que a maioria dos convertidos e, em 1º de janeiro de 1922, ela foi batizada. Sua madrinha foi Hedwig Conrad-Martius, que então era luterana convicta. (MACINTYRE, 2022, p. 223-224)

É interessante notar como a questão religiosa começa, gradativamente, a aparecer nos escritos de Stein. Centenas de cartas relatam, passo a passo, as descobertas, as dúvidas, as decisões e o amadurecimento religioso-filosófico da filósofa fenomenóloga.

Em uma carta de 30 de agosto de 1921, destinada a seu amigo polonês Roman Ingarden (1893-1970), que também havia sido aluno de Husserl, temos o relato de um primeiro trabalho filosófico onde o tema da religião, da qual se aproximara a pouco tempo, começava a ser escrito.

Stein revela a Ingarden, que começou a escrever um ensaio religioso-filosófico, não sabe o que resultará deste trabalho, mas está convencida, de que no futuro, trabalhará neste campo (cf. 2002, p. 718). Este ensaio é identificado com “Natureza, liberdade e graça”, que será publicado em 1926. Nele, podemos ver como Stein utiliza o método fenomenológico para estudar o tema religioso da fé, de Deus. Segundo Stein,

el objeto de la fe no “se ve”. De ahí procede quizá la confusión de la *fides* con la *δόξα* ciega. Pero aunque no visto, aunque no accesible a sentido alguno. El objeto de la fe nos está sin embargo directamente presente, nos toca, nos sostiene y nos hace posible sostenernos en él. El objeto de la fe es Dios. La fe es *fe en Dios*. En ese “en” se expresan todos los momentos que la distinguen de toda fe teórica. (2007, p. 120)

Ao encontrar o “caminho a Cristo e a sua Igreja” (STEIN, 2019, Prólogo, ix), a filósofa despertou um grande interesse pela obra de santo Tomás de Aquino. Stein trabalhou na tradução da obra “*Questiones disputatae de veritate*” para o alemão, o que fez convergir em seu horizonte filosófico “o encontro de dois mundos”, a saber: a Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de santo Tomás, os quais, vão exigir dela uma confrontação. Desta confrontação nascerá um artigo no ano de 1929<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Tomás. Homenagem dedicada a E. Husserl e a filosofia de santo Tomás, Halle, Niemeyer, 1929.

Em outra carta a Ingarden, datada de 08 de novembro de 1927, Stein descreve minuciosamente as obras que foram importantes em sua caminhada de conversão. Eis o relato da filósofa:

No sé si los libros pueden ayudarle a comprender mejor mi camino. Entre las obras dogmáticas que han influido en mí antes de mi conversión está la *Simbólica* de Mòhler. Más tarde conocí *Los Misterios del cristianismo* de Scheeben, que amo y valoro mucho: la primera obra o una de las primeras que después de la inundación del racionalismo se colocó resueltamente sobre el terreno de lo sobrenatural y que ha sido fundamental para toda la dogmática más reciente. Pero no sé si esto podría ser demasiado para usted ahora. Me parece como si primero debiera servirse de las vías intelectuales hasta los límites de la razón y con ello situarse a las puertas del misterio. Quizá en esto pudiera ayudarle Newman, si bien su punto de partida es otro. En todo caso, tan pronto como estén impresos, le envío las *Cartas* y los *Diarios*. (STEIN, 2002, p. 798-799)

Edith Stein, ao expor para o amigo, seu caminho intelectual que culminou em sua conversão, está firmemente convencida de que é possível pela via do conhecimento chegar ao limiar do mistério. E, por isso, a fé deve ser compreendida, juntamente com a razão natural, como uma das vias de acesso ao conhecimento da verdade.

Em 1928, Stein escreve uma homenagem a Edmund Husserl, pelo seu aniversário de setenta anos (8 de abril de 1929). Nesse texto, vemos um primeiro passo daquilo que a autora trabalhará, com mais profundidade, na obra “Ser finito e ser eterno” (1936).

Por meio de um diálogo fictício entre os dois grandes filósofos e de um ensaio intitulados “*O que é filosofia: uma conversa entre Husserl e Tomás de Aquino*” e “*A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*”, respectivamente, Stein, destaca os pontos em comum e os divergentes entre as duas filosofias. Onde a autora, escreve que:

A verdade primeira, princípio e critério de toda verdade, é Deus mesmo [...]. De Deus procede toda verdade que se possa obter. Disso resulta que a tarefa da filosofia é ter Deus por objeto. Ela deve explorar a ideia de Deus e o sentido de seu ser, além da relação, segundo a essência e a existência, de todo o restante com Deus, bem como ainda a relação do conhecimento dos outros seres cognoscentes com o conhecimento divino. Para tratar desses temas, devemos acionar *tudo* o que podemos saber não apenas do conhecimento natural, mas também da Revelação. (STEIN, 2019, p. 37)

Para Ales Bello, “o que distingue fundamentalmente a fenomenologia husserliana e a filosofia tomista é a visão ‘antropocêntrica’ da primeira e a ‘teocêntrica’ da segunda. A busca da verdade é comum aos dois filósofos” (BELLO, 2014, p.34).

Como filósofa, Edith Stein sempre buscou a verdade primeira cognoscível. Seu objeto de estudo passa a ser Deus e todos os conceitos oriundos da Revelação, da Filosofia Escolástica, dos Padres da Igreja e dos místicos cristãos, passam a fazer parte de sua pesquisa e produção filosófica. Kusano assim escreve sobre o percurso de Stein:

A fenomenologia abriu uma fresta para a possibilidade de contemplação dessa verdade, ainda que num procedimento puramente racional e preparou seu espírito para receber uma verdade superior, oferecida pela Revelação. O trajeto que a leva da fenomenologia às questões metafísicas de São Tomás e, mais tarde, ao ensinamento da mística espanhola Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, é empreendido com a filosofia da pessoa, uma filosofia que se dedica em compreender o ser humano enquanto tal. (2014, p. 14)

Em outra passagem, Kusano destaca que

Stein estava convencida de que a “fenomenologia no interior da pesquisa filosófica do século XX, fosse talvez a única posição que, por não estabelecer nenhuma ligação com a tradição filosófica cristã, permitiu em alguma medida colocar em contato os dois mundos”<sup>6</sup> promovendo, assim, uma aproximação que deixa entrever a conexão entre a especulação filosófica e a adesão à Revelação. (2014, p. 50)

Deste modo, vemos o ponto de convergência entre razão e fé na filosofia steiniana. Partindo da reflexão sobre o ser humano, o ser finito, Stein, vai descortinando diante de si a “Pessoa de Deus”, o Deus Trindade do cristianismo, que os filósofos, ao longo dos séculos, buscaram compreender à luz de sua inteligência, mas, principalmente à luz da razão sobrenatural, a fé.

De acordo com o pensamento de Edith Stein, pode-se ter certeza de que existe uma verdade última de todas as coisas e, que, esta verdade pode ser conhecida pelo ser humano. Por isso, Stein afirma que,

existem dois caminhos que conduzem à verdade, e ainda que a razão natural não possa chegar até a verdade suprema e mais elevada, pode, no entanto, alcançar um grau, desde que lhe seja possível excluir certos erros e demonstrar a harmonia entre a verdade provada pela razão e a verdade da fé. (STEIN, 2019, p. 40)

Como doutora em Filosofia, Stein tenta concorrer à uma cátedra em diversas universidades, em Gotinga, Friburgo, Kiel, entre os anos de 1919 e 1921, no entanto, recebe resposta negativa por sua condição de mulher. Desde 1916, Stein leciona Latim, Alemão, História e Geografia, na Escola Viktória em Breslávia. A partir de 1923, ela se torna professora de Literatura e Alemão no Instituto e Escola de Magistério das Dominicanas de Santa Madalena, em Espira (cf. STEIN, 2002, p. 120-122).

---

<sup>6</sup> STEIN, Edith. *La Ricerca della Verità: dalla Fenomenologia alla Filosofia Cristiana*. Ed. Angela Ales Bello. 3ª ed. Roma: Città Nuova, 1999, p. 19.

Dentre os muitos trabalhos que realiza, podemos destacar a tradução ao alemão do “Diário e das Cartas do Cardeal John Henry Newman” (1925), trabalha na tradução da obra “*Questiones distutatae de veritate*”, de santo Tomás de Aquino, (1928- que será publicado o primeiro volume em 1931 e, o segundo volume, em 1932), publica “O que é filosofia: Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino” (1929).

A partir de fevereiro de 1932, a Dra. Edith Stein, inicia sua atividade como professora no Instituto de Pedagogia Científica de Münster. Publica muitos artigos e ministra cursos sobre a condição da mulher na educação e sobre a educação católica. Em 1933, Adolf Hitler conquista o poder e, em abril do mesmo ano, proíbe a presença dos judeus nos cargos públicos. Stein já não pode seguir lecionando (cf. STEIN, 2002, p.124). Mais uma vez as portas são fechadas diante dela e, desta vez por sua origem judia.

## **5. O CARMELO E A CRUZ: UM HOLOCAUSTO DE AMOR**

Edith Stein, ao longo da década de 1920, seguiu dedicando sua vida ao ensino, dando palestras e produzindo uma obra onde buscou a convergência entre a fé e a razão. No entanto, um sonho cultivado no silêncio de seu coração, desde a sua conversão ao catolicismo em 1921, começa a ganhar forma diante de seus olhos. Os caminhos da Providência, que lhe apresentaram Santa Teresa, agora vão abri-lhe as portas do Carmelo.

Neste momento, em meio ao crescimento da ideologia nazista em seu país, vê suas esperanças de ocupar uma cátedra na universidade ruírem. A filósofa então, dá outro passo, fruto de longa espera, de refletida decisão. Em 14 de outubro de 1933, ingressa no Carmelo, unindo sua vida de uma vez porta, à Cruz, que foi o impulso para a sua conversão e, agora, faria parte de seu nome, e que ela abraçava por si mesma e pelo seu povo que começara a ser perseguido. Em 15 de abril de 1934, recebe o hábito carmelitano e assume o nome de Ir. Teresa Benedita da Cruz (cf. STEIN, 2002, p. 124-125).

Como disse a própria Stein, “[...] e a luz de Cristo refulgiu em meu coração. A luz de Cristo no mistério da Cruz. Esta é a razão pela qual, tomando o hábito de carmelita, desejei unir ao meu nome o da Cruz.” (MIRIBEL, 2001, p. 60).

No Carmelo, a pedido de seus superiores, Edith Stein, segue sua pesquisa e produção filosófica. São desta época diversos escritos filosóficos, espirituais e místicos.

Destacamos duas de suas obras mais importantes deste período: “Ser finito e ser eterno” (1936) e “A Ciência da Cruz” (1941).

Sobre a obra “Ser finito e ser eterno”, temos o relato de Edith Stein em diversas cartas, da qual destacamos uma em especial, que a filósofa envia para seu grande amigo, Roman Ingarden, escrito desde o Carmelo de Colônia, no verão de 1937. A Doutora em Filosofia e monja carmelita, assim escreve:

No hemos dejado el mundo porque lo consideráramos sin valor, sino a fin de estar libres para Dios. Y si Dios lo quiere, otra vez hemos que retomar la relación con algunos que están más allá de nuestros muros. Para nosotras, vale lo mismo pelar patatas, limpiar ventanas o escribir libros. Pero, en general, se emplea a la gente para aquello que más vale, por esta razón es mucho más raro que yo pele patatas que escriba. Al principio fueron pequeñas cosas, puramente religiosas, o recensiones de libros. Pero bastante pronto, después que emití los primeros votos (lo que ocurrió en la Pascua de 1935) recibí el encargo de concluir para la imprenta un gran borrador que había traído conmigo. Enseguida eché mano del borrador y comencé a escribir de nuevo. El resultado ha sido una obra en 2 volúmenes *sobre Ser finito y ser eterno*. El manuscrito del primer volumen ya ha sido entregado a la editorial Anton Pustet de Salzburgo para que lo imprima. Por lo que se refiere al segundo, aún necesitaré algún tiempo para pulirlo. (STEIN, 2002, p.1221-1222)

Em outras cartas, especialmente dos anos de 1940 à 1942, vemos como Edith Stein começa a buscar por bibliografia, a pesquisar e a escrever uma obra sobre a espiritualidade carmelitana, em comemoração aos 400 anos de nascimento do místico espanhol, São João da Cruz (1542-1942).

Na carta escrita à Madre Johanna van Weersth, O.C.D, escrita em Echt, na Holanda, Stein diz que:

Ahora, precisamente, estoy recogiendo material para un nuevo trabajo, pues nuestra querida madre desea que me ocupe nuevamente en trabajos científicos, en la medida en que nuestras condiciones de vida y las circunstancias actuales lo permiten” (2002, p. 1359)

Em outra carta dirigida à mesma, datada de 08 de outubro de 1941, Stein, pede orações para conseguir levar à cabo este labor:

Por favor, pida también Vuestra Reverencia al Espíritu Santo y al Santo Padre Juan [de la Cruz] por lo que ahora me pongo a escribir. Deberá ser algo para conmemorar el IV Centenario del nacimiento del santo Padre (24 de junio de 1942); pero, para ello todo ha de venir de arriba. (2002, p. 1380)

Por fim, numa carta escrita à dominicana, Ir. Agella Stadtmüller, datada de 07 de abril de 1942, podemos tomar conhecimento do nome da obra que Stein escreve naqueles anos. Dentre outras coisas, Stein revela que está trabalhando em uma “Ciência da Cruz”, em honra a São João da Cruz (cf.2002, p. 1398-1939).

Podemos perceber nestas linhas que a monja não suplantou a filósofa, da mesma maneira que, a católica não fez perder a grande fenomenóloga que era Edith Stein. Nestas duas obras principais, escritas quase que na sua totalidade dentro dos muros do Carmelo, “Ser finito e ser eterno” e “A Ciência da Cruz”, Stein revela o profundo conhecimento filosófico que cultivou ao longo de mais de trinta anos de estudo, pesquisa e labor filosófico.

Vemos em seu pensamento um apurado estudo da obra aristotélica e, percebemos a influência dos Padres da Igreja e dos Escolásticos. Stein, também, bebe da sabedoria dos principais filósofos da modernidade e, é imbuída pelo modo fenomenológico de ler o mundo das vivências.

Tudo isso, culminou em uma filosofia autêntica, capaz de dialogar com o seu tempo e responder as indagações dos homens e mulheres que estavam em busca da verdade última do ser.

Stein, sempre interessou-se e comprometeu-se com o seu povo. Em momento algum, pensou em traí-lo ou abandoná-lo. Buscou compreender, como observadora nata que era, o que acontecia em seu país, com a ascensão do nacional socialismo e, chegou até mesmo a enviar uma carta ao Papa Pio XI, alertando sobre o que acontecia na Alemanha (cf. STEIN, 2018, p. 540-541). No início de sua autobiografia ela nos relata:

Os últimos meses roubaram dos judeus alemães a evidência calma da existência. Eles se viram obrigados a meditar sobre si mesmos, sobre sua essência e sobre seu destino. A questão judaica impôs-se não somente a eles, mas a muitas outras pessoas, para além da pertença a grupos. Nos movimentos de juventude católicos, por exemplo, ela foi discutida com seriedade e com um profundo senso de responsabilidade. Nesses meses, lembrei uma conversa de alguns anos atrás com um sacerdote membro de uma ordem religiosa. Tive até a ideia de escrever o que eu, como filha de uma família judia, aprendera sobre a condição judaica, pois observadores externos sabem muito pouco sobre ela. Na época, porém, outras obrigações impediram-me de levar a cabo esse propósito. Ele me voltou ao espírito novamente quando, em março último, com a Revolução Nacional, tomou corpo na Alemanha uma luta contra o judaísmo. (STEIN, 2018, p. 19-20)

No dia 31 de dezembro de 1938, Edith Stein viaja para o Carmelo de Echt, na Holanda para onde a monja imigrara em busca de uma pátria mais segura e, para proteger as suas irmãs Carmelitas de Colônia-Lidental, de possíveis reprimendas do governo nazista. Podemos saber alguns detalhes desta viagem por meio de uma carta que Stein envia para Madre Petra Brüning OSU, datada do dia 03 de janeiro de 1939. Escreve Stein:

Desde luego, no hay consuelo humano, pero el que impone la cruz sabe cómo hacer la carga dulce y ligera. En la octava de Navidad llegaron, casi con asombrosa rapidez, los documentos necesarios para el viaje. Un fiel amigo de nuestra casa (o sea, del Carmelo de Colonia), me ha traído aquí la tarde de san Silvestre. Las buenas hermanas de aquí, que habían hecho todo lo posible para obtener enseguida el permiso de entrada me recibieron con un amor entrañable. Después de todo, aquí está el antiguo Carmelo de Colonia, como quizás ya sabe usted por el libro de Homenaje del Centenario. Con el coche que me trajo, pude pasar primero por la calle Schnur y recoger la bendición de la Reina de la paz para el viaje. No necesito describirle lo dolorosa que fue la despedida de la querida familia conventual en Lindental, especialmente de las buenas Madres. (2002, p. 1297-1298)

Na mesma carta, relata que sua irmã Erna e família partirão para os Estados Unidos da América e, que, sua outra irmã Rosa, a qual convertera-se ao catolicismo, viria a Echt, assim que possível. O que de fato ocorreu em julho do mesmo ano.

Unindo sua vida à do povo judeu, Stein enfrenta as dificuldades que seu povo também vive. Com confiança, consagra-se a Deus pela salvação do povo judeu, de toda a Alemanha e pelo fim da Guerra. Stein é consciente do perigo que ela, sua irmã Rosa e muitos outros judeus sofrem.

Tenta de todas as maneiras possíveis uma transferência à diversos conventos da Suíça, Espanha e até mesmo da América do Sul. No entanto, segue confiando na Providência de Divina, acreditando que acontecerá aquilo que melhor aprover ao Eterno. Segundo Stein,

Só se pode conquistar uma "*sciencia crucis*" (ciência da cruz) quando se sente bem profundamente a cruz. Disso eu estava convicta desde o primeiro instante e disse de coração: "Ave Crux, spes única!" (Seja saudada, Cruz, única esperança). (1984, p. 87)

Stein termina sua existência em uma câmara de gás, junto com sua irmã Rosa, a 9 de agosto de 1942. Como o Papa São João Paulo II, dirá na cerimônia de beatificação de Edith Stein, em 1987: "Uma filha de Israel, que durante as perseguições dos nazistas permaneceu unida na fé e no amor ao Senhor Crucificado, Jesus Cristo, como católica e ao seu povo, como judia" (in STEIN, 2019, p. xvi).

Edith Stein foi uma mulher comprometida com os problemas de seu tempo, comprometida com o seu país, com seu povo de origem, com seu gênero, com sua fé cristã e com a verdade até as últimas consequências. Carvalho Silva descreve a filósofa, santa e mártir desta maneira:

Edith Stein é judia de nascimento e morre como cristã no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Na vida de Stein encontram-se várias razões, além do fato de ser judia, para que o sistema nazista a condenasse à morte. Em meio ao universo político do entre guerras, Edith Stein lecionava

filosofia na Alemanha e proferia conferências nos países circunvizinhos, tratando dos seguintes temas: na área pedagógica sobre a estrutura do ser humano; na área social sobre o papel da mulher na sociedade; e na área religiosa sobre a atuação do leigo na Igreja Católica. Assim, ia suscitando nas pessoas a responsabilidade pela construção de uma sociedade igualitária. A sua presença no campo social era rejeitada inicialmente por ser mulher, não lhe permitindo conquistar uma cátedra nas universidades; no campo político, a atuação de Stein entrava em choque com o programa político do Nacional Socialismo; no campo religioso, o judaísmo e o cristianismo unidos configuravam a maior barreira para a expansão do nazismo. Todos esses elementos se tornaram a razão de o governo nazista eliminar Stein da face da terra. (2019, p. 19)

Em 1998, São João Paulo II, na cerimônia de canonização de Edith Stein, expressa a herança, o exemplo e aponta ao caminho místico seguido pela judia, filósofa, carmelita, mártir e agora santa da Igreja Católica:

Como esposa na Cruz, a Irmã Teresa Benedita não escreveu apenas páginas profundas sobre a “ciência da cruz”, mas percorreu até ao fim o caminho da escola da Cruz. Muitos dos nossos contemporâneos queriam fazer com que a Cruz se calasse. Mas nada é mais eloquente que a Cruz que se quer silenciar! A verdadeira mensagem da dor é uma lição de amor. O amor torna o sofrimento fecundo e este aprofunda aquele. Através da experiência da Cruz, Edith Stein pôde abrir um caminho rumo a um novo encontro com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé e a cruz revelaram-se-lhe inseparáveis. Amadurecida na escola da Cruz, ela descobriu as raízes às quais estava ligada a árvore da própria vida. Compreendeu que lhe era muito importante “ser filha do povo eleito e pertencer a Cristo não só espiritualmente, mas inclusive mediante um vínculo sanguíneo”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Papa João Paulo II. Homília do Papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein, em 11 de outubro de 1998. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.pdf](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.pdf). Acesso em: 01 set. 2022.

## CAPÍTULO 2 - A CONVERGÊNCIA ENTRE RAZÃO E FÉ

Neste segundo capítulo, trataremos do tema da razão natural e sobrenatural na reflexão filosófica de Edith Stein. Diante de uma análise de como a filosofia compreende o âmbito da fé e, tudo aquilo que a fé pode contribuir para o labor do filósofo, poderemos perceber o quão atual é esta discussão para o pensamento filosófico de nossos tempos.

### 1. UMA NOVA FILOSOFIA CRISTÃ

A filosofia, no decorrer de sua milenar história, tem dado ao homem respostas que a sua razão é capaz de elaborar, fazendo com que muitos encontrassem sentido de vida no exercício da busca filosófica. De Tales de Mileto, que viveu entre as últimas décadas do séc. VII e na primeira metade do séc. VI a.C., aos nossos dias, podemos observar o avanço da razão, o desenvolvimento da técnica e as inúmeras conquistas do ser humano.

Boécio (480-525), filósofo e poeta latino, escrevera um pouco daquilo que o saber filosófico significava para ele, em sua obra “A Consolação da Filosofia”. No livro I, capítulo sexto desta obra, Boécio nos narra que: “E, mal dirigi o olhar a ela, reconheci minha antiga nutriz, que desde a minha adolescência frequentava a minha mente: era a Filosofia.” (1998, p. 8). Condenado à morte, o filósofo encontra forças para enfrentar o fim da sua existência, dedicando suas últimas palavras àquela que fora quem lhe havia formado, a Filosofia.

Para o ser humano, como *homo religiosus* (cf. CROATTO, 2001, p. 9), não bastam somente, as conquistas da razão e os desenvolvimentos tecnológicos, para saciar sua sede de saber que, quanto mais saciada, parece aumentar ainda mais. Paralelamente ao desenvolvimento da razão, o homem, nunca deixou de viver a sua fé. O sagrado, sempre se fez presente por meio da reflexão e da experiência de fé da humanidade.

Na história do cristianismo, razão e fé caminharam juntas e, assim, construíram o imenso edifício do pensamento filosófico ocidental. Uma das maiores colunas para a reflexão filosófica cristã fora Agostinho (354-430), bispo de Hipona, filósofo e teólogo. Em seu livro “A vida feliz: diálogo filosófico”, Agostinho faz uma reflexão, em forma de diálogo com seus amigos, tratando do tema de onde se encontrava a vida feliz. Se, nos prazeres? Nas honrarias? Na razão natural? Questões que, ao final do

diálogo, o filósofo conclui que “para ser feliz é preciso possuir a sabedoria” (1993, p. 59). Seguindo este raciocínio, Agostinho escreve que:

Mas que sabedoria será digna desse nome, a não ser a Sabedoria de Deus? Justamente aprendemos pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24); e o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. Por conseguinte, é feliz que possui a Deus. (1993, p. 60)

Durante o período chamado Escolástico, época do surgimento das primeiras universidades na Europa, por volta do século XI, teremos grandes nomes, como, Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109), São Bernardo de Claraval (1090-1153), e muitos outros filósofos e teólogos, os quais, ajudaram a formar a elite intelectual europeia.

Dentre tantos santos e doutores, destaca-se a figura de santo Tomás de Aquino (1225-1274), frade dominicano que dedicou sua vida ao conhecimento. Entre suas principais obras, temos a monumental “Suma Teológica” e a “Suma contra os gentios”. Na Suma contra os gentios, ao tratar sobre o tema das verdades racionais auxiliadas pela luz sobrenatural da fé, Santo Tomás escreve que:

Também os filósofos, com este intento, procuraram mostrar que há bens mais valiosos que os sensíveis, a fim de levarem os homens, desde os prazeres sensíveis, para a honestidade. Ora, com o gozo destes bens mais valiosos deleitam-se muito suavemente os que praticam as virtudes, tanto da vida ativa quanto contemplativa. (1990, p. 26)

Nestes dois milênios de cristianismo, muitos filósofos buscaram responder questões acerca de Deus, a criação, a distinção entre essência e existência, a doutrina da Santíssima Trindade, conceitos como natureza, pessoa, substância e acidente (cf. STEIN, 2019, p. 50-51). Assumir as verdades cristãs ou negá-las, caracterizará boa parte da reflexão filosófica, no ocidente.

Depois do racionalismo kantiano, do niilismo nietzschiano e do materialismo dialético marxista, o homem afasta-se da fé, na tentativa de fundar uma sociedade onde, a fé, não teria nenhuma importância. O homem, segundo esses pensadores, já não precisa de Deus.

O drama da separação da fé e da razão, culminará nas formas de um humanismo ateu, um niilismo hedonista, na instrumentalização da razão para fins utilitaristas e de poder. Sem a fé, a razão fica mais pobre e, sem a razão a fé torna-se débil, correndo o risco de tornar-se supersticiosa, mitológica.

No entanto, estes pensadores estão equivocados. A necessidade de uma metafísica torna-se necessária para o homem contemporâneo. Ao tomar consciência de sua finitude, diante da angústia da própria existência, ele direciona sua reflexão para questões que possam dar sentido a sua vida.

Muitos filósofos, ao longo do século XX, buscarão reafirmar o lugar da fé no seio da sociedade pós-moderna e, as próprias autoridades da Igreja estarão preocupadas em dialogar com o mundo da razão, para propor a sua contribuição na formação desta sociedade.

De acordo com a doutrina da Igreja Católica, o ser humano traz em si um desejo de Deus (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 26). Como criatura de Deus, o homem sente-se atraído para o seu Criador, mesmo sem conhecer a Deus, mesmo que as “apalpadelas” (cf. At 17,27), ele busca algo transcende e, é capaz de organizar a sua existência.

São João Paulo II, em sua Carta Encíclica “*Fides et ratio*: sobre as relações entre fé e razão”, do ano de 1998, logo nas primeiras linhas, escreve que:

A FÉ E A RAZÃO (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de o conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33,18; Sl 27/26,8-9; 63/62,2-3; Jo 14,8; 1Jo 3,2).

Deste modo, “cada verdade alcançada é apenas mais uma etapa rumo àquela verdade plena que se há de manifestar na última revelação de Deus” (SÃO JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, 1998, n. 2). E, muitos serão os instrumentos que o homem utilizará para “progredir no conhecimento da verdade” (1998, n. 2).

O Santo Padre destaca a filosofia, dentre estes instrumentos, à qual, por ser fruto do “amor à sabedoria”, é capaz de levar o ser humano a indagar-se de questões que o colocam no caminho da verdade.

Desde o assombro diante do mundo que se lhe apresenta à especulação filosófica criteriosa sobre a *physis*, acerca do homem ou, de temas metafísicos, destaca-se que

a capacidade reflexiva própria do intelecto humano permite elaborar, através da atividade filosófica, uma forma de pensamento rigoroso, e assim, construir, com coerência lógica entre as afirmações e coesão orgânica dos conteúdos, um conhecimento sistemático. (São João Paulo II, *Fides et ratio*, 1998, n. 4).

O Pontífice polonês, ressalta a importância da reflexão filosófica para o desenvolvimento da fé na história da comunidade cristã. Ele destaca a contribuição

dos Padres da Igreja, os quais, durante oito séculos, contribuíram para o desenvolvimento do dogma e da doutrina católica.

Destaca também, aquilo que os pensadores mais recentes colaboraram para que, os cristãos de hoje, pudessem dar razões à sua fé, diante de um mundo plural e em constante evolução. Para São João Paulo II:

A relação entre filosofia e Palavra de Deus manifesta-se fecunda também na investigação corajosa realizada por pensadores mais recentes, dentre os quais me apraz mencionar, no âmbito ocidental, personagens como John Henry Newman, Antonio Rosmini, Jacques Maritain, Étienne Gilson, Edith Stein, e, no âmbito oriental, estudiosos com a estatura de Vladimir S. Solov'ev, Pavel A. Forenskij, Petr J. Chaadaev, Vladimir N. Losskij. Ao referir estes autores, no lado dos quais outros nomes poderiam ser citados, não tenciono obviamente dar aval a todos os aspectos do seu pensamento, mas apenas propô-los como exemplos significativos de um caminho de pesquisa filosófica que tirou notáveis vantagens da sua confrontação com os dados da fé. (*Fides et ratio*, 1998, n. 74)

É de grande importância que, no mesmo parágrafo no qual o Papa cita Agostinho e Tomás de Aquino, Maritain e Gilson, a única pensadora mulher que apareça seja, justamente, Edith Stein. Cujas canonização ocorreu em 11 de outubro de 1998, com o nome religioso de Santa Teresa Benedita da Cruz, no mesmo ano da publicação da encíclica.

Stein viveu em um período do renascimento de uma Filosofia Cristã. Por parte da própria Igreja, surgiu o interesse pelo estudo dos Padres da Igreja e pela Filosofia de santo Tomás de Aquino. O tomismo foi assumido como a base filosófica e teológica para contrapor a filosofia cristã com as filosofias racionalistas que, se afastavam de qualquer ideia religiosa.

Em sua reflexão sobre o renascimento do interesse pela filosofia da Idade Média, Stein demonstra que:

A vida intelectual católica se fez dependendo, em grande parte, da vida intelectual “moderna”, e havia perdido a conexão com seu passado. A segunda metade do século XIX produziu um verdadeiro renascimento ao pesquisar em melhores fontes. Não é surpreendente que foram necessários os decretos de Leão XIII e de Pio XI para reviver os estudos tomistas. (2019, p. 32)

Este interesse pela Patrística e pela Escolástica fora motivado pelas autoridades da Igreja. O Papa Leão XIII, em 1879, publica a Encíclica “*Aeterni Patris*”, onde trata sobre a importância do Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino e sua filosofia como base para o pensamento cristão contemporâneo. Leão XIII enfatiza que:

Entre os doutores escolásticos emerge sobremaneira, como principal e mestre de todos, Tomás de Aquino: ele, como observa Caetano, como aos antigos “sacros Doutores teve altíssima consideração, de certo modo alcançou a inteligência de todos”. Tomás recolheu suas doutrinas e as

articulou numa unidade como os diversos membros de um corpo, e as combinou numa ordem tão admirável e lhes deu tal incremento que, com justiça e direito, ele é considerado a singular defesa e honra da Igreja católica. (DENZINGER, 2015, § 3139, p. 670)

Stein, atenta aquilo que o Magistério da Igreja propunha para uma filosofia cristã, aprofunda-se no pensamento de Santo Tomás de Aquino, trazendo para sua reflexão os instrumentais da fenomenologia.

Neste longo processo de desenvolvimento racional do ser humano, onde os diversos sistemas filosóficos têm sua importância para a sociedade que o gerou e para a reflexão das vindouras, podemos reconhecer também, o lugar da Filosofia Cristã, sobre, a qual, pode-se explicar que:

É cristã toda filosofia que, criada por cristão convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão. (BOEHNER; GILSON, 1970, p. 9)

Edith Stein, com sua obra filosófica produzida depois de sua conversão em 1921, merece ser colocada entre os filósofos cristãos, os quais, em meio a um ambiente de reflexões estruturalistas, existencialistas, neomarxistas e outras filosofias de orientação ateísta, que ao longo do século XX, moldaram boa parte do saber filosófico, continuam apresentando para a sociedade, o caminho para Deus. De acordo com Stein:

Uma “filosofia cristã” considerará como sua mais nobre tarefa preparar o caminho da fé. Por essa razão, santo Tomás colocava tanto empenho em construir uma filosofia pura fundada na razão natural: porque somente dessa maneira se dá um trajeto do caminho comum com os incrédulos; se eles aceitam caminhar conosco esse trajeto do caminho, talvez se deixassem guiar mais longe do que teriam pensado no começo. (2019, p. 55)

## **1. A VERDADE**

Edith Stein, em sua busca pela verdade, por meio de seu itinerário filosófico e, em seu encontro com Deus, fez um caminho iniciado na razão natural, para chegar à razão sobrenatural.

Iluminada neste percurso pela Palavra de Deus, pelos Padres da Igreja, por santo Tomás de Aquino e, pela obra de Santa Teresa de Ávila. Este encontro com a santa carmelita, marca, não somente, a sua conversão ao cristianismo, como influencia Stein, em sua vivência da fé, a ponto de levá-la a ingressar no Carmelo de Colônia, no ano de 1933.

A busca pela verdade, segundo Stein, é uma consequência lógica do trabalho filosófico. Compreender que a verdade é uma, mas, que se apresenta diante do ser humano de diversas maneiras, é tarefa do filósofo. O qual, não se contenta com o senso comum, porém, está disposto a chegar até o limite que a razão, por si mesma, é capaz de alcançar. Sobre isto, escreve a autora que,

há um fato essencial que é inerente a todo trabalho filosófico humano: a verdade é uma, mas pode separar-se para nós em muitas verdades que devemos conquistar passo a passo; temos que nos aprofundar em um ponto para que possamos conhecer maiores valores, mas quando se abre um horizonte mais vasto, então percebemos em nosso ponto de partida uma nova profundidade. (STEIN, 2019, p. 27)

Como buscador da verdade, o homem tem diante de si diversas formas de verdade: as verdades que se apresentam em evidências imediatas ou recebem confirmações da experiências; as verdades de caráter filosófico; e por fim, as verdades religiosas (cf. SÃO JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, 1998, n.30).

Trazendo a questão do ser para o centro da reflexão filosófica, o ser humano ao confrontar-se consigo mesmo, chega racionalmente na questão do ser primeiro, do ser verdadeiro, origem de todo o cosmos, Deus (cf. STEIN, 2019, p. 29).

Para Stein, o “*ser humano total*”, em sua completude, vivendo sua vocação neste mundo, está orientado para Deus. Por meio do conhecimento filosófico, de uma formação católica que abranja todos os membros de uma sociedade, a humanidade, perdida em seu racionalismo e ceticismo, pode reencontrar o caminho que lhe conduza ao Criador. Stein escreve que:

Toda verdade precisa ser reconhecida por pessoas, toda beleza precisa ser vista por pessoas. Neste sentido, todos os valores objetivos estão aí para as pessoas. Atrás de tudo isso o que há de valioso no mundo está a *pessoa do criador* que, como seu protótipo, encerra em si todos os valores imagináveis e os excede. Entre as criaturas, o mais elevado é aquele que foi criado à sua imagem exatamente na personalidade, ou seja – no âmbito da nossa experiência – o ser humano. Mais precisamente, aquele ser humano em que a imagem de Deus é desenvolvida da forma mais genuína possível e no qual os dons que Deus lhe deu não definham e, sim, florescem e no qual as forças estão dentro da ordem que corresponde à imagem de Deus, de acordo com o que Deus quis, a saber: a vontade orientada pelo conhecimento e as forças inferiores reguladas pelo conhecimento e pela vontade. Esse é o ser humano total que falamos. (1999, p. 283)

Através de escritos como este, Edith Stein, marca sua reflexão acerca de uma antropologia filosófica e teológica, as quais, reconhecem no ser humano, pelo fato de ser criatura e imagem de Deus, a capacidade para buscá-lo por meio da razão, de reconhecê-lo ao contemplar as belezas da criação e, finalmente, de encontrá-lo por meio da razão sobrenatural, a fé.

Seu próprio caminho de busca pela verdade, iniciado nos estudos filosóficos, que compreende boa parte de sua formação humana e intelectual, testemunha esta via racional até a fé. Possuidora de uma inteligência prodigiosa, Stein dedica-se com paixão às pesquisas acadêmicas.

De sua formação inicial em Psicologia e Literatura Alemã, passando por Pedagogia e História, até chegar à Filosofia e, mais especificamente, à Fenomenologia, Edith Stein, vai ampliando seu horizonte de saberes. Como escreve Miribel, “sua única paixão era o conhecimento” (2001, p. 58).

Após sua conversão em 1921 e, seu batismo, em 1922, inicia-se na vida de Edith Stein, um período de novas descobertas, não somente, a nível espiritual, mas também, a nível acadêmico. Descortina-se um mundo de realidades das quais Stein não fazia ideia. Pode-se observar por meio de suas próprias palavras com que força, este novo mundo, que se apresentara diante de seus olhos, lhe impactou. Assim relata a filósofa:

Peguei na biblioteca, por acaso, um livro intitulado Vida de Santa Teresa contada por ela mesma. Desde o começo fui me sentindo como que cativada e só pude parar de ler quando terminei o livro. Fechando-o, disse para mim mesma: é a verdade. (MIRIBEL, 2001 p. 64)

Era como se o véu do templo se rasgasse diante de si e, agora, Edith Stein tinha acesso ao “Santo dos Santos” (cf. Mt 27,51). Tudo que para a filósofa era trevas, desconhecimento, agnosticismo, é iluminado pela graça de Deus. “Edith passou a noite entregue àquela leitura”, continua Miribel, “e de manhã, com o auxílio de um missal e de um catecismo, começou, sozinha, sua própria instrução” (2001, p. 64).

Sua sede pelo conhecimento lhe conduziu à fonte de todo o conhecimento, que é a experiência com o próprio Deus. Esta chegada à fonte, só foi possível a partir do momento que Stein abriu-se à graça sobrenatural da fé. Assim escreve Stein:

Antes era o silêncio da morte. Em seu lugar aparece um sentimento de segurança íntima, de libertação de tudo que é preocupação, obrigação e responsabilidade, com relação à ação. E à medida que me abandono a este sentimento, uma vida nova começa, pouco a pouco, a apoderar-se de mim – sem nenhum impulso de minha vontade – a empurrar-me para novas realizações. Este afluxo vital parece emanar de uma Atividade e de uma Força que não são minhas, mas que, sem violentar minha vontade, começam a operar em mim. O único pressuposto necessário para tal renascimento espiritual parece ser esta capacidade de receber que toda pessoa possui no fundo de sua estrutura. (MIRIBEL, 2001, p. 65-66)

Edith Stein, por meio de sua obra filosófica, busca construir uma ponte que liga a fenomenologia husserliana com a filosofia tomista de sua época. Para Stein, a

filosofia “não é coisa do sentimento, da imaginação ou de nobres entusiasmos, mas da séria e sóbria razão investigadora”. (2019, p. 31).

Esta busca de Deus como a verdade a quem o filósofo pode encontrar em seu labor filosófico, é uma busca auxiliada pela razão. Não se trata de um dogmatismo cego, nem de uma apologia para provar a existência de Deus, mas de uma consequência lógica do caminho do saber, quando se busca esta verdade com a máxima honestidade intelectual. Stein, escreve que:

Fala-se de verdade quando um espírito cognoscente conhece um ente. Se o ente é absoluto e infinito, no qual ser, conhecer e ser conhecido são um, então ser e verdade são também um. (Por isso o *Lógos* pode dizer: “Eu sou a verdade”). Se é um ente temporal e finito, e se for tomado como conhecido pelo espírito divino, então a verdade é verdade eterna e precede no tempo o ser conhecido. (2019, p. 97)

## 2. FIDES ET RATIO

Ales Bello, ao tratar do encontro da filosofia com a teologia no pensamento de Edith Stein, analisa que não se trata de uma reflexão irracional, mas suprarracional, que tem suas raízes na filosofia dos Padres da Igreja. Segundo a filósofa contemporânea:

Edith Stein, querendo demonstrar que a revelação não é irracional, mas suprarracional, chega a estabelecer não só o encontro entre filosofia e teologia como buscas racionais que têm pontos de partida diferentes (São Tomás), mas chega até mesmo a estender o campo da filosofia ao nível sobrenatural e a condicionar a busca filosófica pela revelação; tal entrelaçamento, mais que tomista, pode se definir agostiniano. (BELLO, 2018, p. 70)

Ao entrar pelas portas do catolicismo, Stein se vê diante de uma vasta gama de autores, de conceitos, de reflexões filosóficas, com as quais ela não tinha tanta afinidade. Nomes como Agostinho, Anselmo, Boaventura e Tomás de Aquino e Newman, começam a fazer parte de suas leituras (cf. STEIN, 2002, p. 738). Pouco a pouco, ela se vê submersa nos escritos destes autores, problematizando suas obras e confrontando-as com a fenomenologia husserliana.

Orientada pelo padre Przywara (1889-1972), a filósofa se aprofundará na obra de Santo Tomás de Aquino, de quem será tradutora da obra “*Questiones disputatae de veritate*”, e sobre quem, fundamentará seu edifício filosófico, cuja principal obra, será “Ser finito e ser eterno”, de 1936.

Em uma carta a Roman Ingarden, de 8 de agosto de 1925, Stein, descreve a sugestão do sacerdote jesuíta, e qual seu possível desdobramento em seu labor filosófico. Assim relata Edith Stein:

Me visitó el Padre Przywara SJ, de Munich, con quien me había relacionado por carta a causa de la traducción de Newman, que él edita. Es un buen conocedor de la filosofía moderna (él es el encargado de la sección de filosofía en *Stimmen der Zeit*), y en nuestra correspondencia se había puesto de manifiesto que ambos consideramos en mismo desiderátum como urgente tarea actual: a saber, una confrontación entre la filosofía tradicional católica y la filosofía moderna (con lo cual también para él la fenomenología es la más importante). [...] He concluido rápidamente el volumen de Newman, del que me había hecho cargo, y hace poco he comenzado con el estudio de la principal obra filosófica de Tomás de Aquino, *Questiones disputatae*. De momento va adelante en un ritmo de vacaciones muy sosegado, pero necesitará, mucho tiempo. Y lo que ello resulte, aún no puedo preverlo: si una traducción (aún no existe alguna) con notas o un ensayo sobre la teoría tomista del conocimiento y metodología, contemplado en sí mismo o en comparación con la fenomenología o algo por el estilo. (2002, p. 745-746)

Tendo diante de si a filosofia tomista e, havendo sido formada na fenomenologia, Stein inicia um diálogo entre as duas correntes filosóficas. Em um ensaio de 1929, intitulado “O que é Filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino”, a filósofa colocará frente a frente o tomismo e a fenomenologia. Por meio de um diálogo fictício entre os dois fundadores de cada escola, Stein mostra os pontos comuns e os distintos entre ambos.

Citando os pontos comuns e divergentes entre a fenomenologia e o tomismo, Ales Bello explicita a posição tomada por Stein pela filosofia do Aquinate, reconhecendo a importância da mesma, para o renascimento do tomismo do século XX. Ales Bello diz que:

O confronto entra as duas posições se firma com relação a alguns temas de fundo: o significado da filosofia, a razão e a fé, o teocentrismo e o egocentrismo, a ontologia e a metafísica, o valor a intuição, portanto, sob duplo aspecto metafísico e gnosiológico. Vemos que já neste estágio de sua especulação, Edith se orienta para a filosofia de São Tomás, na qual se encontra uma visão completa dos campos investigados que parece faltar à fenomenologia. (2018, p. 67)

Neste ensaio, ao apresentar o que compreende por verdadeiro filósofo, Edith Stein explica o que significa a “*philosophia perennis*” de Tomás de Aquino e, com isso, a abertura do homem para o saber. Stein escreve que:

No entanto, *philosophia perennis* significa algo bem distinto: refiro-me ao espírito do genuíno filosofar que vive em todo genuíno filósofo, quer dizer, em todo aquele que é impulsionado por uma necessidade interior irresistível de investigar o *logos* deste mundo ou a sua ratio (como eu costumava traduzir o termo grego). Aquele que nasce filósofo – o verdadeiro filósofo deve nascer filósofo – traz com ele para o mundo esse espírito em potência, para usar meus próprios termos. A potência torna-se ato quando o filósofo nato encontra um filósofo maduro, um “mestre”. (2019, p. 31)

Para Stein, tanto Husserl como Santo Tomás, seus mestres nas sendas da filosofia, “nunca duvidaram da força da *ratio*” (STEIN, 2019, p. 50). O ser humano, em sua constante pesquisa sobre a verdade, pode chegar a um conhecimento mais profundo desta verdade quando, partindo do caminho do conhecimento natural, isto é, a razão, abrir-se para a razão sobrenatural, a fé.

A convergência entre razão e fé no pensamento de Edith Stein, nos revela como o filósofo pode utilizar-se destas “duas asas” para chegar à verdade última do ser. Não é mais possível, de acordo com Stein, ao filósofo ignorar a contribuição da fé, correndo o risco de falsear o próprio labor filosófico. De acordo com Stein:

O filósofo que não quer chegar a ser infiel à sua finalidade de compreender o ente até suas últimas causas se vê obrigado por sua fé a estender suas reflexões mais além do que lhe é acessível naturalmente. Existe ente que é inacessível à experiência natural e à razão, mas nos é conhecido pela revelação, e que propõe novas tarefas ao espírito, que o aceita. (2019, p. 49)

Deus não deixou de ser objeto da Filosofia ao longo de quase dois mil anos de história do cristianismo. Em muitas realidades, de acordo com filósofos das mais variadas correntes, posicionar-se a favor da ideia da existência de Deus ou, contra a existência de Deus, deixa claro que o conceito Deus continua extremamente importante para a reflexão filosófica da contemporaneidade.

No entanto, sem a fé, qualquer reflexão sobre Deus será limitada a observação da experiência de outrem ou a análise de conceitos meramente abstratos, os quais, não podem não ter relação com a vida das pessoas de modo concreto.

A fé em Deus, testemunha um encontro pessoal do ser finito com o ser eterno, que lhe dá o ser. Segundo o Papa Francisco, “encontrando-se a caminho, o homem religioso deve estar pronto a deixar-se guiar, a sair de si mesmo para encontrar o Deus que não cessa de nos surpreender” (*Lumen fidei*, 2013, n. 35).

O Catecismo da Igreja Católica diz que:

O homem: com sua abertura à verdade e à beleza, com seu senso do bem moral, com sua liberdade e a voz de sua consciência, com sua aspiração ao infinito e à felicidade, o homem se interroga sobre a existência de Deus. Mediante tudo isso percebe sinais de sua alma espiritual. Como “semente de eternidade que leva dentro de si, irreduzível à matéria” (*Gaudium et spes* 18) sua alma não pode ter origem senão em Deus. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 33)

De acordo com Stein, “o que a razão natural consegue como o ‘primeiro ente’, a fé e a teologia dão informações às quais, a razão sozinha não chegaria jamais.” (STEIN, 2019, p. 49). A partir da experiência da fé, a contingência do ser finito se abre

à transcendência do ser eterno. A fé, na filosofia steiniana, é uma luz que ilumina a razão e, é capaz de revelar ao homem a verdade mais essencial de todo ente.

Sem a luz da fé, o homem perder-se-ia diante de aporias criadas pelo próprio intelecto. Deste modo, Stein compreende que a fé é superior à razão, pois a primeira auxilia a segunda a atingir o seu propósito. Segundo a autora:

A fé está mais próxima da sabedoria divina do que toda a ciência filosófica, mesmo teológica. Todavia, visto que o andar no escuro torna-se difícil, por isso cada raio de luz, que cai em nossa noite como impedimento da futura clareza, é uma ajuda inestimável para não errar em nosso caminho. (STEIN, 1984, p. 50)

Na obra “Ser finito e ser eterno”, Stein afirma que, “cada vez que o espírito humano, em sua busca da verdade partiu de um ponto indubitável, encontrou-se com este fato inevitavelmente próximo: o fato do próprio ser” (2019, p. 63). Destarte, a autora compreende o fato do próprio ser, como ponto de partida para a investigação de tudo os que sabemos, ou podemos saber, conhecemos ou podemos vir a conhecer.

Inferindo acerca dos modos de ser, chega-se à ideia do ser puro e, deste momento em diante, fala-se sobre *analogia entis*, que é a relação entre o ser temporal (finito) e o ser eterno. Por meio desta analogia com o ser eterno, compreende-se que “o ser eterno, o qual é imutável e por essa razão é o ser pleno em cada instante”, enquanto o ser finito, “o ser temporal é uma ‘imagem’ que tem semelhança com o arquétipo, mas que oferece mais dessemelhança” (STEIN, 2019, p. 65).

Destacando as dessemelhanças entre ser finito e ser eterno, Stein nos apresenta os diversos modos de ser, as unidades de vivências, o devir que atua no ser, até chegar ao “eu puro”. Edith Stein escreve que:

O eu pode chegar à ideia do ser eterno não somente partindo do devir e do cessar de seus conteúdos e vivências, mas também partindo da particularidade de seu ser que se prolonga de um instante a outro; retrocede com horror diante do nada e não exige somente uma continuação sem fim de seu ser, mas também uma posse plena do ser: de um ser que poderia abraçar todo seu conteúdo em um presente sem nenhuma mudança, em vez de ver constantemente desaparecer o que acaba de chegar à vida. Assim se chega à ideia da plenitude, apagando de seu próprio ser aquilo de que ele tem consciência como de uma insuficiência. [...] O eu, ao superar em pensamento todos os graus que lhe são acessíveis, e ao chegar à fronteira-limite do que pode imaginar, chega à ideia de um ser compreensivo e supremo na intensidade. (2019, p. 82-83)

Segundo a filósofa, ao ser compreendido pelo eu, a ideia de ato puro, que é o ser eterno, torna-se a medida de seu próprio ser. Seguindo nesta linha de raciocínio, de Stein, conclui que “o caminho da fé nos dá mais que o do conhecimento filosófico, nos conduz ao Deus pessoal, e próximo, ao afetuoso e ao misericordioso, e nos dá

uma certeza que não se encontra em nenhuma parte no conhecimento natural” (STEIN, 2019, p. 86).

O encontro do conhecimento natural e sobrenatural, será a meta da filosofia steiniana, após sua conversão. Na obra “Ser finito e ser eterno”, a autora fundamenta esta convergência, fazendo com que dialogasse, de maneira muito original, a fé e a filosofia moderna. Edith Stein diz que, os filósofos nos quais a questão do ser se fez manifesta de novo por uma necessidade interna – e não guiados por uma tradição escolástica – vivem muito perto da Antiguidade e podem nos ajudar a compreender os impulsos originários dos antigos mestres. Esse caminho se impõe especialmente à autora, visto que a escola de Edmund Husserl é sua pátria filosófica e a linguagem dos fenomenólogos, sua língua filosófica materna. Deve tratar de encontrar a via que conduz desse ponto de partida à grande catedral da escolástica. Ela crê conhecer a meta tanto quanto necessário para se deixar guiar por ela no caminho. (2019, p. 39)

No capítulo III de “Ser finito e ser eterno”, ao explicar no sentido do conceito essência, Stein destaca que “o ser atual-e-potencial é um ser temporal. O ser temporal é movimento da existência: é um irradiar de atualidade contínua e perpétua” (2019, p. 92).

Ao apresentar os conceitos ser real, ser essencial, essencialidade, quiddidade, oriundas da filosofia tomista-aristotélica, Stein, prepara o ambiente filosófico do século XX, para compreender como aplicar estes conceitos acerca da Santíssima Trindade, da relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Temas estes, muito próximos da Patrísticas, da Escolástica, mas, cada vez mais distantes do homem moderno.

Desta maneira, segundo Stein, adentramos em um terreno, no qual, a razão natural, jamais teria acesso e, por meio da fé, caminha-se na senda onde a compreensão plena do ser eterno, é o ponto de chegada para onde converge aquele que busca a verdade, a compreensão do ser essencial, do ato puro, que é Deus. De acordo com Stein:

Quem penetrou até o pensamento do ser divino – do primeiro ser, do ser eterno, do ser infinito, do “ato puro” – não pode subtrair-se à necessidade do ser que aí se encerra. No entanto, quando se trata de captar o ser divino como se trata habitualmente de captar uma coisa pelo caminho do conhecimento, encontra-se que com este se distancia e já não aparece como um fundamento suficiente para construir uma prova. Ao crente, que está seguro na fé de seu Deus, parece de tal maneira impossível o pensar em Deus como inexistente que se lança com confiança a convencer ainda o “*insipiens*” (insensato) da existência de Deus. O pensador que conserva o conhecimento natural retrocede cada vez mais diante do salto que transporia o abismo. Mas as provas de Deus a posteriori, as conclusões que partem dos efeitos criados para ascender a uma causa não criada, tiveram melhor destino? Quantos incrédulos encontraram a fé graças às provas tomistas? Estas últimas também são um salto por cima do abismo: o crente traspõe facilmente, o incrédulo se detém diante dele. (2019, p. 139-140)

Para Stein, o contato com o pensamento medieval, fez com que ela tivesse uma nova postura, até mesmo diante da fenomenologia. Ela buscará, por meio de seu labor filosófico, traçar pontes entre estes dois campos, tão distintos a uma primeira vista, mas, com alguns pontos em comum e, isso, não deveria ser negligenciado. Segundo Stein:

A filosofia dos grandes doutores da Idade Média se desenvolveu “à sombra” da doutrina da fé. Na verdade revelada viu a medida de toda a verdade; esforçou-se assiduamente para resolver as tarefas que impunham as doutrinas da fé; teria confiança nessa fé como em uma força que dá ao intelecto humano maior segurança em seu trabalho natural. (2019, p. 40)

Edith Stein está convencida de que, por meio da fé, abre-se um novo horizonte filosófico para chegar até a verdade, onde, a razão natural sozinha, não poderia chegar plenamente. Para a filósofa,

existem dois caminhos que conduzem à verdade, e ainda que a razão natural não possa chegar até a verdade suprema e mais elevada, pode, no entanto, alcançar um grau, desde que lhe seja possível excluir certos erros e demonstrar a harmonia entre a verdade provada pela razão e a verdade da fé. (STEIN, 2019, p. 40)

A luz da razão natural e a luz obscura da fé, iluminam o filósofo cristão na compreensão profunda do ser, o qual, é chamado a examinar tudo e conservar o melhor destas duas vias, para chegar à verdade.

Ao problematizar suas questões filosóficas com auxílio da fenomenologia e do pensamento de Santo Tomás, Stein, coloca o desvelamento do *logos*, ou da *ratio*, como ponto de partida importantíssimo para chegar ao seu ideal (cf. KUSANO, 2014, p. 50). Para Ales Bello “a análise fenomenológica põe em relevo o momento da essência a através da redução eidética e este momento é muito importante também para Tomás, pois representa a possibilidade do essencial diante do factual e do empírico” (2018, p. 68).

Diante deste *logos*, ou seja, a razão natural que se deixa apreender pelo homem, Stein assegura que, o homem é movido a superar sua própria contingência. Ampliando sua reflexão, não apenas, sobre as coisas sensíveis, mas abrindo-se à uma metafísica que coloca o ser finito diante da face luminosa do ser eterno. Assim:

Quando o intelecto alcança o seu máximo, ele chega aos seus próprios limites. Ele tenta encontrar a verdade mais sublime e última, e descobre que todos os nossos conhecimentos são fragmentos. Então, quebra-se o orgulho e enxergamos duas coisas: ou ele cai no desespero ou coloca-se em humilde e temor diante da verdade impenetrável e recebe, humildemente na fé, o que não pode ser conquistado pela atividade natural do intelecto. Então o intelecto chega, na luz da verdade divina, à correta sintonia para com seu próprio intelecto. Ele enxerga que as verdades mais sublimes e últimas não podem ser desvendadas por intelecto humano e que nas questões mais essenciais,

e por isso na forma e comportamento na vida prática, uma simples criança pode estar em situação superior ao maior sábio pela iluminação mais sublime. Por outro lado, ele reconhece a esfera legítima da atividade intelectual natural e cumpre aqui seu trabalho, como o agricultor lavra seu campo, como algo que é bom e útil, mas que é cercado por limites estreitos como toda e qualquer obra humana. (STEIN, 1984, p. 59-60)

Stein, por meio do diálogo da fé e da razão, tem a clareza de contribuir para o cultivo de uma filosofia que realmente responda as questões de seu tempo e, diante da crise da razão, que se agravará depois das duas grandes Guerras Mundiais<sup>8</sup>.

Kusano, ao refletir sobre a contribuição de Edith Stein no campo da Antropologia Filosófica e Teológica, escreve que:

Para Edith Stein, assim como para Tomás de Aquino, a antropologia concebe o homem como um microcosmo, um ser que carrega em si aspectos de todos os reinos do mundo criado e, assim, ocupa um lugar central no interior do edifício da metafísica cristã. Stein afirma que sobre a antropologia recaem todas as questões metafísicas, filosóficas e teológicas, bem como dela partem caminhos em todas as direções. (2014, p. 101)

O ser humano, deve esforçar-se por chegar até o último elemento compreensível, por sua razão. Por isso, o labor filosófico deve apoiar-se em sólidas bases, para que assim, não desviando-se sua tarefa de chegar à verdade primeira do ser, possa conduzir o homem em seu itinerário rumo à Sabedoria. Segundo Stein,

O trabalho da filosofia consiste em esclarecer os fundamentos de todas as ciências. [...] A filosofia não se contenta com um esclarecimento provisório, mas sua meta é chegar à clareza *última*: quer o *λόγον διδόναι* (dar conta) até os últimos fundamentos que se possam alcançar. E, se o mundo da experiência graças à plenitude que oferece aos sentidos e ao entendimento estimula o desejo natural de saber, e se nos sugere “pontos de vista” para explorar em tal ou qual direção, seu fim é chegar até o último elemento compreensível, até o próprio ser, até a estrutura do ente como tal, até a divisão essencial do ente segundo gêneros e espécies, para a partir daí chegar à colocação objetiva de questões e de métodos de investigação. (2019, p. 47)

Quando não está orientado para Deus, o homem acaba por não compreender-se (cf. KUSANO, 2014, p. 108). Mesmo reconhecendo a diferença ontológica entre o ser finito e o ser eterno, a filosofia steiniana, expressa o desejo de plenitude do homem, como parte constitutiva de seu ser-no-mundo (cf. p. 112), do mundo das vivências humanas, no linguajar fenomenológico.

Abrir-se à experiência da fé, mais do que necessário para o desenvolvimento filosófico do ser humano, é natural, faz parte de sua estrutura ontológica. Por tudo

---

<sup>8</sup> A 1ª Guerra Mundial ocorreu de 1914 a 1918, na qual Edith Stein trabalhou como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha; 2ª Guerra Mundial de 1939 a 1945, da qual Edith Stein, já como Ir. Teresa Benedita da Cruz, foi martirizada junto com seu povo no Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, em 09 de agosto de 1942.

isso, pode-se perceber a fundamentação racional da fé, quando Edith Stein explica que:

O procedimento que exclui a fé é até compreensível se se entende por fé um sentimento ou algo “irracional”. Se a fé tivesse esse significado para Tomás, então ele tampouco lhe teria dado voz em questões filosóficas, pois também para ele a filosofia é assunto da *ratio* (no sentido amplo que engloba a razão natural e a razão sobrenatural). Mas daquilo que foi dito anteriormente segue-se que, para ele, a fé não é absolutamente nada de irracional, ou seja, algo que não teria nada que ver com verdade e falsidade. Ao contrário, ela é, em primeiro lugar, um caminho para a verdade, e, mais exatamente, um caminho para verdades que de outra forma seriam inacessíveis para nós. Em segundo lugar, ela é o caminho mais seguro para a verdade, pois uma certeza maior do que a certeza da fé não há. Ainda mais, para o ser humano *in statu viae* (em latim, na condição de caminho) *não há outro tipo de conhecimento com o mesmo grau de certeza que o da fé, apesar de ser uma certeza sem evidência. Com isso, a fé adquire um duplo significado para a filosofia. A filosofia quer alcançar a verdade da forma mais ampla possível e com a maior certeza possível. Se a fé desvela verdades que não podem ser alcançadas por outros caminhos, então a filosofia não pode renunciar às verdades da fé sem sacrificar sua pretensão universal à verdade e sem arriscar que até no campo de conhecimento que lhe resta como próprio se infiltre falsidade, porque na conexão orgânica de todas as verdades cada parte pode aparecer sob uma luz falsa quando cortada a ligação com o todo. Daí segue uma dependência material da filosofia em relação à fé. (2019, p. 52)*

Edith Stein tem a clareza de que, com o seu trabalho filosófico, ela está contribuindo para o enriquecimento da reflexão sobre Deus e questões relacionadas à fé, em uma sociedade que estava alcançando diversos avanços tecnológicos e científicos, em um mundo em que o sentido de crer em um Deus, era colocado em questão. Giorgio Penzo, escreve que, “a crise torna-se a dimensão fundante do pensamento pós-metafísico e, portanto, a dimensão fundante do divino pós-metafísico” (PENZO; GIBELLINI, 1998, p. 14).

Por isso, ao defender a razão sobrenatural, isto é a fé, para que o ser humano avance em seus conhecimentos filosóficos, Stein está reivindicando, no seio de uma sociedade cada vez mais laicizada, o lugar que Deus deve ocupar na formação intelectual e moral do ser humano.

Depois que a História e as Ciências Sociais, a Psicologia e a Filosofia, haviam relegado a Deus, a um esquecimento quase completo. Tratando a Religião como “ópio do povo”, como produto de um estado infantil da *psique* humana, como herança da “sombria idade das trevas”, onde a razão deveria ser somente a serva da religião e, o misticismo, reinava sobre a vida das pessoas. Neste contexto, Deus, realmente parecia morto e não dava sinais de ressuscitar em meio ao pensamento moderno (cf. REALE; ANTISERI, 2007, 441).

O drama da separação da fé e da razão, culminará nas formas de um humanismo ateu, um niilismo hedonista, na instrumentalização da razão para fins utilitaristas e de poder. Sem a fé, a razão fica mais pobre e, sem a razão a fé torna-se débil, correndo o risco de tornar-se supersticiosa, mitológica.

Diante deste cenário secularizado, onde a razão humana realizava feitos nunca antes imaginados, Stein, formada com a melhor educação que uma mulher poderia sonhar em seu tempo, abre de novo nesta sociedade da razão, o espaço para Deus.

Segundo Ales Bello,

O seu itinerário filosófico pode ser interessante como testemunho do desmonte do pretendido absolutismo do ser humano e de sua ilimitada confiança nas próprias capacidades, pois são duas posições teorizadas pela filosofia moderna, ainda que, em certo sentido, o seu pensamento possa também ser considerado pós-moderno. (2018, p. 72)

Para a filósofa Edith Stein, o encontro da fé com a razão era justamente o que o homem moderno precisava para, de fato, desenvolver-se completamente, em todos os âmbitos de sua vida (psíquica, acadêmica, política, social, tecnológica e espiritual).

A tentativa da filosofia de romper com a metafísica, havia gerado o desencanto, a angústia, o desespero que ancorou sua esperança no edifício da razão. As descobertas tecnológicas, como por exemplo, o avião, estavam sendo utilizadas para a guerra. Seu país, Alemanha, via crescer o poder nefasto do movimento nazista, o qual, liderado por Adolf Hitler (1889-1945), seria a mais cruel chaga na história da humanidade, dizimando a vida de milhões de judeus e, outras pessoas, que não se enquadravam no padrão ariano, deste regime totalitário.

Neste contexto, a obra de Edith Stein será como farol a iluminar o trajeto da humanidade, no bravio mar da primeira metade do século XX. A fé, de acordo com Stein, é capaz de abrir a mente e o coração do ser humano na construção de uma comunidade onde reine a solidariedade, a empatia, a equidade entre homem e mulher, no desempenho de suas funções (cf. BELLO, 2018, p. 61-62). Para Edith Stein,

se à fé pertence a mais elevada certeza acessível ao espírito humano, e se a filosofia exige propiciar a mais elevada certeza possível, então ela deve fazer sua a certeza da fé. Isso acontece, por um lado, quando ela acolhe em si mesma as verdades da fé, e, por outro, quando mede todas as demais verdades com base nas verdades da fé, tomando-as como critério último. Daí resulta também uma dependência formal da filosofia com relação à fé. (2019, P. 52)

Edith Stein, em sua filosofia do ser, demonstra um profundo conhecimento acerca do ser humano, formado de corpo, alma e espírito. Estes, com suas aspirações, os seus limites, a necessidade de atingir o âmago de sua existência,

orientando a vida para aquilo que o transcende, o ultrapassa e, ao mesmo tempo, pode encontrar a verdade última que habita no “castelo interior”.

Ao escrever sobre a vida interior do homem, a filósofa utiliza desta imagem muito comum da mística católica, especialmente no âmbito carmelita, a imagem de um “castelo interior”, tomada dos escritos de Santa Teresa de Jesus (a quem Edith Stein dedica um anexo ao final de sua obra “Ser finito e ser eterno”).

De acordo com Stein, “a alma, como ‘castelo interior’, tal como a descreve nossa santa madre Teresa, não é de maneira pontual como o ‘eu puro’, mas um ‘espaço’ – um ‘castelo’ com muitas moradas – onde o eu pode mover-se livremente, saindo ou retirando-se mais para dentro” (2019, p. 396).

Deus não está morto. Ele habita o mais profundo da alma humana, no centro do “castelo interior” que existe dentro de cada pessoa (STEIN, 2019, p. 566). Reconhecê-Lo, por meio da fé, experimentar o Seu Amor, através da vida de oração e contemplá-Lo, é a última etapa da visão mística de Deus, nesta vida. Aqui está o propósito de tudo aquilo que o ser humano pode desejar conhecer.

Sobre este aspecto, Stein nos esclarece que,

por meio da graça o espírito do homem é purificado e fortalecido, está menos exposto a erros que no estado de queda, mesmo que não esteja ainda totalmente seguro deles no que concerne à filosofia enquanto atitude do espírito (*habitus*) e enquanto atividade do espírito (*ato*). Mas a doutrina da fé enriquece também a filosofia ao lhe dar conceitos que de fato lhes eram estranhos antes de chegar a beber dessa fonte, embora por si mesma tivesse conseguido descobri-los, por exemplo, o conceito da criação. Isso diz respeito à filosofia enquanto ciência: o que nos foi transmitido como filosofia da época cristã contém os materiais que procedem do mundo do pensamento cristão. Além disso, o próprio mundo visto pelos olhos da fé adquiriu um novo significado. (2019, p. 48)

Buscando a verdade primeira do ser, ela reconhece o importante papel da Filosofia, diante de todas as outras ciências, como aquela que vai em busca do fundamento de todo o pensamento ocidental: “o que é o ser?”. Para responder as questões que surgem na busca de compreender o ente como tal, o ente primeiro, a estrutura do ente, Stein, afirma que:

As verdades fundamentais de nossa fé – criação, a queda, a redenção e a plenitude – mostram todo ente em uma luz, segundo a qual parece impossível que a filosofia pura, isto é, uma filosofia adquirida pela simples razão natural, possa chegar à perfeição por si mesma, ou seja, terminar um *perfectum opus rationis*. Necessita o complemento a partir da fé sem que se chegue a ser teologia. Se a tarefa da teologia é constatar os fatos da revelação enquanto tais e elaborar seu próprio sentido e conexão, incumbe à filosofia colocar harmonia entre aquilo que ela elaborou com os seus próprios meios e aquilo que lhe vem oferecido pela fé e pela teologia, no sentido de se obter um conhecimento intelectual do ser, baseado em seus últimos fundamentos. (STEIN, 2019, p. 50)

Desta maneira, segundo Stein, adentramos em um terreno, o qual a razão natural não teria acesso e, por meio, da fé caminha-se na senda onde a compreensão plena do ser eterno é o ponto de chegada para onde converge aquele que busca a verdade, a compreensão do ser essencial, do ato puro, Deus.

Para Stein, “a verdade primeira, princípio e critério de toda verdade, é Deus mesmo” (2019, p. 37), e o papel do filósofo é, não se contentar com um conhecimento provisório do ente, mas, buscar compreender até as últimas causas, aquilo que nesta vida pode ser apreendido do ente primeiro, Deus.

Esta busca constante de Deus, é descrita no livro de Sabedoria desta maneira: “pensai no Senhor com retidão, procurai-o com simplicidade de coração, porque ele se deixa encontrar por aqueles que não o tentam, ele se revela aos que não lhe recusam a fé.” (Sb 1,1b-2).

Por meio da razão e da fé, o ser humano aberto à graça de Deus pode dizer que, já nesta vida, experimenta “o começo da vida eterna” (cf. STEIN, 2019, p. 55), ou seja, a vida feliz da qual escrevera Santo Agostinho<sup>9</sup>. Segundo Edith Stein:

A mais alta realização atingível para um espírito criado – certamente não por suas forças – é a “visão beatífica”, que Deus lhe dá enquanto se une a Ele: o ser adquire a participação do conhecimento divino vivendo a vida divina. A maior proximidade com esse fim supremo durante a vida terrena é a visão mística. Mas existe também um grau anterior no qual não é necessária essa suprema graça, quer dizer, a fé autêntica e viva. (2019, p. 54)

A fé em Deus, não é somente uma ideia, uma abstração filosófica, mas, trata-se da adesão do ser humano total, corpo, alma e espírito, a este Deus, que se manifesta ao homem. O Papa Francisco, em sua primeira Carta Encíclica “*Lumen fidei*: sobre a fé”, declara que:

A fé cristã, enquanto anuncia a verdade do amor total de Deus e abre para a força deste amor, chega ao centro mais profundo da experiência de cada homem, que vem à luz graças ao amor e é chamado ao amor para permanecer na luz (2013, n. 32)

Stein, após experimentar a força deste amor que lhe abriu os olhos para a fé, mostra ao homem moderno e pós-moderno, que, crer em Deus, é caminho para

---

<sup>9</sup> Na introdução da obra “A vida feliz”, de Santo Agostinho, Roque Frangiotti escreve que: “Era fim do outono de 386, precisamente, 13 de novembro, data do 32º aniversário de Agostinho. Reunido com seus amigos e discípulos: Alípio, Licêncio, Trigésio, seu irmão Navígio, seu filho Adeodato e sua mãe Mônica, na chácara cedida por seu amigo Verecundo, em Cassiciaco, Agostinho conduzirá um diálogo em torno de um tema clássico e fundamental para a Antiguidade: a felicidade. Desses três dias de diálogo nasceu a obra, *A vida feliz*. Trata-se de um diálogo filosófico na mesma linha das outras obras produzidas neste retiro: *Contra dos Acadêmicos*, *A ordem* e os *Solilóquios*. (AGOSTINHO, Santo. Solilóquios; A vida Feliz. São Paulo: Paulus, 1998).

chegar à plenitude do conhecimento que se pode, enquanto ainda se está *in via*. A filósofa ensina que,

ao aceitar as verdades da fé, apoiados na autoridade de Deus, as *estimamos como verdadeiras* e precisamente assim *tributamos fé a Deus (credere Deo)*. Contudo, não podemos tributar a Deus essa fé sem *crer em Deus (credere Deum)*, isso quer dizer, sem crer que Deus *existe* e que *é Deus*: a essência suprema e perfeitamente verdadeira que nós designamos com o termo “Deus”. Aceitar as verdades de fé significa, pois, aceitar a Deus, porque o próprio Deus é objeto da fé da qual tratam as verdades de fé. Mas aceitar a Deus significa, também, voltar-se para Deus na fé, ou *crer em Deus (credere in Deum)*, no sentido de ir em direção a Ele. (STEIN, 2019, p. 54)

### 3. A MÍSTICA DA CRUZ

A vasta obra filosófica de Edith Stein, suas cartas e seus escritos de cunho religioso sobre a história do Carmelo e a vivência da fé, nos revelam como se deu este conhecimento do Eterno, desde a via da razão natural, passando pela experiência da fé, até culminar na vivência mística.

Em Edith Stein, podemos observar a filósofa rigorosa por seu método, a fiel cristã autêntica que, em sua vida e pensamento, refletem a fé que professa e, por fim, a mística, formada na escola de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz desvela, nos recônditos mais profundos da alma humana, a presença de Deus. Assim escreve Stein:

A graça mística dá como experiência o que ensina a fé: a habitação de Deus na alma. Aquele que, guiado pela verdade da fé, busca a Deus, esse dirigirá por livres esforços ao lugar preciso o que é atraído pela graça mística: livrando-se dos sentidos e das imagens da memória, e, ainda, da atividade natural do intelecto e da vontade, retirar-se-á na solidão vazia de sua interioridade, para aí permanecer na fé obscura, em um simples olhar amoroso do espírito orientado para o Deus oculto, que, velado, está presente. Aqui perseverará em uma paz profunda – porque se acha no lugar de seu repouso – até que o Senhor queira transformar a fé em visão. (STEIN 2019, p. 460)

A mística experienciada por Edith Stein, de modo especial depois de sua entrada no Carmelo e, principalmente, relatada em seu último escrito “A ciência da Cruz”, nos leva a refletir sobre o sentido da palavra mística, utilizado para falar desta grande filósofa do século XX, e santa, da Igreja Católica.

O termo mística, muitas vezes é confundido com misticismo, está associado a visões sobrenaturais, dons extraordinários, manifestações do sagrado que, muitas vezes, não se enquadram diante dos limites da razão. O que pode ser observado na biografia de muitos santos do passado, como São Francisco e Santa Teresa de Ávila e, da atualidade, como Santa Faustina, São Pio de Pietrelcina.

Outras vezes, o termo mística está associado com uma certa conexão com o sagrado, utilizando-se de cristais ou pedras energéticas, chás alucinógenos ou rituais que levam a pessoa ao transe. Porém, de acordo com Lima Vaz, olhando toda a história da filosofia e da tradição ocidental, deve-se compreender o termo mística de outra maneira. Para Lima Vaz,

o sentido original, e que vigorou por longo tempo, do termo mística e de seus derivados diz respeito a uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica (Plotino), que se desenrola normalmente num plano transracional – não aquém, mas além da razão –, mas, por outro lado, mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Orientadas pela intencionalidade própria dessa original experiência que aponta para uma realidade transcendente, essas energias elevam o ser humano às mais altas formas de conhecimento e de amor que lhe é dado alcançar nesta vida. (2015, p. 10)

A estudiosa Paula Oliveira e Silva, em um artigo escrito sobre a filósofa alemã intitulado “Edith Stein: a alteridade como essência do humano”, reconhece na obra de Stein a realização do ser finito no grande outro que é o Eterno e, a importância da mística para o conhecimento daquilo que está para além do que a razão pode conceber. Oliveira e Silva destaca que:

No interior da espiritualidade carmelitana, Stein irá dar rosto a este eterno, aqui em Ser finito e ser eterno ainda deduzido meramente por via da razão, mas já abrindo a uma experiência de supra-racionalidade. Stein descobre que o fundamento e suporte da existência é alteridade, a qual só num sentido profundo de comunhão pode ser realizada. Na sua obra mística revela que a comunhão com o eterno, no tempo é capaz de superar todas as marginalidades e de ultrapassar toda a rejeição. Sem dúvida, a razão objetiva não pode aceder a este domínio da experiência humana, mas apenas a fé. A experiência de alteridade e de união mística com o eterno, feita mediante o rosto dele, encarnado no mediador salvífico, Cristo, é feita por Stein sob a forma de doação de vida, assumida livremente pela libertação da humanidade face a toda a opressão. (in FERREIRA; HENRIQUES, 2016, p. 275)

Compreender o termo mística, como uma das mais altas formas do conhecimento e, da experiência do amor de Deus, ajuda a entender melhor, quando Edith Stein fala sobre o conhecimento natural e sobrenatural de Deus *in via*, isto é, quando ainda peregrinos neste mundo. Para Stein,

há um conhecimento que a abarca totalmente e que não é um processo interminável, mas uma interminável e calma plenitude. Esse é o *conhecimento divino*. Ele pode, a partir da sua plenitude, comunicar-se a outros espíritos, e comunica-se de fato, segundo a medida da capacidade de captação deles. A comunicação pode acontecer de diversos modos. O conhecimento natural é apenas um caminho. Foram-lhe demarcadas certas fronteiras – que serão especificadas adiante. Mas nem tudo aquilo que é inacessível ao conhecimento natural é também inacessível ao nosso espírito como tal, se considerarmos sua estrutura originária. Durante certo tempo, nosso espírito permanece ocupado com a peregrinação desta vida, mas um dia chegará à meta, a pátria celeste. Uma vez chegado à meta, abarcará tudo o que lhe é possível compreender (não todos os abismos da verdade divina,

que apenas Deus abarca totalmente), e certamente a tudo contemplará numa única intuição. (2019, p. 50-51)

A fé ajuda na compreensão de questões que, sem o seu auxílio, possivelmente, não apareceriam em nossa reflexão. O filósofo ao utilizar-se do instrumental da fé proporciona, como por exemplo, os textos das Sagradas Escrituras, da Patrística, dos escritores da Escolástica, fazendo uma teoria da fé. Destacando a importância da Revelação para que se adquira o conhecimento das verdades eternas, Stein escreve que:

Algumas das verdades que ele então contemplará – as que são necessárias para não errar o caminho para a meta – são-lhe comunicadas por meio da Revelação já na existência terrena; ele as compreende na fé, a qual é, durante a peregrinação terrena, um segundo caminho, ao lado do conhecimento natural, para adquirir saber. Chegando à meta, conheceremos de modo diverso tanto aquilo que conhecemos *in via* (em latim, no caminho) como aquilo que cremos *in via*. A extensão possível do nosso saber durante a peregrinação terrena é delimitada, e não podemos alterar suas fronteiras. É igualmente delimitado o que pode ser alcançado mediante o conhecimento e o que pode ser alcançado mediante a fé. Em geral, é objeto de fé apenas aquilo que, em princípio, não concerne ao nosso conhecimento terreno. Por outro lado, algumas verdades são comunicadas por meio da Revelação, mesmo podendo ser conhecidas mediante o conhecimento natural, pois elas seriam conhecidas apenas por poucos ou sem um grau suficiente de certeza. (2019, p. 51)

Isso converge em uma reflexão que cabe no campo da Filosofia da Religião, da História da Filosofia, em que, a questão da fé, fora utilizada como meio para chegar a uma reflexão filosófica e, não simplesmente como a vivência específica de alguma experiência religiosa.

A Sabedoria de Deus é amiga dos homens, aquele que possui pensamento reto, certamente chegará ao conhecimento de Deus. Vemos isto testemunhado por Santo Agostinho, comprovado por Santo Tomás de Aquino, experienciado por Simone Weil (1909-1943), Thomas Merton (1915-1968) e, Santa Teresa Benedita da Cruz, a doutora em Filosofia que, no mundo, fora chamada de Edith Stein. Para quem,

a revelação fala uma linguagem acessível à inteligência humana e natural e oferece o material para uma formação de conceitos puramente filosófica, que pode fazer total abstração dos fatos da revelação e cujo resultado vem a ser um patrimônio comum para toda a filosofia posterior (por exemplo, os conceitos de “pessoa” e “substância”). (STEIN, 2019, p. 52)

O ser humano é atraído ao Amado, dito de outro modo, nas palavras de São João da Cruz:

Buscando meus amores,  
Irei por estes montes e ribeiras;  
Não colherei flores,  
Nem temerei as feras,  
E passarei os fortes e as fronteiras.

(2002, p. 610)

Esta busca do Amado é explicada pelo o próprio místico espanhol logo a seguir, quando ele escreve que:

A alma que busca a Deus, querendo permanecer em seu gosto e descanso, de noite o busca, e, portanto, não o achará; [...]. De fato, o que de noite não se percebe, de dia aparece. Esta verdade é bem declarada pelo Esposo no Livro da Sabedoria, quando diz: “Clara é a sabedoria e nunca se murcha, e facilmente é vista por aqueles que amam, e encontrada pelos que a buscam. Antecipa-se aos que a desejam, de tal sorte que se lhes patenteia primeiro. Aquele que vela desde manhã para a possuir não terá trabalho, porque a encontrará sentada à sua porta” (Sb 6,13-15). Estas palavras mostram como, em saindo a alma da casa de sua própria vontade, e do leito de seu próprio gosto, ao acabar de sair, logo achará ali fora a Sabedoria divina que é o Filho de Deus, seu Esposo. Eis o motivo de ela dizer agora: buscando meus amores. (SÃO JOÃO DA CRUZ, 2002, p. 612-613)

Deste anseio pela verdade filosófica, Edith Stein é encontrada pela Verdade em Pessoa. Para a filósofa, se aplica o texto sagrado onde está escrito que a sabedoria “facilmente é contemplada por aqueles que a amam e se deixa encontrar por aqueles que a buscam” (Sb 6,12). A alma enamorada de Stein, sai à procura do sentido maior de sua existência. Quando ela tem o encontro com o Crucificado, as escamas de sua descrença cedem diante da graça de Deus.

Este encontro com a Verdade, capaz de iluminar toda sua reflexão e atividade filosófica, marca indelevelmente a vida de Edith Stein. Por isso, todas as alegrias, conquistas, sofrimentos, sucessos, fracassos, perseguições, serão ofertadas a Deus, como holocausto de amor, pela salvação de seu povo judeu e de todo o mundo. Tal como, o apóstolo Paulo, ela, atualiza em si, o que faltara à Paixão de Cristo (cf. Cl 1,24). Purificada pela “noite escura da fé”, Stein compreende que,

a filosofia para o que estabelece com a ajuda da fé não pode pretender aquela clarividência que é a característica de seus próprios e autônomos resultados (enquanto se trata de conhecimento autêntico). Tudo o que provém de uma ótica de conjunto de verdades da fé e do conhecimento filosófico leva a marca da dupla fonte de conhecimento, e a fé é uma “luz obscura”. Dá-nos a entender algo, mas somente para indicar-nos algo que nos continua sendo incompreensível. Já que o fundo último de todo ente é insondável, por isso tudo o que se considera sob esse ângulo cai sob a “luz obscura” da fé e do mistério, e tudo o que é compreensível recebe um cenário incompreensível. (2019, p. 52)

A partir desta reflexão de Edith Stein, vemos o conhecimento de Deus, oriundo das fontes tomistas e do saber racional, intelectual e, das fontes *sanjuanistas*, isto é, do pensamento de São João da Cruz, o saber místico, o qual a filósofa chama de “luz obscura” ou “luz escura”. Esta luz obscura, é capaz de alcançar o homem por meio de

sua intelecção acerca de Deus, para que este, possa chegar à contemplação de Deus.

De acordo com a filósofa:

É o motivo pelo qual a fé se chama “luz escura”. E é preciso acrescentar que enquanto *credere Deum* e *credere in Deum* trata sempre de superar tudo o que é verdade expressa, quer dizer, a verdade formulada por Deus à maneira do conhecimento humano expressa em conceitos e juízos, em palavras e frases. A fé quer de Deus mais que verdades particulares, ela quer a Deus mesmo, que é a verdade, o Deus inteiro; capta sem ver “ainda que seja noite”. (STEIN, 2019, p. 55)

Partindo da filosofia de santo Tomás de Aquino, é muito normal chegar às portas do pensamento místico de São João da Cruz. Na sua busca pelo ser eterno, Stein chega ao terreno do sagrado e, como Moisés, é chamada a tirar as sandálias dos pés para pisar no sagrado solo do *mysterium fidei* (cf. Ex 3,5).

Limas Vaz, ao traçar um panorama histórico da mística e filosofia na tradição ocidental, nos mostra como face da mesma moeda, a inteligência espiritual de Tomás de Aquino e o saber incomunicável da mística *sanjuanista*. Assim escreve Lima Vaz:

Tomás de Aquino se nos apresenta, assim, como grande mestre da inteligência espiritual coroada pela contemplação – sendo ele mesmo um grande místico –, ou ainda como o grande doutor do “saber comunicável” sobre a contemplação (teologia especulativa da contemplação), assim como São João da Cruz será o grande doutor do “saber incomunicável”. (2015, p. 46-47)

Edith Stein, em sua obra filosófica, orientada pelos grandes pensadores da história da filosofia e, alimentada pela mística carmelitana, pelo cultivo de sua vida interior, em especial nos momentos de forte experiência religiosa que passava na abadia beneditina de Beuron, consegue fazer convergir, toda a riqueza, que por sua genialidade filosófica, fora capaz de trazer à luz da razão, como herança para uma verdadeira Filosofia Cristã e, para dar sentido a experiência de fé do homem contemporâneo.

Segundo Angela Ales Bello:

Movendo-se a partir de uma posição imanente, Edith Stein passou através da recuperação da dimensão da fé e, portanto, pela aceitação da relação fé-razão proposta pelo tomismo, para firmar-se numa visão na qual o entrelaçamento fé-razão é cada vez mais estreito e menos distinguível, um prelúdio do desfecho místico no qual culminou a sua viagem espiritual. (2018, p. 72)

Citando algumas das grandes místicas da História da Igreja, Stein destaca a contribuição de suas vidas e obras para uma renovação interior do Cristianismo. A monja carmelita e filósofa, entende que ao configurar suas vidas com Jesus, especialmente em seu sofrimento, estas grandes místicas trazem para o mundo das

vivências do ser humano um pouco daquilo que só poderá ser compreendido na pátria celeste. Stein escreve que estas místicas eram

mulheres que se esqueciam de si mesmas na imitação da vida e no sofrimento de Cristo, o Senhor as escolhia de preferência como instrumento para grandes obras da Igreja: uma Santa Brígida, Catarina de Sena e Santa Teresa, a grande reformadora de sua ordem em tempo de grande perda de fé, a qual, querendo ajudar a igreja, era como meio eficaz para tal a verdadeira renovação da vida interior. (1984, p. 63)

Edith Stein, certamente pode ser contada entre este seleto grupo de místicas, pensadoras, renovadoras da dimensão da fé, da espiritualidade, do ser da Igreja neste mundo. Stein proclama a união da fé e da razão, conclama as pessoas de seu tempo a deixar-se tocar pela luz divina que emana do castelo interior daquele que se abre a graça de Deus. A filósofa vê na Cruz de Cristo a verdadeira sabedoria, onde estão contidos todos os tesouros celestes.

A Cruz lhe basta! Esta, é a graça desejada por Edith Stein. A graça de estar com Cristo na Cruz. A escola de Jesus passa pelo calvário e, cada pessoa comprometida com Cristo deve fazer um processo de renúncia da própria vida, pela vida de outros.

O próprio Cristo se apresenta como Caminho, Verdade e Vida. Caminho de Cruz, Verdade que compromete e leva à Cruz e, Vida, que só se torna vida pela morte na Cruz. Esta cruz é um caminho de perfeição, uma via de conhecimento e um projeto de união com Jesus, o Cordeiro de Deus imolado pela salvação da humanidade.

O nome religioso que escolhe, Teresa Benedita da Cruz, é o ponto de chegada, de um caminho intelectual de intenso rigor crítico, o qual, partindo da fenomenologia husserliana, passando pela filosofia aristotélico-tomista, sintetizada na vida, na pedagogia e nas obras, culmina na sua “Ciência da Cruz”. Obra inconclusa, que é o fim da produção intelectual desta grande filósofa do século XX. Para Stein:

Quando falamos em ciência da cruz, devemos entender que não se trata de uma ciência no sentido comum da palavra, nem somente de uma teoria, ou um simples sistema de asserções verdadeiras. Tampouco de um sistema formal, fruto do pensamento lógico. Ela é, isto sim, uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: verdade viva, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta. Ela brilha e transparece nas atitudes. É neste sentido que se fala em ciência dos santos e que falamos em ciência da cruz. (2014, p.11-12)

### CAPÍTULO 3 – O CONCEITO DE DEUS EM EDITH STEIN

Reflexões acerca de Deus, podem ser encontradas ao longo de toda a História da Filosofia Ocidental. Filósofos como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Kant, Hegel e, muitos outros, contribuíram para a compreensão filosófica do Divino.

Dissertando sobre Cristo na filosofia contemporânea, Zucal nos ajuda a compreender que o “cristianismo (e por consequência o seu fundador) é por demais ‘carne e sangue’ da cultura ocidental para que a filosofia nascida no Ocidente o ignore” (2003, p. 15). Isto nos leva a entender a importância deste tema para todo aquele que pretende, com honestidade intelectual, debruçar-se sobre a História da Filosofia no Ocidente. “Não é por acaso”, segue Zucal, “que todo um longo período da história cultural ocidental viu a correlação vital entre filosofia e teologia cristã” (2003, p. 15).

Nicolas Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, sobre o conceito Deus, escreve assim:

**DEUS** (gr. *Θεός*; lat. *Deus*; in. *God*; fr. *Dieu*; al. *Gott*; it. *Dio*). São duas as qualificações fundamentais que os filósofos (e não só elas) atribuem a Deus: a de *Causa* e a de *Bem*. Na primeira, Deus é o princípio que torna possível o mundo ou o ser geral. Na segunda, é a fonte ou a garantia de tudo o que há de excelente no mundo, sobretudo o que há de excelente no mundo, sobretudo no mundo humano. (1998, p. 247)

Em uma Alemanha, berço do Protestantismo Luterano e berço do idealismo romântico, a reflexão acerca de Deus, se afastava cada vez mais da experiência de fé dos cristãos e, era como que encerrada em conceitos filosóficos que a destituíam de sua plena compreensão transcendente. Segundo Oliveira,

a crescente *tensão* entre o “modelo de integração” (platonismo patrístico) e o “modelo de subordinação” (aristotelismo escolástico) desemboca nos “modelos de justaposição” ou “modelos de oposição frontal” (fideísmo e racionalismo), ou seja, entre as exigências da razão e os imperativos da adesão incondicionada à fé revelada. Em *Lutero* aparece bem forte esta tensão entre o *Deus absconditus* (Deus escondido) e o *Deus revelatus* (Deus revelado). O Deus escondido, diz Lutero, é inalcançável pela razão humana. À criatura resta somente o ato de fé, de confiança. *Calvino* acentua também a transcendência divina e a impossibilidade de um conhecimento natural de Deus, devido ao pecado. A teologia da *contrarreforma* vai encontrar motivação na renovação interior e na piedade, chegando à mística da reforma carmelitana, a qual põe em evidência o valor da via contemplativa. (2017, p. 82)

São João Paulo II, descreve com um olhar atento de pastor, os efeitos da crise metafísica do pensamento moderno. De acordo com o Pontífice, “boa parte do pensamento filosófico moderno se desenvolveu num progressivo afastamento da

revelação cristã até chegar explicitamente à contraposição” (Fides et ratio, n. 46). Neste ambiente diverso, em que o saber humano enfrenta enorme desafios, a busca pela Verdade primeira do ser, acaba por ser relegada à margem da pesquisa filosófica.

Por um lado, temos uma espécie de deformação da reflexão filosófica acerca da divindade e, por outro lado, podemos dizer que, “há filósofos, há uma filosofia que com grande honestidade intelectual vai à procura de Cristo, é fascinada por ele, raramente lhe fica totalmente diferente” (ZUCAL, 2003, p. 37). Stein, pertence a este seleto grupo de filósofos que dedicou boa parte de sua vida e labor intelectual, a pensar filosoficamente acerca de Deus. Bello explica que:

A reflexão sobre as possibilidades do ser humano de se colocar em contato com a divindade sempre se apresenta para Edith Stein como uma atividade “filosófica”. De fato, no terreno da filosofia, no fundamento da razão natural, é que se reconhecem as características da fé, da elaboração teológica e da mística e, de outro lado, a capacidade e os limites da própria razão. A investigação filosófica mantém, segundo a nossa pensadora, uma posição central. (2018, p. 109)

Edith Stein, cuja pátria filosófica era a Fenomenologia, faz convergir em seu pensamento: a Tradição Filosófica Antiga (Heráclito, Parmênides, Platão, Aristóteles, etc.); a Patrística (Clemente de Alexandria, Pseudo Dionísio, Agostinho, etc.); a Escolástica (Duns Scotus, Tomás de Aquino, etc.); e, a filosofia de seu tempo (Husserl, Scheller, Conrad-Matius, Reinach, etc.). Tudo isso, enriquecido pela mística carmelitana de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Deste modo, Stein apresentava à modernidade e, conseqüentemente à pós-modernidade, uma reflexão filosófica consistente a respeito de Deus.

Frente a ideias, muitas vezes incompletas sobre Deus, Stein, resgatando e sintetizando toda uma tradição filosófica e teológica, busca explicar ao homem moderno quem é Deus, como compreendê-lo e, a provar que o ser humano é capaz de se aproximar da divindade. Neste ambiente filosófico, Deus continuava influenciando os filósofos modernos. De acordo com Stein:

Se voltamos o olhar da nova ciência do espírito e da alma (refiro-me, antes de tudo, a *Dilthey*, *Brentano*, *Husserl* e às suas escolas), não temos certamente a impressão de que suas obras mais importantes sejam escritos religiosos e que seus autores tenham “entrado pela porta da oração”. Mas lembremos que Dilthey estava familiarizado com os problemas da teologia protestante, como o demonstra, por exemplo, seu *Jugendgeschichte Hegels* [A história da juventude de Hegel]; que Brentano era sacerdote católico, e que ainda depois de sua ruptura com a Igreja, até os últimos dias de sua vida, ocupou-se apaixonadamente com os problemas de Deus e da fé; que Husserl, enquanto discípulo de Brentano, sem ter estudado diretamente a teologia e filosofia medieval, conservava certa vinculação viva com a grande tradição da *philosophia perennis*; que ele, além disso, em sua luta filosófica, era consciente de ter uma “missão” e que, no círculo de pessoas próximas,

tanto no plano científico quanto no humano, promoveu um forte movimento na Igreja; então, temos de pensar que não se trata de uma mera justaposição desses homens, mas de uma profunda e íntima conexão. (2019, p. 568)

Stein engrossará esta fileira dos filósofos que não vão ignorar a religião, o fenômeno da fé, a experiência de Deus e o próprio conceito de Deus em seu labor filosófico. Com a humildade, a filósofa “adquire também a coragem para enfrentar algumas questões que dificilmente poderia resolver sem ter em consideração os dados recebidos da Revelação” (São João Paulo II, *Fides et ratio*, n. 76).

Desde de sua conversão em 1921, Edith Stein começa a dedicar, cada vez mais espaço, à especulação filosófica sobre Deus em suas obras, culminando em duas grandes obras no último decênio de sua vida, “Ser finito e ser eterno” e “A Ciência da Cruz”. A primeira obra escrita com todo rigor filosófico e, a segunda, sendo um estudo fenomenológico da mística *sanjuanista*. Desta maneira, Stein deixa como legado, um sólido alimento para a razão e experiência de fé para esta humanidade, para quem a ciência e a tecnologia são respostas bem mais convincentes do que a religião.

## 1. NO PRINCÍPIO CRIOU DEUS: DO ETERNO AO DEUS CRIADOR

O Deus que se revela ao homem, pode ser identificado por este mesmo homem, com a sua linguagem, os seus afetos, a sua cultura e seu modo de observar a realidade circundante.

Para Edith Stein, era impossível a conclusão de qualquer doutrina antropológica ou a compreensão do que é a história, sem entrar no questionamento sobre Deus, (cf. 2002, p. 574). Esta reflexão leva a filósofa, ao longo das duas décadas seguintes, a debruçar-se sobre este tema: Deus. De acordo com a filósofa alemã:

Ascendemos das criaturas ao Criador, do finito e condicionado para o infinito e incondicionado necessários enquanto Criador e arquétipo. Também passamos já os limites fronteiros do que se pode saber sobre o Criador até que o próprio Deus nos manifestou de si mesmo. Sem essa passagem, seria impossível, partindo do ser divino, compreender o ser criado. Trata-se, então, de buscar na divindade trinitária o arquétipo do que designamos no campo do criado como sentido e plenitude de vida. (STEIN, 2019, p. 437)

Edith Stein inicia sua obra “Ser finito e ser eterno”, refletindo sobre a doutrina do Ato e Potência em Santo Tomás de Aquino. De acordo com a filósofa, Deus é *actus purus*, potência e ato em Deus são um, “no ato a potência está atualizada” (STEIN, 2019, p. 28).

Deste modo, compreende-se quando Stein assegura que o “ser ilimitado é o ser puramente atual” e, portanto, “está necessariamente *in actu*” (2019, p. 70). Deus, enquanto ato puro, é o “primeiro ente”, “o ser perfeito” e, conforme detalha Stein, “isso não significa só o ser sem mudança que não chega nem passa, mas, o infinito que encerra em si toda a plenitude e vitalidade” (2019, p. 97).

Após recorrer brevemente a sobre a “Questão do ser ao longo do tempo”, Stein, se vê convencida de que, é possível aprofundar-se neste ponto, tendo como base de sua reflexão, o pensamento escolástico e a fenomenologia husserliana, para, a partir destas bases, desenvolver uma Filosofia Cristã, que tenha a capacidade de dialogar com o pensamento hodierno.

Buscando a verdade primeira do ser, a pensadora reconhece o importante papel da Filosofia, diante de todas as outras ciências, como aquela que vai em busca do fundamento de todo o pensamento ocidental: “o que é o ser?”.

Edith Stein, trabalhando a obra “*De ente et essentia*”, de santo Tomás, destaca os termos *substâncias ou coisas compostas; espirituais ou simples; e o primeiro ente: Deus*. Segundo a filósofa, “o ser verdadeiro é o objetivo ao qual tende toda ciência” (2019, p. 44). Utilizando a analogia entre o homem e Deus, Stein contrapõe a fragilidade do ser finito, diante da unidade perfeita do ser eterno. Desta maneira,

o que *faz* um homem é a realização do que *pode*; e o que ele pode é a expressão do *que* ele é: no fato de que suas faculdades se atualizem em seu fazer, sua essência chega ao máximo *desenvolvimento* do ser. O que aqui se nos mostra separadamente é uno em Deus. Assim como todo seu poder de fato está realizado, assim toda a sua essência é eterna, imutável no nível mais elevado do ser, seu *ser* é a sua *essência*: Deus é “o que é”; este é o nome com o qual se designou Ele mesmo, e este nome, conforme Agostinho, expressa da melhor forma o que Ele é. À unidade perfeita do ser divino se contrapõe o estado de fragilidade e cisão do ser criado. (STEIN, 2019, p. 69)

Retomando algumas concepções dos filósofos pré-socráticos, Stein, busca explicar o ser de Deus, diante do paradoxo do devir heraclítico, de um lado e, da eterna imutabilidade parmenidiana, do outro. A filósofa mostra que:

Heráclito comparou o ser verdadeiro com um *fluir*, ou melhor, unicamente como ser real um *devir*, enquanto Parmênides admitia para o ser verdadeiro somente o eterno-imutável e considerava o mundo do devir como o mundo da aparência. (STEIN, 2019, p. 73)

Edith Stein aproxima-se mais da visão de Parmênides, sem, no entanto, delegar ao mundo a condição de aparência. Para Stein, o mundo é obra das mãos de Deus, o Criador. Quanto ao devir, ele “não pode ser separado do ser, isto, é do autêntico e verdadeiro ser, do ser em pleno sentido da palavra” (2019, p. 73).

No capítulo VI de “Ser finito e ser eterno”, Edith Stein, ao tratar do sentido do ser, amplia sua reflexão sobre o nome com o qual, Deus se apresenta à humanidade, por meio do diálogo com Moisés. Um texto de grande simbolismo, onde a linguagem é a manifestação da Divindade.

O Deus dos judeus, apresenta-se, revela-se. É o Deus que diz o seu nome, pelo qual, será invocado por todo sempre. Sobre este texto presente na Torá judaica e no Antigo Testamento da Bíblia cristã, Stein, que condensa em si a simbiose destas duas grandes tradições religiosas escreve: “Quisera agora abordar a última de todas as questões sobre o ser sob um ângulo completamente diferente: o nome que Deus se dá a si mesmo: ‘Eu sou o que sou’” (Ex 3,14). (2019, p. 365).

O Eterno (*Elohim*), Deus experienciado pelo povo judeu, que as Escrituras Sagradas dão testemunho, leva Stein a compreender que a Divindade não era algo ou alguém, distante da criação, que não tinha nenhum contato com a *physis*, muito menos com os seres humanos. É um Deus apaixonado, que, ao revelar-se, convida o homem a participar de seu Amor, de seu próprio ser que é Amor. Fica claro que para Edith Stein que,

Deus é o autor de todo o mundo submetido ao devir e ao passar, foi Ele quem estabeleceu a ordem da passagem do ser possível ao real. Encontramo-nos de novo aqui diante do grande mistério da criação: Deus chama à existência um ser diferente de seu ser propriamente dito; uma diversidade do ente, em que se encontra separado de tudo o que em Deus não faz mais que um. (STEIN, 2019, p. 368)

O Deus da fé, que se releva ao homem, rompe qualquer barreira que o mantinha distante das suas criaturas. Não é mais uma ideia abstrata da Divindade, é, de fato, um Deus que se dá a conhecer ao ser humano e se faz conhecer por meio das coisas criadas. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica:

As criaturas, todas elas, trazem em si certa semelhança com Deus, muito particularmente o homem criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso as múltiplas perfeições das criaturas (sua verdade, bondade, beleza) refletem a perfeição infinita de Deus. Em razão disso, podemos falar de Deus a partir das perfeições de suas criaturas, “partindo da grandeza e beleza das criaturas, pode-se chegar a ver, por analogia, o seu Criador” (Sb 13,5). (n. 41)

Indagando sobre o Deus dos filósofos, o teólogo Joseph Ratzinger, escreve sobre a importância para a compreensão da Divindade, do passar de um Deus puramente ideia a um Deus que se relaciona com os homens. Diante da concepção de grega Deus, o judaísmo e o cristianismo trazem a ideia do Criador que se relaciona com sua criatura ao longo de toda a história humana.

Deus cria o ser humano, não para subjogá-lo ou torná-lo seu servo ou escravo, mas, para que este tenha vida plena, para que este possa realizar-se enquanto ser-no-mundo. Segundo Ratzinger:

Esse Deus dos filósofos cuja eternidade e imutabilidade pura exclui de antemão qualquer relação com o mutável e o devir; esse Deus passa a aparecer agora, para a fé, como o Deus dos homens, que não é apenas o pensamento do pensar e a matemática eterna do universo, mas também é ágape e poder do amor criativo. [...] Em sua essência o Deus filosófico é apenas relacionado consigo próprio, ele é um pensamento que se contempla exclusivamente a si mesmo. O Deus da fé, por sua vez, é determinado, fundamentalmente, pela categoria da relação. Ele é abertura criadora que abrange o todo. (2011, p. 107. 110)

Por meio desta reflexão de Ratzinger, podemos compreender um pouco melhor o processo que Stein faz, permeando sua reflexão filosófica com as ideias clássicas da filosofia aristotélica e trazendo todo o arcabouço da reflexão judaico-cristã. Esta ideia de um Deus que cria por amor, que forma para a vida e a liberdade e, que chama, a cada ser criado a viver a plena felicidade. Assim, compreendemos quando a filósofa escreve que:

De Deus provém todo ente: as criaturas naturais, assim como os dons de graça e de glória que se difundem nas criaturas. Tudo o que existe o criou a bondade divina para fazê-lo participar do ser divino. (STEIN, 2019, p. 406).

A partir da concepção de Deus Criador, Stein funda toda sua antropologia filosófica e teológica. Em “Ser finito e ser eterno”, a filósofa apresenta uma ideia clara do homem, imagem de Deus, que não cessa de se relacionar com o seu Criador. Além disso, Stein mostra que, em toda a criação manifestam-se os rastros do Eterno, a imagem da Trindade.

Confrontando seu pensamento com o pensamento de Martin Heidegger (1889-1976), especialmente acerca da obra “Ser e tempo”, Stein, perscruta os rastros do Deus Criador diante do nada e, especialmente, diante do ser humano, ser finito. Escreve a autora:

Em que sentido se deve compreender então o princípio: *ex nihilo fit ens creatum*? Tampouco aqui se entende por *nihil* a matéria conformável. A doutrina da Criação nega precisamente que haja uma matéria antes da Criação. Segundo Heidegger, a dogmática se refere com o nada à ausência de todo ente extradivino. Vamos deixar sem decidir se com isso fica esgotado o sentido do “nada”. Em todo caso, de um nada assim entendido não pode devir algo no mesmo sentido que “de” uma matéria existente. Não se “tira” nada dele. “Criação” significa, antes, que tudo o que é criatura, e também ser procede do Criador. Assim, pois, o princípio só se pode entender no sentido de que o Criador, ao criar, não está condicionado por nenhuma outra coisa senão o Criador e a Criação. O que acontece, então, com a dificuldade de que Deus tem que conhecer o nada para criar do nada? Pode-se conceder que Deus tem que conhecer o nada para criar “algo”. Mas esse conhecer não significa uma niilidade em sentido absoluto, já que todo conhecer como tal,

também o do nada, é algo positivo. Deus conhece o nada como o contrário d'Ele mesmo, ou seja, como o *contrário do próprio ser*. (STEIN, 2019, p.634-635)

Este Deus Criador, age na liberdade, cria movido pelo amor, cria do nada, Ele é o ser de onde originam-se todos os seres, é aquele que traz o mundo à existência. Para Stein, o ser eterno é “fundado em si mesmo e criador, dono de todo ser”, em outras palavras, “é o próprio ser” (2019, p. 134). O Deus judaico cristão deve ser compreendido como Pessoa Divina. Por isso, de acordo com a filósofa, “só quem possui verdadeiramente o ser e que é o seu senhor, pode dá-lo. Ser senhor só pode ser uma *pessoa*” (p. 135).

Em Gn 1,1 podemos ler acerca do impulso criador de Deus que: “no princípio, criou Deus os céus e a terra”. Compreendendo bem Deus como Criador, podemos avançar na reflexão de Stein acerca de outros conceitos de Deus.

Por meio da *analogia entis*, Stein nos explica o sentido do ser puro, ato puro, o ser eterno e infinito, Deus. De acordo com esta analogia entre o ser finito e o ser eterno, a filósofa infere que “o ser primeiro é chamado ‘puro’ porque não há nele nada de não ser, como no ilimitado temporalmente, que uma vez era e outra vez não será, e no limitado segundo objeto, que é algo e não é tudo” (STEIN, 2019, p. 358).

Para Stein, em Deus, ser e essência coincidem. Ele subsiste por si mesmo e, d'Ele provém o ser das criaturas. Ele é o princípio e a origem de tudo e a fonte de todo o bem. Stein faz a seguinte explanação sobre o ser de Deus:

Parece-me muito significativo que não encontremos aqui a expressão: “Eu sou o ser” ou “Eu sou o ente”, mas “Eu sou aquele que sou”. Quase não se atreve a interpretar esses termos por outras palavras. Mas, se a interpretação agostiniana é justa, pode-se interpretar a expressão precedente da maneira seguinte: aquele cujo nome é “Eu sou” é o ser em pessoa. [...] A ordem racional e a conveniência do mundo remetem igualmente a uma pessoa enquanto autor: só por meio de um ser racional pode ser introduzida uma ordem racional na obra; só uma essência que conhece e quer pode pôr fins e ordenar os meios para esses fins. Mas a razão e liberdade são as características essenciais da pessoa. (2019, p. 365)

O “Eu sou”, não está sujeito às contingências a que o ser humano está. Ele é o “eu vivente”, o “ser real”, eterno, imutável. Esta ideia sobre Deus fica muito clara quando Stein escreve que:

Não existe em Deus – como no homem – uma contraposição entre a vida do eu e o ser. Seu “eu sou” é um presente eternamente vivo, sem começo nem fim, sem lacunas e sem obscuridade. Esse eu vivente possui em si e por si toda plenitude; não recebe nada de outra parte: é a fonte da qual todas as demais coisas recebem o que possuem; condiciona toda outra coisa e ele mesmo é o incondicionado. Aí não existem conteúdos cambiantes, nenhuma emergência nem desaparecimento, nenhuma passagem da possibilidade à realidade ou de um grau inferior a um grau superior de realidade: a plenitude

inteira está eternamente presente, ou seja, ela é todo ente. O “Eu sou” significa: eu vivo, eu sei, eu quero, eu amo; tudo isso não como uma sucessão ou uma justaposição de “atos” temporais, mas trata-se de algo que é absolutamente único desde toda a eternidade na unidade do “ato”: ser real, presente vivo, ser acabado, movimento espiritual, ato livre. (STEIN, 2019, p. 367)

Edith Stein está sempre preocupada com a verdade. Por isso, ao dissertar sobre Deus, a filósofa busca esclarecer até os menores detalhes da compreensão do ser eterno. Tendo em mente este desejo de tornar mais inteligível a sua reflexão, Stein escreve que:

O eu divino não é um vazio, mas ele contém em si, abraça e domina toda a plenitude. Sua perfeita unidade se expressa melhor ainda em uma língua em que “eu sou” se reduz a uma palavra única: isso é, o *sum* latino. No eu, em que o ser é a vida, podemos melhor captar essa verdade: que “eu” e “vida” ou “ser” não são duas coisas diferentes; mas são inseparavelmente um: a *plenitude do ser está formada pessoalmente*. (2019, p. 367)

Como bem recorda Mariana Bar Kusano, “Edith Stein é uma filósofa rigorosa e seus textos muitas vezes dialogam com o jargão medieval e grego” (2014, p. 17). Podemos ver isso quando a filósofa, utilizando-se dos conceitos aristotélico-tomistas, amplia a visão do Deus Criador, revelado nos textos bíblicos.

Em “O ente e a essência”, Santo Tomás de Aquino apresenta o Deus cristão como causa primeira. Para o filósofo dominicano,

é preciso que haja alguma coisa que seja causa de ser para todas as coisas, por isto que ela própria é apenas ser; de outro modo, ir-se-ia ao infinito nas causas, pois toda coisa, que não é apenas ser, tem causa do seu ser, como foi dito. É claro, portanto, que a inteligência é forma e ser; e que tem o ser a partir do ente primeiro que é apenas ser; e este é a causa primeira que é Deus. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 40)

No pensamento steiniano, a fé e a razão se complementam para uma compreensão plena do divino. Assim, na convergência da filosofia grega com a escolástica, Stein, consegue explicar ao homem moderno, que Deus é este, revelado pela fé e conhecido pela razão humana. Logo, para Stein:

Não devemos pensar que a ação da “causa primeira” não pode ser concebida senão como *ação livre*, visto que todo operar que não é ato livre é causado e, por conseguinte, não é o primeiro operar. A *ordem racional* e a *conveniência* do mundo remetem igualmente a uma pessoa enquanto autor: só por meio de um ser racional pode ser introduzida uma ordem racional na obra; só uma essência que conhece e quer pode pôr fins e ordenar os meios para esses fins. Mas razão e liberdade são as características essenciais da pessoa. (2019, p. 365)

O Deus de Edith Stein, expresso por meio da linguagem, é o “artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis” (DENZINGER, 2015, n. 125), capaz de organizar o caos da existência atraindo todos os seres a Si. Entre tantos conceitos de Deus,

Tomás emprega expressões como: “Deus é sua bondade, sua vida” etc., e, igualmente, “Deus é seu ser”. São diversas as tentativas de expressar sob forma de juízo algo que no fundo não se deixa já expressar na forma de um juízo. Pois cada juízo implica uma articulação, mas o perfeitamente simples exclui toda articulação. O mais que se pode dizer seria “Deus é... Deus”, para expressar a impossibilidade de uma determinação essencial por algo diferente do próprio Deus. O nome de Deus designa essência e ser na unidade indissolúvel. (STEIN, 2019, p. 365)

Segundo a filósofa, ao ser compreendido pelo eu, a ideia de ato puro, que é o ser eterno, torna-se a medida de seu próprio ser. Seguindo nesta linha de raciocínio, Stein conclui que, “o caminho da fé nos dá mais que o do conhecimento filosófico” (2019, p. 86). Isto significa que o caminho da fé “nos conduz ao Deus pessoal, e próximo, ao afetuoso e ao misericordioso, e nos dá uma certeza que não se encontra em nenhuma parte no conhecimento natural” (STEIN, 2019, p. 86).

Por compreender o ser eterno como possuidor do ser, Àquele que é capaz de dar o ser aos seres criados, Stein reflete sobre a grandeza e a transcendência da divindade diante do ser finito. A fenomenóloga argumenta que:

É verdadeiramente infinito o que não pode acabar, sendo que não recebeu o ser como dom, mas está em posse do ser, é dono do ser, e em verdade é o próprio ser. Chamamo-lo de ser eterno. Não tem necessidade do tempo, mas é também o dono do tempo. (STEIN, 2019, p. 91)

Stein, compreende a condição originária deste primeiro ente que é Deus. Dele provém todas as coisas, tudo o que existe encontra sentido em Deus. Por isso, de acordo com o pensamento steiniano:

O ser eterno possui a plenitude do sentido, e não pode “tomar” senão de si mesmo o sentido, com o que cada criatura fica completa quando é chamada à existência. Assim o ser das essencialidades e das quididades não deve ser pensado independentemente do ser eterno. É o próprio ser eterno quem configura as formas eternas em si mesmo, não em um devir temporal, e segundo elas cria o mundo no tempo e com o tempo. (STEIN, 2019, p.135)

A busca da compreensão filosófica do Deus judaico-cristão, leva a filósofa dizer que “o ser de Deus é sua essência; Deus é impensável sem o ser” (STEIN, 2019, p. 138). Todo este esforço é limitado diante da magnificência do Criador. Quando se aproxima da Divindade, o ser humano tenta apreender, por meio da linguagem, aquilo que a razão sobrenatural lhe revela. Neste sentido, ao refletir sobre uma Fenomenologia da Religião, Raniero Cantalamessa, expressa que,

não é que Deus seja complexo ou que mude de natureza (ele é a própria simplicidade do ser); nós é que somos incapazes de abarcar, com um só olhar, a realidade infinita e simplíssima. Temos a necessidade de dois ângulos distintos para conhecê-Lo, tal como precisamos de dois olhos para captar a profundidade dos objetos. (2014, p. 21)

Stein, já havia escrito isso antes, de outra maneira, ao dissertar sobre a essência e o ser de Deus. Ambas são, para a autora, as facetas da mesma Divindade, que podem ser captadas pela inteligência humana, de diversas maneiras. Deste modo, de acordo com Edith Stein, podemos dizer que,

sem dúvida a identificação do ser divino e da essência divina expressa sua inseparabilidade do ser essencial e do ser real em Deus: *ser essencial de Deus é o ser real e, de fato, o ser mais real: é ato puro*. Mas, visto que Deus não é compreensível para nós nem como ser nem como essência, e posto que nos aproximamos sempre dele somente por meio de imagens finitas nas quais ser e essência estão separados, assim este aproximar-se leva a cabo, às vezes, do lado da essência, às vezes, do lado do ser; e por isso, falamos como de uma coisa separada que em si não é separável. (2019, 140)

Deste modo, Stein avança em novos conceitos para a inteligência deste Deus em quem professava sua fé, a quem dedica sua reflexão filosófica, com quem se relaciona misticamente pela via da interioridade.

A Divindade, ao comunicar-se com o ser humano, não esgota-se em sua grandeza e mistério. Pensar a respeito de Deus é, partir da especulação filosófica rumo ao encontro com este mesmo Deus, o que podemos chamar, de acordo com as obras de Stein, de encontro místico. Para Angela Ales Bello:

Se é verdade que a fé nos faz sentir a proximidade de Deus, não nos possibilita todavia, compreendê-lo até o fundo. Também a teologia faz grande esforço de esclarecimento que conduz a pontos firmes, mas não esgota o conhecimento das verdades eternas. Edith Stein repete com Santo Agostinho: “*Si comprehendis no est Deus*” [Se compreendes não é Deus]. Utilizando a linguagem fenomenológica, ela sustenta que a nossa condição humana e terrena não alcança a *plenitude* daquilo que buscamos; isto é, não temos uma visão adequada. Tal posição está de acordo com o que São Tomás diz no *De Veritate*: ainda que o lume infundido por Deus seja mais eficaz do que o lume natural, entretanto, em nossa condição humana, aquela luz não é participada de modo perfeito. Isto só acontecerá quando *in lumine Dei videbimus lumen* (Sl 35,10) [na luz de Deus veremos a luz]. (2018, p. 108)

## 2. O AMOR, O AMADO E O AMANTE: A TRINDADE SANTA

Voltando ao capítulo primeiro do livro de Gênesis, após o autor sagrado narrar aquilo que simbolicamente representa a formação do universo, o Eterno decide criar o ser humano: “Façamos o homem, à nossa imagem, como a nossa semelhança” (1,26).

Para alguns Padres da Igreja, neste trecho pode-se perceber, além da presença do Pai Criador, também a presença do Filho e do Espírito Santo, como explica São Basílio Magno, em sua “Primeira homilia sobre a Origem do Homem”: “Não reconheças o Pai, negando o Filho, porque o Pai criou por meio do Filho, e o Filho segundo a vontade paterna” (1998, 1,4, p. 45). Santo Agostinho, disserta

também, longamente, sobre este tema em seu “Comentário ao Gênesis”, no livro III, capítulo XIX, parágrafo 29, desta maneira:

Agora, para nossa investigação e nosso estudo concluírem as obras dos seis dias, dizemos em primeiro lugar, em poucas palavras, que não se há de considerar com indiferença o que está dito em outras obras: Deus disse: “Faça-se”; e aqui: Deus disse “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, ou seja, para insinuar, por assim dizer, a pluralidade das pessoas, considerando o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Logo depois há uma advertência para se entender a unidade da deidade, dizendo: Deus fez o homem à sua imagem: não como se o Pai o fizesse à imagem do Filho, ou o Filho, à imagem do Pai; de outro modo, se o homem foi criado à imagem do Pai somente, ou do Filho somente, não teria dito com verdade: à nossa imagem; mas foi dito: à imagem de Deus o fez, como se dissesse: Deus fez à sua imagem. Mas o que diz agora: à imagem de Deus, enquanto que antes havia dito: à nossa imagem, significa que a pluralidade de pessoas não age de tal modo que nos leve a dizer ou crer ou entender que há muitos deuses; mas foi dito: à nossa imagem: Pai e Filho e Espírito Santo, devido a esta Trindade e se disse: à imagem de Deus, para entendermos um só Deus. (2005, p. 107-108)

A correta compreensão da Trindade em si, das relações existentes entre as Pessoas Divinas, serão a base sólida na qual a filósofa alemã sustentará seu pensamento acerca deste Deus triúno. Agostinho deixa claro de que se tratam de três Pessoas, mas, um só Deus. Stein, ao explicar este texto, escreve que:

Junto à manifestação do nome divino “eu sou”, encontra-se no Antigo Testamento essa fórmula a proposição da criação: “Façamos o homem à nossa imagem”, que nossos teólogos interpretam como a primeira alusão ao mistério da Trindade: convém também, observar as palavras claras do Salvador: “Meu Pai e eu somos um só” (Jo 10,30). O nós enquanto unidade constituída pelo eu e pelo tu é uma unidade superior à do eu. É, em seu sentido mais perfeito, uma unidade de amor. (2019, p. 371-372)

A reflexão filosófica sobre Deus, foi de extrema importância para a definição do Dogma da Santíssima Trindade. Termos como “hipóstase” e “pessoa”, ajudaram na formação dos Credos cristãos, que foram aprovados nos pelos primeiros Concílios Ecumênicos e, conseqüentemente, no desenvolvimento de toda a Filosofia e Teologia dos primórdios do cristianismo. Segundo Edith Stein,

as tentativas para captar conceitualmente a doutrina revelada da Santíssima Trindade deram lugar à formação dos conceitos filosóficos de “hipóstase” e de “pessoa”. Graças a esses conceitos, conseguiu-se algo essencial não só para a compreensão da revelação de Deus em três pessoas, mas também para a compreensão do ser humano e, em uma palavra, o real cômico. (2019, p. 379)

Sem ajuda da Filosofia, dificilmente a Teologia conseguiria amadurecer temas como: a Santíssima Trindade, pessoa, hipóstase, da mesma substância, questões de ética e moral, liberdade, graça, pecado original e culpa, responsabilidade, entre outros.

Para Edith Stein “o Deus criador é um Deus trinitário” (2019, p. 463), e, cada criatura é uma imagem desta Trindade. A razão natural, juntamente com a razão sobrenatural, nos dá acesso na compreensão deste Deus, que se revela para aquele que o busca. Desta maneira, podemos inferir que o “ser pessoa divina é o arquétipo de todo ser pessoa finito” (STEIN, 2019, p. 371).

Por meio desta complexidade de conceitos, nem sempre fáceis de serem compreendidos, Stein apresenta a Trindade como a expressão de um Deus que é amor e relação. Quando cada uma das Pessoas divinas atua, ela o faz em comunhão com as outras duas. Desta maneira, Stein esclarece que:

Visto que Deus é o amor, o ser divino deve ser o ser-uno de uma pluralidade de pessoas, e seu nome “eu sou” equivale a “eu me dou inteiramente a um tu”, e portanto, também com um “nós somos”. (2019, p. 372)

Tendo entendido ao Deus uno e trino, como este Amor que se relaciona entre si e com a humanidade, Stein nos prepara para compreender como aplicar estes conceitos acerca da relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Aprofundando neste tema, Stein explica-nos os conceitos de pessoa e hipóstase, baseando-se na doutrina filosófica da Santíssima Trindade, que nos foi legada pelos Padres da Igreja e faz parte dos documentos oficiais do Magistério eclesial. De acordo com Edith Stein:

A vida íntima de Deus é o amor recíproco inteiramente livre de todas as criaturas, imutável e eterno das pessoas divinas entre si. O que se entrega reciprocamente é uma única, eterna e infinita essência que abraça perfeitamente cada uma delas e todas juntas. O Pai oferece – desde toda a eternidade – ao Filho, enquanto o gera, e enquanto o Pai e o Filho se dão um ao outro, o Espírito Santo procede deles, como seu amor recíproco e entrega. (STEIN, 2019, p. 372)

Não pretendemos aqui ingressar em terreno teológico, mas apenas, vislumbrar um pouco do que Stein concebeu sobre a Trindade e, quanto esta reflexão, auxiliou a filósofa e mística em seu próprio percurso de fé e busca pela Sabedoria.

É muito importante para a reflexão sobre o Deus cristão, que é trinitário, a contribuição steiniana. Filósofa de origem judia, capaz de chegar ao ápice da compreensão divina, em Stein, podemos ver claramente que “o Deus de Israel, agora adorado também pelos cristãos, era uma comunidade de pessoas” (OLIVEIRA, 2017, p. 15). Desta maneira entende-se que:

O “modo de ser pessoal” de Deus é o ser que *como* tal abrange tudo, é único e distinto de todo ser finito. Aqui não encontramos a contraposição do “universal” com o “particular”, do mesmo modo que a contraposição entre o ser essencial e o ser real está aqui eliminada. Toda a essência é comum às

três pessoas. Assim, só fica a diversidade das pessoas como tais: uma unidade perfeita do nós, que nenhuma comunidade de pessoas finitas poderia alcançar. E, no entanto, nessa unidade, a distinção do eu e do tu, sem a qual nenhum nós é possível. (STEIN, 2019, p. 371)

Stein, consegue por meio de suas elucubrações, fazer-nos entender que “o ser da segunda e terceira pessoas é um ser recebido, mas não é um ser que tenha nascido, como o ser criado: é o ser *único* de Deus que é, ao mesmo tempo, dado e recebido; o dar e receber pertencem ao próprio ser divino” (2019, p. 372).

Percebe-se, no raciocínio steiniano, aquilo que a Igreja reza em seu Credo: a saber que, crê em Deus que é Pai e Criador; no Filho unigênito, gerado e não criado, da mesma substância que o Pai; e no Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho (cf. DENZINGER, 2015, n. 150).

O Deus da fé, é apresentado ao mundo filosófico do século XX com toda sua força, trazendo para a humanidade, que atingia o auge de seu desenvolvimento tecnológico, intelectual e político, uma resposta perene diante das incertezas que, esta mesma sociedade, trazia dentro de si.

Ainda sob os efeitos de uma Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixara marcas na sociedade europeia e, na iminência de uma Segunda Grande Guerra (1939-1945), que seria ainda mais catastrófica que a Primeira, a humanidade necessitava reencontrar a face do Deus que ama, cuida, socorre e protege o seu povo.

É neste contexto que Stein vive e produz sua obra filosófica. É diante do horror do antissemitismo, da perseguição e da guerra, da qual a autora torna-se também vítima, que denuncia a violência e a falta de empatia que são fruto de uma sociedade da razão, onde Deus é apenas uma representação alegórica para validar as estruturas de poder. Por isso, ao falar de Deus, nas mais densas nuvens da História recente, Stein apresenta-se como mensageria da esperança e da confiança em Deus.

Diante de tudo isso, pode-se ver uma luz a dissipar as trevas deste momento histórico, onde o ser de Deus é compreendido como vida, mesmo diante das situações de morte causadas pelo próprio ser humano. Tendo em mente tudo isso, vemos a importância de Edith Stein, haver escrito que,

o ser de Deus é *vida*, ou seja, um movimento que se produz a partir da interioridade própria, de dentro, em definitivo, um ser gerador. Não se trata, de nenhuma maneira, de um movimento para a existência como o do ser finito, criado, nem tampouco de um movimento mais além de si mesmo, como o do ser gerador finito, mas de um movimento eterno em si mesmo, de um eterno tirar de si, partindo do fundo do ser próprio infinito, como a entrega-presente do eu eterno a um tu eterno, um eterno receber-se e dar-se correspondentes. E, visto que o ser-uno que brota eternamente nesse dar e receber produz, uma vez mais, *em comum*, de si o que é dado e o que é

recebido – porque o ser-uno supremo como tal tem que ser necessariamente fecundo -, o círculo da vida interior de Deus se fecha, por conseguinte, na terceira pessoa, que é dom, amor e vida. (2019, p. 372-373)

A própria Edith Stein faz uso da autoridade do Símbolo de fé pseudoatanasiano “*Quicumque*” (“Todo o que”), onde podemos ver o Credo da Igreja cristã do século IV. Assim declara o símbolo:

(3) A fé católica é que veneremos um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, (4) não confundindo as pessoas, nem separando a substância; (5) pois uma é a pessoa do Pai, outra a [pessoa] do Filho, outra a [pessoa] do Espírito Santo; (6) mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade [...]. (21) O Pai não foi feito por ninguém, nem criado nem gerado; (22) o Filho é só pelo Pai, nem feito nem criado, mas gerado; (23) o Espírito Santo do Pai e do Filho, nem feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. (24) Portanto, um só Pai, não três Pais; um só Filho, não três Filhos; um só Espírito Santo, não três Espíritos Santos. (25) E [-!] nesta Trindade nada é antes ou depois, nada maior ou menor, (26) mas todas as três pessoas são entre si coeternas e coiguais (DENZINGER, 2015, n. 75)

Ladaria, em seu livro “Introdução à Antropologia Teológica”, apresenta, de maneira muito clara, a diferenciação das funções trinitárias, que faz parte de um mesmo princípio. O autor retoma a tradição dos Padres da Igreja, para explicar que a diferença entre as Pessoas Divinas, mas que, mesmo diante das diferenças de funções, o cristão professa a fé em um só Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Segundo escreve Ladaria:

Mas é justamente esta a tradição mais antiga da Igreja; a mediação de Cristo foi afirmada no Novo Testamento. Também a intervenção do Espírito logo foi ressaltada. Assim, por exemplo, diz Atenágoras: “afirmamos a Deus mediante cujo Verbo foi feito e por cujo Espírito é mantido”. Para santo Irineu, como se sabe, o Filho e o Espírito são as “mãos de Deus”, mediante o Pai criou todas as coisas. Também Tertuliano, santo Atanásio, são Basílio de Cesaréia viram com matizes diversos uma diferenciação de funções no único e indivisível princípio que é princípio que é a Trindade. O Pai tem a iniciativa, o Filho é mediador, no Espírito tudo foi feito, é a causa aperfeiçoadora. (2007, p. 46)

Partindo da reflexão sobre o Símbolo “*Quicumque*” e tendo em conta o pensamento dos Padres da Igreja acerca do mistério da Trindade Santa, Edith Stein, por meio do conhecimento filosófico, busca compreender até o limite da razão humana, tudo que é possível ao homem vislumbrar do mistério de Deus, ser-uno e trino. Segundo a autora,

o Filho é designado como coeterno (*coaeternus*) com o Pai, mas como “gerado pelo Pai”; o que significa que Ele recebe seu ser eterno do Pai. A *essência divina* é uma e, por essa razão, não pode ser designada como gerada. O que é gerado é a segunda pessoa, e o ser que recebe não pode ser o ser essencial da *essência divina*, mas somente o seu *ser-real* em uma segunda pessoa. Visto que a pessoa do Filho e seu ser real são algo novo em relação com a pessoa do Pai, pode-se dizer também dela que recebe o ser. Mas a essência não recebe seu ser essencial. (STEIN, 2019, p. 137)

Ao refletir sobre a Pessoa do Verbo e sua relação com a criação, Stein nos mostra a missão do Filho (a economia da salvação) e a relação imanente entre as Pessoas Trinitárias, demonstrando o papel de cada uma delas nesta relação de amor.

Podemos ver a influência agostiniana da Trindade quando, Stein, especula sobre a vida intratrinitária de Deus. Esta, serve-se da obra do filósofo africano para fundamentar o capítulo VII, de “Ser finito e ser eterno”, onde a autora trata da “Imagem da Trindade na criação”. Escreve a filósofa que:

Poder-se-ia considerar os quinze livros do De Trinitate (A Trindade), de santo Agostinho, como o fundamento de toda a doutrina trinitária ulterior. Nessa obra, ele se esforça por elaborar, primeiro, com clareza, o conteúdo da doutrina revelada e de trazer, em seguida, caminhos para que compreenda o entendimento. A doutrina da fé destaca a unidade da “substância” (isto é, da essência) nas três pessoas: assim, elas são totalmente iguais e são uma só. Diferenciam-se pelas “relações”: o Pai “gera” o Filho, o Pai e o Filho “exalam” o Espírito Santo. A essa distinção acrescenta-se ainda a diferença na aparição temporal da segunda pessoa: só o Filho nasceu da Virgem, foi crucificado, morreu e foi sepultado; só o Espírito Santo apareceu sob as formas de pomba e de línguas. (STEIN, 2019, p. 379-380)

Em seu tratado sobre a Trindade, Santo Agostinho ensina que:

Todos os comentadores católicos dos Livros divinos do Antigo e do Novo Testamento, que tive a oportunidade de ler e que me precederam com seus escritos sobre a Trindade, que é Deus, expuseram sua doutrina conforme às Escrituras nestes termos: o Pai, o Filho e o Espírito Santo perfazem uma unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância. Não são, portanto, três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Filho que não é o Pai. O Filho foi gerado pelo Pai, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho pertence à unidade da Trindade. (1994, I,4,7)

Diante da vida intratrinitária, chamada de Trindade imanente, onde o Pai, o Filho e o Espírito vivem numa comunidade de Amor. Por gratuidade e bondade de Deus, vem a ação econômica ou histórico-salvífico da Trindade. Em seu livro “Curso fundamental sobre a fé”, Karl Rahner escreve que:

A Trindade “imanente”, visto que, na autocomunicação de Deus à sua criatura pela graça e encarnação, Deus realmente se doa a si mesmo e surge realmente como é em si mesmo, então, tendo em vista o aspecto histórico e econômico-salvífico presente na história da auto-revelação de Deus no Antigo e no Novo Testamento, podemos dizer: na história da salvação, quer coletiva quer individual, vêm ao nosso encontro imediato não quaisquer forças numinosas que representem a Deus, mas nos vem ao encontro e nos é dado na verdade o próprio Deus único, que em sua absoluta singularidade – que nada pode substituir ou representar – advém ele próprio onde nos achamos e onde o recebemos a ele próprio e como ele próprio em sentido estrito. (1989, p. 168)

Depois de compreender um pouco do conceito de Deus Pai Criador e as relações que ocorrem no interior da Trindade, agora, vamos refletir sobre o Espírito

Santo. A Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, é descrito como: fonte da vida, plenitude da vida divina, dispositivo da vida, arquétipo da vida criada (cf. STEIN, 2019, p. 437).

Stein escreve: “O Espírito Santo é ‘o dom’: não só a entrega das pessoas divinas entre si, mas o dar-se da divindade ‘para fora’; ele (Espírito Santo) contém em si todos os dons que Deus faz às criaturas” (2019, p. 438).

O Espírito Santo emerge na reflexão de Stein como arquétipo da vida criada, o vivificador. O Credo constantinopolitano declara: “Creio... no Espírito Santo, Senhor e vivificador” (DENZINGER, 2015, n. 150). Tendo em conta este texto dogmático da profissão de fé, a autora escreve que:

Em seu Credo, a Igreja designa o *Espírito Santo* como a fonte da vida, o “vivificador”. Pois bem, só pode vivificar aquele mesmo que não recebe a vida, mas que é a “vida em pessoa”. Também, podemos ver no Espírito Santo a *plenitude de vida* divina. (STEIN, 2019, p. 437)

Estar diante dos textos steinianos sobre a Trindade é como perceber o céu abrir-se diante dos olhos e contemplar este sagrado Mistério de Amor. Mistério este, que não se esgota, capaz de dar-se a conhecer sempre e um pouco mais, à medida que a pessoa humana se rende diante desta Verdade de Fé.

Stein, enquanto filósofa, chega ao limite do que sua razão é capaz de apreender. Enquanto crente, é convidada a lançar-se na noite escura da fé e, enquanto mística, é convidada a sentar-se à mesa da Trindade que faz morada no interior da alma humana.

Deste modo, a Trindade apresentada por Edith Stein, é fruto de sua experiência concreta diante deste sagrado Mistério. Não é apenas fruto de sua reflexão filosófica, mas, demonstra a abertura da filósofa diante do Amor, do Amado e do Amante. Assim, envolvida pelas Pessoas Divinas, Stein escreve que:

O Pai leva o nome de Pai porque tudo vem dEle, e Ele não provém de ninguém. O Filho se chama Filho porque vem do Pai, e “se diz Verbo do Pai porque procede do Pai enquanto é gerado pela atividade do intelecto, como gerado do Espírito, assim como em nós o originado interiormente pelo Espírito se chama palavra” (Catechismus Catholicus, Roma, 1933, Pro adultis, cap. III, q. 86, p. 112). A terceira pessoa se chama “Espírito Santo” “por meio de uma expiração única segundo o modo do amor; é o primeiro e supremo amor, que move os ânimos e os conduz à santidade, que consiste, em último termo, no amor de Deus” (op. cit. cap. III, q.119, p. 123). (2019, p. 437-438)

O amor é a chave de leitura para desvelar o mistério da Trindade Santa. A filósofa, tal como Moisés, é chamada a tirar as sandálias dos pés para pisar no sagrado solo do coração da Trindade (cf. Ex 3,5). O papel do filósofo diante de Deus

é de reverência, acolhida e adoração. O ser humano é impulsionado a avançar em sua inteligência rumo a este Mistério (cf. BENTO VI, 2018, p. 26).

A tarefa do filósofo e, conseqüentemente do teólogo, é refletir sobre este tema da Trindade, o que, como consequência, leva o estudioso ao desvelamento de Deus uno e trino. Rahner explica este desvelamento com estas palavras:

Pelo fato de Deus se revelar a si mesmo a nós nas maneiras que indicamos como sendo trinitárias, já fizemos a experiência da Trindade imanente do mistério santo como ele é em si mesmo, porque sua comunicação livre e sobrenatural a nós na graça no-lo comunica em seu mais íntimo, e porque sua absoluta identidade consigo mesmo não significa homogeneidade sem vida e vazia, mas, pelo contrário, essa identidade enquanto divina vitalidade implica de seu votar-se para nós. (1989, p. 169)

Adentrando no terreno da Trindade, tomamos uma citação da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino, de quem provém a base filosófica da reflexão de Edith Stein. Segundo Santo Tomás:

O Espírito Santo se chama nexa entre o Pai e o Filho, enquanto amor; pois o amor do Pai por si mesmo e pelo Filho, sendo uma única dileção, e inversamente, implica em ser o Espírito Santo, como Amor, uma relação entre o Pai e o Filho, e vice-versa, como entre o amante e o amado. Mas por isso mesmo que o Pai e o Filho mutuamente se amam, é necessário que de ambos proceda o Espírito Santo, que é o mútuo Amor. Segundo pois a sua origem, o Espírito Santo não é meio, mas a terceira pessoa da Trindade; mas segundo o estado predito, é o nexa médio das duas que procede. (1980, Questão XXXVII, art. I,4)

São João Paulo II escreve que “em auxílio da razão, que procura a compreensão do mistério, vêm também os sinais da Revelação” (*Fides et ratio*, 1998, n. 13). Neste ponto percebemos o quão necessários são os instrumentos oferecidos pelas Sagradas Escrituras para a compreensão do Dogma da Trindade. Ainda, segundo o Sumo Pontífice polonês, estes instrumentos apresentados pela Revelação “servem para conduzir mais longe a busca da verdade e permitir que a mente possa autonomamente investigar até dentro do mistério” (1998, n. 13).

Partindo da reflexão aristotélico-tomista e secundada pelos dados da Revelação, Stein interpreta à sua maneira ao Deus que se revela como Amor. De acordo com a filósofa:

Tratamos de compreender a pluralidade das pessoas divinas partindo, partindo do fato de que Deus é o *amor*, mas que o amor é uma livre autoentrega do eu a um tu e um ser em um nós. Visto que Deus é espírito, é transparente a si mesmo e gera desde toda a eternidade a “imagem” de seu Ser, na qual Ele se vê em si mesmo, ou seja, seu Filho idêntico a ele em essência, a Sabedoria ou o Verbo. Visto que Deus é amor, o que ele gera como sua “imagem” é, pois amor, e a relação recíproca do Pai e do Filho é amante entrega de si e ser-uno no amor. Mas, já que é o mais livre que há, é entregar-se a si mesmo como ato do que se possui a si mesmo, ou seja, de uma *pessoa* – no entanto, em Deus, é o ato de uma pessoa que não existe e

não ama como nós, mas é o próprio amor ou cujo ser é amor – por isso. O amor divino deve ser pessoa: a pessoa do amor. Quando o Filho e o Pai se amam um ao outro, seu entregar-se é, ao mesmo tempo, um ato livre da pessoa do amor. (STEIN, 2019, p. 348)

Todas estas especulações de Edith Stein acerca da Trindade, têm suas bases na sólida reflexão do pensamento cristão ocidental e oriental. Reflexão esta, que teve como grandes pilares: os capadócijs, Basílio de Cesareia, Gregório Nazianeno e Gregório de Nissa, do lado grego; e, do lado latino, Hilario de Poitiers, Novaciano, e, principalmente, Agostinho, cuja herança se faz perceber até os dias atuais. Segundo o santo bispo de Hipona:

O que é o amor ou a caridade, tão louvada e exaltada pela Escritura, senão o amor do Bem? O amor, porém, supõe alguém que ame e alguém que seja amado com amor. Assim, encontram-se três realidades: o que ama, o que é amado e o mesmo amor. (AGOSTINHO, 1994, VIII, 10,14)

Em um comentário deste trecho do tratado sobre a Trindade de Santo Agostinho, Edith Stein escreve que:

Deus é o amor; é o ponto de partida de santo Agostinho, e é já em si a Trindade. Pois ao amor correspondem um amante e um amado, e, finalmente, o próprio amor. Se o espírito se ama a si mesmo, então, o amante e o amado são um, e o amor, enquanto pertence ao espírito e à vontade, torna-se um com o amante. (2019, p. 464)

Sintetizando o que escreveu santo Agostinho e santo Tomás, Edith Stein, afirma que “o amor é o ser de Deus, vida de Deus, essência de Deus. Corresponde a cada uma das pessoas divinas e à sua unidade” (2019, p. 469). O ser de Deus que é amor, pode ser apreendido das Sagradas Escrituras, as quais, revelam que “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo,4,16).

Bento XVI, logo na introdução de sua encíclica “Deus é amor”, escreve que:

Essas palavras da Primeira Carta de João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e consequente imagem do homem e de seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-os, por assim dizer, uma fórmula sintética da resistência cristã: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem”. (2006, n. 1)

O ser finito tem diante de si o ser eterno que é amor e, “dá-se às criaturas que criou para amar” (STEIN, 2019, p. 435). Nesta experiência com Deus, o ser humano compreende melhor a sua própria humanidade, pois, percebe-se imagem e semelhança do Amor.

Por meio da especulação filosófica sobre o ser eterno, o ser humano se vê diante da experiência mística com Aquele que é a origem de todo o ser. Quando o saber humano chega ao limite da razão natural, o ser finito é convidado a adentrar

dentro de si mesmo para descobrir aí, a morada da Divindade. Sobre isso, escreve Ales Bello:

É neste ponto que Edith Stein introduz a sua reflexão mística, considerando-a como uma prefiguração da visão beatífica, concedida excepcionalmente, depois de um percurso difícil e atormentado da alma. Sentindo a presença de Deus, na sua interioridade, a alma se põe a procurar a parte mais interna daquele castelo ao qual Santa Teresa d'Ávila a havia comparado. Ao cabo deste caminho acontece o arrebatamento e o êxtase, a união profunda da alma com Deus. Esta experiência é realmente um antegozo da visão beatífica, segundo o testemunho dos místicos, porquanto Deus já não se dá apenas *in speculum et in aenigmate* (1Co 13,12) ["No espelho e em enigma"], mas se manifesta diretamente. Podemos levantar a hipótese de que ao ser humano é concedida tal experiência como garantia da realização da visão beatífica. (2018, p. 109)

Deste modo compreendemos que “o amor é o ser de Deus, vida de Deus, essência de Deus. Corresponde a cada uma das pessoas divinas e à sua unidade” (STEIN, 2019, p. 469). Na escola de pensamento carmelitana, Edith Stein, reinterpreta a ideia das moradas de Santa Teresa de Jesus, quando fala da união mística da alma com Deus, união de amor. Tudo isso nos revela que “ao lado da via tomista, que parte das coisas para chegar a Deus, Edith Stein se deixa guiar também pelo percurso agostiniano que chega a Deus por meio da interioridade” (BELLO, 2018, p. 108).

Carvalho Silva, ao descrever o caminho espiritual e intelectual de Stein, que emerge em sua obra “A Ciência da Cruz”, aponta os fundamentos teóricos da percepção de um Deus que deseja unir-se com o fiel, tal como o esposo e a esposa do livro Cântico dos Cânticos. Assim escreve Carvalho Silva:

Em contraposição ao pensamento grego, o Pseudo-Dionísio sublinha a visão bíblica do conceito Deus: “Deus só pode ser conhecido na medida em que se revela”<sup>10</sup>. Noutras palavras, Deus, procura a alma mais do que esta a Ele. Esta é a imagem clássica, tanto nos textos Sagrados Hebraicos, quanto nos Evangelhos; o Eterno busca com ternura materna, solicitude pastoral e amor nupcial, o Povo de Israel. E Jesus utiliza essa linguagem simbólica, fazendo alusão a si mesmo como esposo, conforme consta Mateus 9,15, aguardando a resposta do ser humano a essa proposta amorosa. Edith Stein, filha de Israel, vive totalmente envolvida por essas ideias e deseja ardentemente se unir ao eu amado. (2019, p. 40-41)

De acordo com Carvalho Silva, na obra “Ser finito e ser eterno”, Edith Stein demonstra a vocação da alma àquilo que é eterno. O ser finito, na busca de compreender a verdade primeira do ser, compreende-se a si mesmo e mergulha no oceano do insondável mistério de Deus. Segundo o autor,

sendo a interioridade mais profunda da alma a morada de Deus, pela sua livre personalidade, pode se entregar a Ele, haja vista que o chamado para se unir ao Senhor é querido e oferecido por Deus a todo ser humano, pois a alma

<sup>10</sup> Edith Stein: a filósofa judia e mestra espiritual. Grande Sinal, Petrópolis, v. 41, n. 2, p. 175-176, 1987. Cf. “Tijdschrift voor Philosophie”, ano 8, 1946, p. 37.

individual encontra-se destinada a uma vida eterna, o que permite compreender que ela deveria reproduzir em si a imagem de Deus de uma maneira completamente pessoal (CARVALHO SILVA, 2019, p. 151)

Se, em São João da Cruz, vemos a busca da alma pelo Amado, em Santa Teresa d'Ávila descobrimos as moradas de Deus dentro de cada um, Edith Stein apresenta, por meio de sua reflexão filosófica o coroamento de toda busca sincera por Deus e esta *in-habitação* da Divindade em si.

Santa Teresa d'Ávila, em sua obra “Castelo interior ou moradas”, da qual serve-se Stein em seus escritos, especialmente em “Ser finito e ser eterno”, narra ao leitor que, chegando na sétima morada interior, a alma é capaz de ver a Trindade. Santa Teresa d'Ávila assim escreve:

Introduzida nesta morada, por visão intelectual, se lhe descobre a Santíssima Trindade – Deus em três Pessoas, mediante certa representação da verdade. Primeiro lhe vem uma inflamação do espírito, como uma nuvem de grandíssima claridade. Vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas. Por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta que as três são uma substância, um poder, um saber, um só Deus. Desta maneira, podemos dizer que a alma entende ali – por ter visto – o que cremos pela fé; [...] Aqui as três Pessoas se lhe comunicam e falam. Fazem-na compreender aquelas palavras do Senhor no Evangelho, dizendo que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e guarda seus mandamentos (cf. Jo 14,23). (1984, p. 230)

Segundo a santa reformadora da Ordem Carmelita, quanto mais a alma se aproxima das moradas mais internas (sexta e sétima moradas), mais ela pode conhecer a Deus mesmo. É neste momento em que se dá o matrimônio espiritual, uma união de amor, outro tema tratado por Stein em sua reflexão. Unida plenamente a Deus a alma pode gozar de sua presença. Para Stein,

o Deus onipresente está presente onde queira e sempre: nas criaturas inanimadas e nas criaturas privadas de razão que não podem acolhê-lo da mesma maneira que a alma. Está presente nas *moradas exteriores* da alma, nas quais ela mesma não constata nada da presença de Deus e está presente em sua interioridade, ainda quando ela está dentro de si. Assim, pois, não se pode dizer que Deus vem a um lugar onde não estava antes. O fato de que Deus seja acolhido pela alma significa mais que essa se abre livremente a Ele e que se entrega a essa união, de maneira que somente é possível entre pessoas espirituais. Trata-se de uma união de *amor*: Deus é o amor e a participação no ser divino, que garante a união, deve ser uma participação no amor. Deus é a plenitude do amor. (STEIN, 2019, p. 521)

Neste belíssimo texto de Stein que está em forma de apêndice de “Ser finito e ser eterno”, em que a filósofa analisa a obra de Santa Teresa d'Ávila, “Castelo interior ou Moradas”, podemos observar a importância para a antropologia steiniana destas fontes teresianas. Edith Stein escreve que:

E, se a morada mais interior está reservada para o Senhor da Criação, também é certo que só a partir da última profundidade da alma – ponto cêntrico do Criador –, pode-se conseguir uma imagem realmente adequada da Criação: não será uma imagem que englobe tudo, como corresponde a Deus, mais sim uma imagem sem deformações. Fica assim absolutamente consistente o que a santa expressou tão nitidamente: quer entrar em si mesmo significa aproximar-se gradualmente de Deus. (2019, p. 566)

Partindo desta reflexão acerca do ser finito, Stein mostra, no interior deste o caminho para chegar ao ser eterno, à grande sala nupcial, onde criatura e Criador unem-se no mais pleno amor, onde Deus, uno e trino, revela-se ao ser humano. Neste caminho filosófico, “ninguém penetrou tão fundo da alma como os homens que com ardente coração abarcaram o mundo e pela forte mão de Deus foram liberados de todas as ataduras e introduzidos dentro de si no mais íntimo de sua interioridade” (STEIN, 2019, p. 570).

### 3. DO LOGOS ETERNO AO CRUCIFICADO

A encarnação do Filho de Deus trouxe para a especulação filosófica um novo paradigma. Da personalidade histórica, Jesus de Nazaré, ao Cristo da fé, presente nos Credos e nas orações dos fieis, emerge diante dos atentos olhos dos filósofos, o *Logos* Eterno. Ao explicar o que pode ser compreendido por *logos*, a filósofa escreve que:

*Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος*, assim responde a sabedoria eterna à pergunta enigmática do filósofo. Os teólogos traduzem: “No princípio existia o Verbo” (Jo 1,1); por esse termo entendem Verbo Eterno, a segunda pessoa do Deus Trino. Mas nós não violentamos essas palavras de são João se, conforme as considerações que nos conduziram até aqui, tratamos de dizer com Fausto: “No princípio era o sentido”. (STEIN, 2019, p. 136)

Deste modo, compreende-se quando dizem que é “impossível filosofar *como se* Cristo não tivesse existido *e como se* o evento crístico não tivesse deixado sua marca no pensamento” (ZUCAL, 2003, p. 29). Jesus Cristo será objeto das mais diversas escolas filosóficas. O prólogo do Evangelho de João, será a base filosófica e teológica para a hermenêutica cristã do termo grego, *Logos*.

É interessante observar que, um termo tão cheio de significados da filosofia grega, torna-se um dos nomes da divindade ao entrar em contato com o cristianismo. Segundo Stein, ao entendermos “o sentido filosófico do *Logos*, no que penetramos, pode ajudar-nos a compreender o sentido teológico do *Logos* e, por outro lado, a verdade revelada pode ajudar-nos também nas dificuldades filosóficas” (2019, p. 136).

São Justino, filósofo oriundo da Palestina, martirizado em Roma, no ano de 165, interpreta o *Logos*, como segunda Pessoa da Trindade, em suas “Apologias (I e II)” e em seu “Diálogo com Trifão”. O escritor eclesiástico admite, sem hesitar, que os antigos filósofos, os quais conheceram e praticaram a verdade, tais como Platão e os estóicos, tiveram parte no *Logos*. Contudo, eles não O possuíram integralmente. “O *Logos* total (ὁ πᾶς λόγος) aparece em Cristo”, diz o santo, “ao passo que aqueles filósofos possuíram-no apenas germinalmente ou em parte (ἐμφυτα σπέρματα [μέρη] τοῦ λόγου)” (SÃO JUSTINO in BOEHNER; GILSON, 1970, p. 29).

Nestes primórdios da Filosofia Cristã, Clemente de Alexandria (que viveu entre 150-215), também traz o conceito *Logos*, para sua reflexão filosófica. “Foi Deus quem criou a nossa raça”, explica Clemente em sua obra “O Pedagogo”, “para que ela participe dos seus bens. Tendo feito tudo para todos, pôs o seu Verbo (*Logos*) à disposição de todos os homens” (in CORDEIRO, 2015, p. 197). De acordo com Zucal:

Com a imagem esplêndida Clemente de Alexandria compara a revelação de Cristo a um único grande rio no qual se reuniram dois afluentes, dois cursos de água que Deus mesmo predisusera para que fosse aumentada a sabedoria daqueles que deveriam acolher do Verbo feito carne. O primeiro afluente constitui-o o Antigo Testamento, o segundo a filosofia grega que precede o advento de Cristo. Na grande temporada da filosofia grega pré-cristã haveria, pois, alguma “prefiguração do Cristo”, e também se nem todos concordam com essa tese, atribuindo antes a uma indevida e anacrônica cristianização (ou anexação) sucessiva do pensamento antigo a releitura em sentido antecipado de muitos conceitos filosóficos, é difícil negar a emoção interior que invade o estudioso quando relê certas passagens cruciais do pensamento grego. É o que acontece com a doutrina do *Lógos* em Heráclito ou Xenófanés, que é ao mesmo tempo princípio de luz para o intelecto humano. E princípio da ordem e da unidade harmoniosa das coisas. (2003, p. 9-10)

Tendo retornado rapidamente a alguns exemplos filosóficos dos primórdios do cristianismo, percebemos na filosofia de Edith Stein, uma continuidade desta mesma filosofia, que recebe o nome de Cristã.

A princípio, Deus é compreendido como: ser eterno, ser infinito, ser essencial, ser perfeito, primeiro ente, ato puro, ente eficaz-originário, Pai, Criador. Em seguida, Stein nos apresenta o Filho de Deus, Segunda Pessoa da Trindade Santa, como *λόγος*, traduzido pela filósofa como *sentido*, também como Verbo, Palavra Eterna, Jesus Cristo, cabeça da humanidade, cabeça de toda a criação, configuração final, totalmente homem. Desta maneira, chega-se à conclusão que:

Assim devemos compreender pelo *Λόγος* divino um *ser real*, isto é, o *ser divino* segundo a doutrina da Trindade. Que seja chamado *sentido* se explica pelo fato de que é a essência divina *como entendido*, ou seja, como *conteúdo do conhecimento divino*, como seu “sentido espiritual”. Também pode ser chamado Verbo, visto que é o conteúdo do que Deus fala; o conteúdo da

revelação portanto o sentido linguístico e mais originariamente: porque o Pai se expressa aí e o Verbo se gerou de sua palavra. (STEIN, 2019, p. 136)

Aquilo que Edith Stein foi capaz de elaborar sobre o *Logos*, ajuda-nos a entender a eternidade da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Uma vez que, “no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo, 1,1), cabe ao filósofo compreender esta verdade de fé. Para explicar este tema, Stein escreve que:

É possível separar, ainda que seja em pensamento, o ser essencial do λόγος de seu ser real, como é possível fazê-lo no caso da essência finita? A Trindade como tal parece indicar semelhante separação. O Filho é designado como coeterno (*coeternus*) com o Pai, mas como “gerado pelo Pai”; o que significa que Ele *recebe* seu ser do eterno Pai. A *essência divina* é uma e, por essa razão, não pode ser designada como gerada. O que é *gerado* é a *segunda pessoa*, e o ser que recebe não pode ser o ser essencial da essência divina, mas somente seu *ser-real* em uma segunda pessoa. Visto que a pessoa do Filho e seu ser real são algo novo em relação com a pessoa do Pai, pode-se dizer também dela que recebe o ser. Mas, a essência não recebe o seu ser essencial. (STEIN, 2019, p. 137)

A doutrina do *Logos* ganha, por meio do trabalho de Edith Stein, um novo vigor hermenêutico no século XX. O *Logos*, traduzido por sentido pela filósofa, é o organizador da criação, capaz de religar os laços do homem com Deus, os quais foram rompidos pelo pecado original. Assim, de acordo com a autora:

A própria expressão *Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος* admite tal interpretação se pensamos no significado que possui o ἀρχῇ na filosofia grega. Certamente, esse termo não significa o “começo” como “princípio de tempo”, mas “o primeiro ente”, o ente originário. Assim, o sentido da frase misteriosa vem a ser: no primeiro ente estava o Logos (o “sentido” ou a “essência divina”) – no Pai estava o Filho –, o sentido do real originário. A “geração” significa a colocação da essência na nova realidade pessoal do Filho, que é, no entanto, a posição ao exterior da realidade originária do Pai. (STEIN, 2019, p. 137)

O Cristo, mediador entre o Criador e as criaturas, é aquele que revela a face de Deus ao homem. Sendo “verdadeiro Deus e verdadeiro homem” (DENZINGER, 2015, N. 301), Ele que é “a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram feitas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e invisíveis” (Cl 1,15-16). Jesus Cristo, abre o acesso direto do ser humano à Divindade, por meio da fé e da razão. Escreve Stein que:

O Logos ocupa uma particular posição média; tem, por assim dizê-lo, uma face dupla, das quais uma reflete o ser divino único e simples, e a outra, a diversidade do ente finito. É a essência divina como ela é conhecida e é também a diversidade do sentido do criado, abrangido pelo espírito divino que reflete a essência divina. Assim se abre o caminho à *compreensão de uma dupla revelação visível do Logos: no Verbo feito homem e no mundo criado*. E daqui isso nos leva a refletir sobre a inseparável pertinência recíproca do Logos feito homem e “feito mundo” na unidade da “cabeça e do corpo, um

só Cristo”, como encontramos na teologia do apóstolo São Paulo e na doutrina da realza de Cristo em Duns Scotto. (STEIN, 2019, p. 148)

Segundo o Apóstolo Paulo, Cristo é a cabeça da Igreja, seu corpo místico (cf. Cl 1,18). Deste modo, os cristãos, que formam este corpo místico, progridem na fé, até atingirem o “pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado do Homem Perfeito, a medida da estatura de Cristo” (Ef 4,13).

Stein, ao reconhecer em Cristo, Verbo Eterno, o arquétipo dos entes finitos (cf. 2019, p. 437), deixa transparecer a ideia que, “como cabeça da humanidade, que une em si o superior e o inferior. Cristo é a cabeça de toda a criação” (2019, p. 542). Assim, de uma antropologia filosófica, que buscava compreender a estrutura da pessoa humana, Stein amplia sua reflexão para o terreno da antropologia teológica, para que, conhecendo melhor a Pessoa Divina do Verbo, o homem assuma de modo mais perfeito a sua humanidade. Partindo destes pressupostos,

no que concerne ao Verbo divino, o “sentido” (*Λόγος*) – o conhecimento divino de si em pessoa –, a sagrada Escritura nos diz que por ele foram feitas todas as coisas, e encontram nele fundamento e conexão. Interpretamos essa “conexão” como relação de significado de todo ente no *Logos*, como plano divino da criação; a “subsistência”, consideramo-la como o ser-fundado das coisas criadas nos arquétipos criadores que possuem no *Logos* um ser, ao mesmo tempo essencial e real (e, por conseguinte, ativo). (STEIN, 2019, p. 373)

O ser humano, redimido em Cristo, é chamado a cristificar sua existência. Conforme escrevera São Paulo, “pois nele aprovou Deus, fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para eles todos os seres” (Cl 1,19-20). Ao que podemos perceber, no pensamento steiniano, quando a filósofa diz que “consideremos o *Verbo Eterno*, o *Logos*, como a *unidade do sentido* que contém em si toda a plenitude de todo sentido, como arquétipo de todas as unidades de sentido finitas. (STEIN, 2019, p. 437).

O Cristo steiniano, é apresentado em uma fraternidade universal com o ser humano, capaz de aproximar o ser eterno do ser finito, pelo processo kenótico, no qual, Jesus, “estando na forma de Deus, não usou o seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, [...]. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se [...]” (Fl 2,6-7a. 8).

Neste despojar-se e abaixar-se, Cristo eleva a humanidade, “tomando a forma de um escravo” (Fl 2,7b), à dignidade de filhos de Deus, não apenas criaturas. Por isso, Stein destaca que:

É Cristo – e não Adão – quem é o “primeiro nascido” de Deus e a cabeça da humanidade. É o primogênito não só como é o Filho eterno de Deus, mas

também – segundo o vejo – como pai dos eleitos, como Verbo feito homem, cujo caminho sobre a Terra e a glória encontravam-se desde toda a eternidade no plano de Deus. (STEIN, 2019, p. 534)

Como filhos de Deus, a humanidade caminha na liberdade e na graça para a realização plena do eu puro. São João Paulo II, em sua Encíclica “*Redemptor hominis*”, escreve que:

Nesta dimensão o ser humano reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios de sua humanidade. No mistério da Redenção o homem é novamente “expresso” e, de algum modo, novamente criado. Sim, ele é criado! “Não há judeu nem gentio, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher: todos vós sois um só em Cristo” (Gl 3,28). (DENZINGER, 2015, n. 4640)

Stein, deixa expresso na figura do Filho do Homem, o fim para o qual dirigem-se todos os homens. Não se trata de uma divindade inacessível, mas, de um Deus humanado, que, por meio de sua Encarnação-Paixão-Morte-Ressurreição, torna-se uma porta de entrada perene para o seio da Trindade Santa. Segundo a autora, “a humanidade redimida e unida a Cristo e por Cristo é um templo em que mora a Divindade Trinitária” (STEIN, 2019, p.542).

A mística e fenomenóloga, deixa claro que “Cristo, o ressuscitado, o Rei da glória, é o arquétipo e a cabeça da humanidade; a configuração final, à qual está orientado todo ser humano que lhe dá seu sentido” (STEIN, 2019, p. 534).

O ser finito apresentado por Stein é, apesar de sua contingência, um ser divinizado pela participação da divindade do ser eterno, que se fez homem. “A união das duas naturezas em Cristo”, para Edith Stein, “é o fundamento da união dos outros homens com Deus. Por essa união, é Ele o mediador entre Deus e os homens, o ‘caminho’ fora do qual ninguém pode ir ao Pai” (2019, p. 535).

O Magistério da Igreja também assume esta ideia. São João Paulo II, segue em sua encíclica “*Redemptor hominis*”, dizendo que:

O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente – não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios ou medidas do próprio ser – deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza pecaminosa, com sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Ele deve, por assim dizer, entrar nesse com tudo o que é em si mesmo, deve “apropriar-se” e assimilar toda realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. (DENZINGER, 2015, n. 4641)

Por meio de Cristo, a humanidade chega a plena posse do ser. Stein vê no Crucificado a união esponsal do ser finito com o ser eterno. Neste processo de mística união, o homem “chega à *ideia da plenitude*, apagando do seu próprio ser aquilo de que tem consciência como de uma insuficiência” (STEIN, 2019, p. 83).

O Crucificado é capaz de atrair a todos até Ele e, neste encontro com o Jesus na Cruz, cada homem e cada mulher é chamado a reconhecer n'Ele a pessoa do Verbo, o Filho de Deus, narrado por São Marcos, desvelado pelo centurião presente no Calvário (cf. Mc 15,39). Mas, não basta apenas estar diante da Cruz reconhecendo o Salvador.

Por meio da união mística de amor da alma com o Esposo, pode-se dizer, como o Apóstolo Paulo: “fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 19b-20). Stein, ao refletir acerca de uma imagem que São João da Cruz fez de Jesus Cristo Crucificado, revela que:

Difícilmente haverá um artista que não sinta o desejo de reproduzir a imagem de Cristo. O Crucificado exige, entretanto, do artista, algo mais do que a simples imagem. Requer de cada homem a imitação: isto quer dizer que o artista deve também transformar-se em Cristo, a ponto de carregar a cruz e ser, como ele nela pregado. (1998, p. 14)

Cada vez mais, a filósofa identifica-se com Cristo Crucificado. Tendo acrescentado o mistério da Cruz em seu nome, Stein vive uma verdadeira *via crucis*, que pode ser percebida em suas muitas cartas deste período, e, que não deixa de ter sua influência em suas duas grandes obras “Ser finito e ser eterno” e, principalmente “A Ciência da Cruz”.

Em “A Ciência da Cruz”, Stein, ao meditar sobre a obra de São João da Cruz, com seu olhar fenomenológico, busca compreender o Cristo que emerge dos textos do grande doutor e místico. Segundo Stein:

Os profetas e os evangelhos completando-se, descrevem o Messias, obediente ao Pai, veio para reconquistar a esposa, tomando sobre si o jugo para libertá-la, a ponto de não recusar a própria morte para reconhecer-lhe a vida (1998, p. 20-21).

Aprofundando-se no pensamento de São João da Cruz, Edith Stein fala das “noites escuras da alma” em seu caminhar purgativo rumo ao Eterno. De acordo com as palavras da própria filósofa,

a cruz não é um fim em si mesma. Ela se ergue e aponta para o alto. Não é somente sinal, é a arma forte de Cristo. É a vara do pastor, com que o Davi divino vai ao encontro ao Golias das trevas e com a qual o golpeia, abrindo-se a porta do céu. E a torrente da luz divina transbordará, envolvendo a todos os que formam o séquito do Cristo crucificado. (STEIN, 1998, p. 24)

Contemplando o arquétipo do Crucificado, o ser humano compreende o seu caminho de ascensão rumo ao ser. É a “via dolorosa” do processo de reconhecimento

de si mesmo no Outro, no Cristo da Cruz que “ao anunciar sua paixão e morte de cruz, anuncia simultaneamente sua Ressurreição” (STEIN, 1998, p. 55).

Na *ciência da Cruz* de Edith Stein, realiza-se o ápice da ascensão do ser finito. É o encontro do ser finito com o ser eterno, o encontro com “a própria cruz de Cristo, a morte de Cristo na cruz e o Crucificado” (STEIN, 1998, p. 22). A própria filósofa viveu em sua vida o calvário do antissemitismo nazista e, sofreu em sua própria pele, as dores de seu povo. Escreve sua “A Ciência da Cruz” durante os anos terríveis da Segunda Guerra Mundial.

Tendo sido obrigada a sair de seu país, Alemanha, rumo a Echt, na Holanda, entende, diante do sacrifício de Cristo, que seu próprio caminho rumo ao ser, culminará com o seu próprio sacrifício. Em seu testamento, Edith Stein escreve assim:

Aceito, desde agora, a morte que Deus me reservou, em perfeita submissão à sua santa vontade e com alegria. Peço ao Senhor que Ele possa receber minha vida e morte para a sua honra e glória, por todas as intenções dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e da Santa Igreja, em particular para a conservação, santificação e realização da nossa sagrada Ordem, especialmente os Carmelos de Colônia e de Echt, em expiação pela incredulidade do povo judeu e a fim de que o Senhor seja recebido pelos seus, para que o seu Reino venha, pela salvação da Alemanha e pela paz do mundo e, finalmente, pelos meus familiares, tanto os vivos como os falecidos, e todos que Deus me deu, para que nenhum deles se perca. Sexta-feira da Oitava de Corpus Christi, 9 de junho de 1939, no sétimo dia de meu retiro espiritual.

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.  
Irmã Teresia Benedicta a Cruce, OCD.

## CONCLUSÃO

Percebemos, ao longo deste trabalho, a amplitude, a atualidade e a importância da reflexão de Edith Stein para a contemporaneidade. Ao estudarmos a obra de Edith Stein, filósofa, mística e mártir, podemos reencontrar a via que nos leva à Deus por meio da razão aberta ao dom da fé.

Vislumbramos um pouco daquilo que foi, viveu e escreveu Edith Stein. A própria filósofa deixa registrado que seus trabalhos expressam tudo aquilo que ela buscou compreender na vida, como mulher, fenomenóloga, judia, agnóstica, cristã, professora, monja carmelita. Assim narra Edith Stein: “Meus trabalhos são sempre somente manifestações daquilo que me ocupou em minha vida, porque sou construída assim, e assim preciso refletir” (2022, p.18).

Stein condensa em sua reflexão aquilo de mais belo que a Filosofia e a Mística Cristã ocidental nos deixou como legado. Sobre a herança filosófica de Edith Stein, o filósofo escocês Alasdair MacIntyre, reflete que:

O que imergiu no fim das contas de sua vida como filósofa foi um projeto incompleto, incompleto não apenas por ter sido assassinada aos cinquenta anos em Auschwitz-Birkenau, mas, mais importante ainda, porque o que ela nos deixou não foi tanto um conjunto de respostas como um conjunto de questões filosóficas e teológicas. Suas questões, é claro, como todas as questões deste tipo, pressupõem posições já tomadas e conclusões às quais ela havia chegado. Mas o ponto sobre essas conclusões é nos tornar conscientes do caráter inescapável das questões. (2022, p. 20)

Do Eterno, reverenciado em sua casa, passando pelas concepções filosóficas de Deus, como *actus purus*, o ser primeiro, passando pela visão filosófica e teológica do Deus Uno e Trino, até chegar ao Esposo das almas consagradas, Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, o Crucificado-Ressuscitado.

Contemplando algumas figuras das mulheres do Antigo Testamento, podemos compreender Edith Stein como continuadora destas mulheres no hoje da história. Miriam, Débora, Rute, Ana, Ester, Judite, Isabel e, por fim, Maria, mãe de Jesus. Mulheres fortes e importantes na vida de seu povo. Stein, como filha deste povo hebreu, faz convergir em sua vida os dois Testamentos, professando a fé no Messias esperado pelos judeus

“Não há nem judeu, nem grego; não há mais nem escravo, nem homem livre; não há mais nem homem, nem mulher; todos vós, realmente, sois um só em Cristo” (Gl 3,28). Este belíssimo texto de São Paulo aos gálatas, expressa um pouco da herança intelectual de Edith Stein ao mundo contemporâneo. Pois, por meio de sua

vida, de sua militância em favor das mulheres e contra o antissemitismo, de suas conquistas e fracassos nas esferas acadêmicas e, principalmente, de sua extensa obra que abarca diversas áreas do conhecimento, Stein, rompeu as barreiras e limites a ela impostos, deixando o caminho pavimentado às mulheres, aos pensadores de origem judaica e aos cristãos que se propunham a pensar a fé com o auxílio da razão, naquele início de século XX.

Compreendemos, ao estudar as principais obras do período cristão de Edith Stein que, quando tem em seu horizonte a fé, o filósofo possui instrumentos mais adequados para seguir em sua busca de compreensão do ser para além da contingência e finitude, da temporalidade. Ao comentar acerca da obra steiniana MacIntyre escreve que:

Foi um incidente providencial que ela tivesse encontrado o pensamento de Tomás na época certa e assim tenha e tornado capaz de desvendar justamente as questões que precisavam ser perguntadas sobre a relação entre a filosofia tomista e a fenomenologia. E aqui estou louvando mais as questões de Stein do que as suas respostas. As respostas são de grande relevância, mas elas deixam muito espaço para que se discorde delas, e muitas vezes provocam mais questionamentos. Os escritos de Stein, tanto primitivos quanto tardios, não são tanto um convite à concordância quanto a repensar em sua companhia as questões com as quais ela se preocupava. E, já que ela, de modo geral e característico, identificou as questões que são cruciais, isso faz dela uma pensadora muito mais importante do que muitas vezes se julgou. (2022, p. 246)

Olhando a História da Igreja e, especialmente, das mulheres da Igreja, vemos o pensamento de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), tão importante para a reflexão cristã dos tempos hodiernos, quanto das Doutoradas da Igreja Católica: Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179), Santa Catarina de Sena (1347-1380), Santa Teresa d'Ávila, Santa Teresinha do Menino de Jesus e da Sagrada Face (1873-1897). Sua contribuição vem sendo cada vez mais estudada. O seu caminho intelectual rumo ao Eterno é uma resposta, uma prova da existência de Deus para os homens deste tempo.

Dentre as diversas maneiras de referir-se a Edith Stein, tanto no âmbito pessoal (mulher, filha, irmã, etc.), no acadêmico (doutora, filósofa, fenomenóloga, professora, etc.), como no religioso (monja, santa, etc.), destacamos o termo mística. É surpreendente que uma filósofa moderna, que estudou profundamente os principais filósofos da História da Filosofia, possa ser chamada por um termo, por vezes mal quisto entre os estudiosos. Maria Clara Bingemer, explica, de modo magistral

importância dos místicos para as mais diversas áreas do saber moderno. Segundo a teóloga,

os místicos são os melhores teóricos de sua experiência e de que apenas eles e elas têm a capacidade de narrar o que experimentaram em contato e união com o Mistério Divino. A partir dessa experiência, tornaram-se “logotetas”, como diz Roland Barthes: inventaram um novo alfabeto, criaram linguagem e abriram novos universos para dizer o Absoluto em palavras finitas. Portanto, atraem a atenção de várias áreas do saber, desde a psicologia até a teologia, passando pela filosofia, pela literatura e pela arte. (BINGEMER; PINHEIRO, 2016, p. 7)

Edith Stein, cabe perfeitamente nesta descrição de Bingemer, pois, em seu pensamento, podemos ver convergir as influências das mais diversas áreas do saber contemporâneo, da psicologia à literatura, da história à teologia, da pedagogia à filosofia. Enfim, é importante reconhecer na filósofa e monja carmelita, a mística da Cruz, que foi capaz de deixar como herança para o saber e a vida espiritual dos homens e mulheres de todos os tempos, a mais fina flor do conhecimento do Eterno.

Ao contemplar o doce e terno rosto do Crucificado (cf. BOFF, 2022, p. 55), Stein mostra aos doutos e sábios deste tempo, que a Cruz de Cristo, “que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura”, é a verdadeira Sabedoria, o caminho para a salvação. “Cristo é o caminho para a vida interior” (STEIN, 1984, p. 62), e o mistério do Calvário é a porta de entrada da vida divina.

Edith Stein escreve um belíssimo texto para a Festa de Santa Cruz, em 14 de setembro de 1938, no qual a filósofa deixa transparecer um pouco de sua ciência da Cruz, nas seguintes palavras:

Contempla ao Senhor quem diante de ti, está pendurado no madeiro, porque foi obediente até a morte de Cruz. Ele veio ao mundo não para fazer a sua vontade, mas sim a do Pai. Se queres ser a esposa do Crucificado, deves renunciar totalmente a tua vontade e não ter outra aspiração senão a de cumprir a vontade de Deus [...]. O Crucificado crava em ti os olhos, te interrogando, te interpelando. Queres voltar a comprometer-te a sério com Ele na aliança? Qual será a tua resposta? Senhor, para onde iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna. Salve Cruz, única esperança! (in BINGEMER; PINHEIRO, 2016, p. 374-375)

Toda experiência mística passa pela Cruz. Seu mistério e sua força ao ser apreendido pelo ser finito torna-se a via da união mística com Deus (cf. STEIN, 2014, p.21-22). O homem reconhece no Homem-Deus Crucificado a plenitude à qual todo ser humano foi chamado desde a criação. Em Cristo Crucificado, podemos ver a plenitude do amor de Deus até as últimas consequências, da obediência do Filho, capaz de suportar os mais atrozes sofrimentos para cumprir a vontade do Pai.

É este mistério de amor e oblação que nos lega Edith Stein. Por meio do estudo de suas obras somos convidados a adentrar no solo santo da Trindade e, deixar fruir em nós toda a graça que provém deste encontro, que se dá no mais íntimo do nosso ser, em nosso castelo interior. Segundo Stein:

El amor por la Cruz y la gozoza filiación divina, además, no se oponen, pues la unión con Cristo es nuestra beatificación celestial y el crecimiento evolutivo en esa unión representa nuestra felicidad en la tierra. Ayudar a cargar con la Cruz de Cristo nos proporciona una alegría fuerte y pura, y quienes pueden y tienen derecho a hacerlo, los constructores del Reino de Dios, son sus verdaderos hijos. De ahí que la preferencia por el camino da Cruz no signifique de ninguna manera que olvidemos que el Viernes Santo ya ha sido superado y la Obra de Salvación consumada. Solamente los redimidos, los hijos de la gracia pueden ayudar a Cristo a cargar con la Cruz. (2014, p. 104-105)

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

### 1. BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA:

STEIN. Edith. **A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz**, 8ª ed. Tradução D. Beda Kruse São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Los Caminos del silencio interior**. 6 ed. Buenos Aires: Bonum, 2014.

\_\_\_\_\_. **Na força da cruz**. Tradução de Hermann Baaken. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

\_\_\_\_\_. (Santa Teresa Benedicta de la Cruz). **Obras completas Volume I: Escritos autobiográficos y cartas**. Dirección: Julen Urkiza, OCD; Francisco Javier Sancho, OCD. Traducción: Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido. Revisión: Julen Urkiza, OCD. Madrid, Espanha: Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, Monte Carmelo, 2002.

\_\_\_\_\_. (Santa Teresa Benedicta de la Cruz). **Obras completas Volume III: Escritos filosóficos (etapa de pensamento Cristiano: 1921-1936)**. Dirección: Julen Urkiza, OCD; Francisco Javier Sancho, OCD. Traducción: Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz-Garrido. Revisión: Julen Urkiza, OCD. Madrid, Espanha: Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, Monte Carmelo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ser finito e ser Eterno**; Coordenação João Ricardo Moderno; Tradução Zaíra Celia Crepaldi. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

\_\_\_\_\_. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução: Enio Paulo Gianchini; Gilfrano Lucena dos Santos; Juvenal Savian Filho; Márcia Sá Cavalcante Filho; Ursula Anne Mathias. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019.

\_\_\_\_\_. **Uma investigação sobre o Estado**. Tradução de Maria Christina Siqueira de Souza Campos. São Paulo: Paulus, 2022.

\_\_\_\_\_. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução: Maria do Carmo Ventura Wollny; Renato Kirchner. Revisão técnica Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.

### 2. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

**Argumentos Revista de Filosofia: dossiê Edith Stein**. Revista do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Ano 9. N° 18. Jul./Dez.2017.

BELLO, Angela Ales. **Edith Stein: a paixão pela Verdade**. 2ª impressão; Curitiba: Juruá, 2014.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Ir. Jacinta Turolo Garcia; Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006.

**Fenomenologia e experiência religiosa**. Org. Angela Ales Bello ... [et al.]. Curitiba: Juruá, 2020.

CARVALHO SILVA, Luís Carlos de. **Edith Stein – João da Cruz: teologia e sociedade**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio**: sobre as relações entre a fé e a razão. São Paulo: Paulus, 1998.

KUSANO, Mariana Bar. **A Antropologia filosófica e Edith Stein: entre Deus e a Filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MACINTYRE, Alasdair. **Edith Stein: um prólogo filosófico, 1913-1922**. Tradução de Luís Henrique Toniolo Serediuk Silva. Campinas: Ecclesiae, 2022.

MIRIBEL, Elisabeth de. **Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo**. Tradução de Maria do Carmo Wollny. Aparecida: Santuário, 2001.

### 3. BIBLIOGRAFIA TERCIÁRIA:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Tradução de Agostino Belmonte; Revisão e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. **A vida feliz: diálogo filosófico**. Tradução de Nair de Assis Oliveira; Revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1993.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Gênesis**. Tradução de Agostinho Belmonte. Volume 21. São Paulo, Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios**. Revisão de H. Dalbosco. Tradução de Adaury Fiorotti; **A vida feliz**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo, Paulus, 1998.

AQUINO, Santo Tomás de. **O ente e a essência**. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Suma contra os gentios. Volume II.** Tradução de D. Odilão Moura; D. Lugdero Jaspers. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica: primeira parte – Questões 1-49.** 2. ed. Volume 1. Tradução de Alexandre Corrêa; Organização e Direção de Rolívio Costa e Luis Alberto de Boni. Porto Alegre: Escola Superior Lourenço de Brindes; Livraria Sulina; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, GRAFOSUL; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

ARNS, Cardeal Dom Paulo Evaristo; GORGULHO, Frei Gilberto; ANDERSON, Ana Flora. **Mulheres da Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BASÍLIO MAGNO. **Basílio de Cesareia: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo.** Tradução de Roque Frangiotti, Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulus, 1998.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus é amor.** São Paulo: Loyola; Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Minha herança espiritual.** 2 ed. Tradução de Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2018.

BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.). **Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 2016.

BOÉCIO. **A consolação da filosofia.** Tradução de Willian Li; Revisão Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa.** Tradução de Raimundo Vier O.F.M. Petrópolis: 1970.

BOFF, Leonardo. **Habitar a terra: qual o caminho para a fraternidade universal?** Petrópolis: Vozes, 2022.

**Catecismo da Igreja Católica: novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim.** 5ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CORDEIRO, José de Leão (org.). **Antologia Litúrgica: textos litúrgicos patrísticos e canônicos do primeiro milênio.** 2 ed. Fátima, 2015.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** Atualizada por Johan Konings, com base na 43ª ed. alemã (2010), preparada por Peter Hünermann e Helmut Hoping. 3 ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro; HENRIQUES, Fernanda (org.). **Marginalidade e alternativa: vinte e seis filósofas para o século XXI**. 1 ed. Lisboa: Colibri, 2016.

HUSCENOT, Jean. **Los doctores de la Iglesia**. Madrid: San Pablo, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KIRCHNER, Renato. **Vestígios da trajetória de Edith Stein rumo ao Carmelo**. Revista Pistis e Praxis, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 13, ed. especial, p. 215-136, 2021. Disponível em: <http://file:///D:/EDITH%20STEIN/TEXTOSOBRE%20EDITH%20STEIN%20RENATO%20KIRCHNER.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.

LELOTTE, F. **Convertidos do século XX**. Tradução de Hoche Luiz Pulchário. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

LIMA VAZ, Henrique C. de. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

**Machzor de Rosh Hashaná com tradução e Transliteração**. Organização, edição e realização Jairo Fridlin, Victor Fridlin. São Paulo: Nova Stella, 1991.

MOLINARO, Aniceto. **Léxico de Metafísica**. Tradução de Benôni Lemos; Patrizia G. E. Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2000.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O amante, o amado e o amor: breve reflexões sobre o Deus de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2017.

PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (organizadores). **Deus na Filosofia do século XX**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média. Volume I**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da filosofia: Do Humanismo a Kant. Volume III**. São Paulo: Paulus, 1990.

SANTA TERESA DE JESUS. **Castelo interior ou moradas**. Tradução de Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro. 3 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. 7 ed. Tradução de Carmelitas Descalças de Fátima (Portugal), Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa (RJ), Carmelo de Piracicaba (SP). Petrópolis: Vozes; Carmelo Descalço do Brasil, 2002.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **No limiar do mistério: mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004.

**Torá: A Lei de Moisés**. São Paulo: Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov; Sêfer; Centro Educativo Sefaradi em Jerusalen, 2001.

ZUCAL, Silvano (org.). **Cristo na Filosofia Contemporânea. Volume I: De Kant a Nietzsche**. Tradução de José R. Vidigal. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cristo na Filosofia Contemporânea. Volume II: o século XX**. Tradução de Benôni Lemos; Patrizia G. E. Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2006.